

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANDREIA SILVA

200402885

**A NATUREZA VISITADA: UM ESTUDO DE CASO
NA CIDADE DE SANTA TERESA-ES**

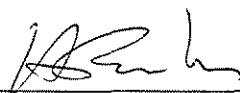
CAMPINAS
2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ANDREIA SILVA

**A NATUREZA VISITADA: UM ESTUDO DE CASO
NA CIDADE DE SANTA TERESA-ES**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Andréia Silva e aprovada pela Comissão Julgadora em 21 de Agosto de 2003.



Orientadora: Prof.ª Dr.ª Heloísa Turini Bruhns

CAMPINAS
2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE FC
Nº CHAMADA UNICAMP
Si 38n
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 57012
PROC 26/12/104
C _____ D X
PREÇO 22,00
DATA 27/02/04
Nº CPD _____

CM00193849-3

31B ID 310634

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA - FEF
UNICAMP**

Si38n	Silva, Andreia A natureza visitada: um estudo de caso na cidade de Santa Teresa-ES / Andreia Silva. – Campinas: [s.n], 2003. Orientador: Heloisa Turini Bruhns . Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 1. Lazer. 2. Ecoturismo. 3. Educação ambiental. 4. Educação. I. Bruhns, Heloisa T. (Heloisa Turini). II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.
-------	--

ANDREIA SILVA

**A NATUREZA VISITADA: UM ESTUDO DE CASO
NA CIDADE DE SANTA TERESA-ES**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Heloísa Turini Bruhns
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina de Moura
Carvalho

Prof.^a Dr.^a Rachel Negrão Cavalcanti

A minha família, razão de minha vida.

A Cassiel, minha proteção e luz espiritual.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e amparo nos momentos mais difíceis.

A Professora Heloísa Turini Bruhns, mais do que uma mestra, uma figura única e inigualável de profissional e de ser humano, pela orientação, pela amizade e pela oportunidade que por seu intermédio me foi concedida.

A minha família, com amor e eterna admiração, pelo companheirismo e alento; e pelo incentivo em lutar por meus ideais e acreditar em meu potencial como profissional.

Aos Professores Silvio Ricardo, Andréa Moreno e Alba Pedreira, pelo apoio inicial, pelos conselhos e por toda amizade, com meu carinho especial.

As Professoras Isabel Cristina e Rachel Cavalcanti, pelas contribuições enriquecedoras fornecidas para esta dissertação e por sua disposição em fazer parte da banca examinadora.

A Administração da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física e aos funcionários do Departamento de Lazer, pela oportunidade de continuar pesquisando, por todas as gentilezas e orientações.

As eternas amigas-irmãs da República Las Bohemias, pela amizade nos anos de Universidade e por continuarem presentes durante toda a minha jornada. Valeu Adoráveis Mulheres!

A Regina, Micheli (amarela) e Eduardo de Paula, a quem pretendo retribuir a gentileza com que me acolheram, abrindo-me as portas de suas casas e me recebendo com um ente querido.

Aos companheiros do GLEC, de quem sempre lembrarei, por me ajudarem a dar os primeiros passos em minha jornada; em especial a Alcyane, pela competência e alegria em mostrar que o meio acadêmico para ser sério não precisa ser sisudo ou prepotente.

Aos amigos da ESESFA, por acreditarem em meu trabalho e pelo incentivo diário para a conclusão do mesmo.

A todos os meus amigos de Viçosa, hoje profissionais formados e de sucesso, com minha saudade dos velhos tempos e a certeza de que o sucesso de meu trabalho é extensivo à vida de cada um.

A todos as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho, em especial, aos entrevistados, com quem consegui aprender que em uma pesquisa não somos os donos da verdade, mas, sim, companheiros do processo de sua construção.

Aos amigos de Santa Teresa, Felipe, Suzie, Caio, Geórgia, Bruna, Fred, Rafael, e, em especial Cristiane (Cris), pelos momentos que passamos juntos, por cada risada ou choro que compartilhamos, pela força e pela alegria de cada um. Obrigada por aparecerem, obrigada por existirem e obrigada por fazerem parte de minha vida.

A todos vocês que leram e lerão esse trabalho. Obrigada por tudo, porque foi muito bom e de certa forma fundamental. Obrigada belíssima Santa Teresa. Sem desanimar!!!

No canto da sala, diante da mesa, no fundo do prato, alegria e tristeza. A gente se olha, se toca e se fala, mas no momento em que cala desentende talvez. Mas ainda sou jovem pra tanta tristeza, deixemos de lado, cuidemos da vida. E se a vida for qualquer coisa parecida, deixemos de lado, cuidemos da vida. Minha avó me chama; é hora do almoço. Minha irmã me chama; é hora do almoço. E meu namorado negra cabeleira, minha mãe me chama: é hora do almoço.

Chico Buarque de Holanda

RESUMO

Trata da relação entre os programas de ecoturismo/ecovisitações e educação ambiental desenvolvidos na cidade de Santa Teresa-ES, buscando ampliar o referencial sobre a temática, bem como obter subsídios para entendimento dessa relação em um envolvimento entre a região escolhida e a sociedade mais ampla. Enfoca os seguintes eventos: o Passeio Ecológico ao Entorno da Reserva Augusto Ruschi, as Trilhas Interpretativas da Estação Biológica de Santa Lúcia e a XIV Semana do Meio Ambiente. Em sua abordagem metodológica, faz uso da pesquisa documental, juntamente com a revisão literária. Utiliza ainda, a observação participante, diários de campo, entrevistas semi-estruturada, para os participantes, monitores dos eventos, além da comunidade local e não-estruturada, para os organizadores. Por meio das reflexões que realiza pretende fornecer subsídios para discussões pertinentes quanto à apropriação, às limitações, aos avanços e às contradições desses elementos. Busca ainda fornecer parâmetros norteadores para novas versões e debates no contexto enfocado.

ABSTRACT

This is about the relation between the ecotourism/ecovisits programs and environmental education developed in Santa Teresa - ES, viewing to enlarge the reference about the theme, as well as to obtain subsidies to understand this relation in an involvement of the chosen region with the wider society. It focuses on the following events: the Ecological Trip to the Augusto Ruschi Reserve Boundary, the Interpretative Trails of Santa Lúcia Biological Station and the XIV Environment Week. On its methodological approach, it uses documental research, together with literature review. It also uses the participants' observation, field diaries, semi-structured interviews, to participants, events monitors, besides the local community and non-structured, to the staff. Through the reflections that it makes, it intends to provide subsidies to pertinent discussions on the appropriation, limitations, advances and contradictions of these elements. Still, it intends to offer orientating parameters to new versions and debates on the focused context.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
1.1 METODOLOGIA	10
CAPÍTULO I: APRESENTANDO O ESPAÇO	16
CAPÍTULO II: AS VISITAÇÕES À NATUREZA E OS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	38
2.1 PASSEIO ECOLÓGICO DO ENTORNO DA RESERVA BIOLÓGICA AUGUSTO RUSCHI	46
2.2 AS TRILHAS INTERPRETATIVAS DA ESTAÇÃO BIOLÓGICA DE SANTA LÚCIA	60
CAPÍTULO III: XIV SEMANA DO MEIO AMBIENTE DE SANTA TERESA	81
3.1 CAMINHADA NA NATUREZA: VISITA ÀS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	85
3.2 V PASSEIO CICLÍSTICO À ESTAÇÃO BIOLÓGICA DE SANTA LÚCIA	99
CAPÍTULO IV: A COMUNIDADE TERESENSE E OS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: BUSCANDO COMPREENSÕES	113
4.1 CÍRCULO TRENTINO DE SANTA TERESA	113
4.2 AUGUSTO RUSCHI E SUAS RELAÇÕES COM A CULTURA LOCAL	121
4.3 OUTROS PERSONAGENS	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	143
ANEXO A	153
ANEXO B	154
ANEXO C	155

1 INTRODUÇÃO

A questão ambiental é objeto de estudos em diversas áreas, como a Biologia, a Geografia, a Psicologia, a Educação Física entre outras. É, portanto, um campo multidisciplinar, pois nela se entrecruzam o conhecimento técnico-científico, normas e valores, bem como o elemento estético-cultural. Traz, assim, em seu bojo, questionamentos, realidades, contradições, tendo como pano de fundo fatos cotidianos e a relação do homem com a natureza. A complexidade da questão ambiental, então, decorre do fato de ela inscrever-se na interface da sociedade com o seu outro: a natureza. A dificuldade em lidar com ela, nos marcos dos pensamentos herdados, é evidente: no mundo ocidental, natureza e sociedade são termos que se excluem. As ciências da natureza e as do homem vivem dois mundos à parte. (GONÇALVES, 1996, p. 140).

Essa exposição permite uma reavaliação do mundo em nossa volta, de nossas ações como cidadãos e das necessidades de mudanças na realidade observada. A sensação de inquietação é uma constante: Quais as possíveis contribuições para essa temática dentro de cada contexto específico? O que fazer para ajudar a construir ou ao menos minimizar os impactos, os desastres ambientais, os quais refletem e são refletidos na estrutura social como um todo?

A trajetória da presente dissertação tem seu início nessas inquietações, nessas necessidades. Dissertações como esta procuram, mesmo perante dificuldades, gerar conhecimentos que possam ser compartilhados e utilizados para a modificação de um contexto específico.

Consultando as páginas da internet sobre o Estado do Espírito Santo, vimos destacada a seguinte manchete: *O Estado do Espírito Santo ganhou o título mundial de Biodiversidade através da cidade de Santa Teresa*. Essa mesma matéria foi publicada no jornal A Gazeta, em 22

de agosto de 1999. Para nós, tal notícia veio carregada de inúmeras lembranças e reflexões, primeiro, pelo fato de termos residido nessa cidade durante nove anos: vê-la receber esse título, contemplado também pelas florestas do sul da África, de Madagascar e da Colômbia, despertou nossa atenção, uma vez que o título de biodiversidade envolve em sua essência, questões econômicas, culturais e políticas geradoras de diversas conseqüências. Segundo, por verificar, em conversas com moradores da região, que, após a publicação dessa matéria, Santa Teresa começou a ser objeto de novos estudos na área ambiental.

Hoje, tais estudos estão em ascensão, pois vivemos nesta passagem do milênio uma grave crise ambiental. Essa crise é percebida por Grün (1994, p. 174) como nossa incapacidade de pensar a espécie humana e a natureza em conjunto, influenciada pelo paradigma da ciência moderna¹.

O autor alerta para o fato de que a crise ambiental tem como principal causa a tecnologia mal-utilizada, porém isso seria um dos sintomas, e não a raiz do problema. Em outras palavras, seria ingênuo de nossa parte entender a problemática ambiental apenas pelo prisma da utilização de tecnologias, tendo em vista o fato de seu emprego depender dos anseios dos homens.

Assim, o crescimento da utilização da ciência e da tecnologia na exploração dos recursos naturais não pode, por si só, ser responsabilizado pela degradação do meio ambiente, embora sem dúvida, constitua um dado importante na história recente da relação das sociedades com seus espaços (FARIA, 2002, p. 4).

A raiz do problema, portanto, está na responsabilidade do homem na apropriação dessas tecnologias e no reflexo de seu uso na natureza (SANTOS, apud GRÜN, 1994, p. 175), razão pela qual se faz necessário iniciar um processo generalizado de desaprendizagem de crenças,

¹ Esse paradigma da sociedade moderna assenta-se, segundo Grün (1994, p. 174), sobre a distinção entre natureza e sociedade, entre fato e valor e entre ciência e ética. Tal distinção surge com o intuito de fornecer aos cientistas a possibilidade de uma descrição matemática da natureza, postulando-se assim determinadas restrições, de acordo com as quais eles deveriam limitar-se ao estudo das propriedades essenciais dos corpos materiais. A conseqüência disso é a perda da sensibilidade estética, dos valores e da ética. A natureza é desantropomorfizada e um poderoso império intelectual é construído sobre esse objeto inerte e passivo. Trata-se, portanto, de um processo de objetificação do mundo natural, segundo o qual, a natureza é entendida como objeto a ser possuído e sem valor próprio.

conhecimentos e valores que um dia pareceram certos e inabaláveis, e tentar romper com a visão ecotecnista que reduz a crise ecológica a essa dimensão tecnológica (GRÜN, 1994, p. 189).

Diante disso, cada vez mais populações, prefeituras e ambientalistas se debruçam sobre questões de preservação, cuidados, campanhas e outras mais, tendo em vista não apenas a preservação da natureza, mas também a própria sobrevivência da cultura e do homem (BRAGA, 2000). Foi necessário chegar a um ponto caótico: a sensibilização pela dor e pela possibilidade da concretização de um mundo sem água potável, sem energia, sem ar puro e sem alimentos. Esse quadro de destruição dos recursos naturais pode implicar segundo Ehrlich (1997, p. 28), um desfecho para a civilização, dentro dos próximos cem anos, algo comparável a um inverno nuclear.

A dimensão ambiental ganhou força, também, na discussão sobre os rumos do desenvolvimento sócioeconômico, momento em que se afirmou a preocupação com problemas ambientais globais, passando o mundo de uma interação econômica ampla, para uma intenção ecológica irrestrita. Despontaram então, preocupações quanto a conservar e preservar o meio ambiente na medida em que os limites do próprio meio implicam a limitação da sua exploração pelo homem (RODRIGUES, 1998, p. 157).

Polemizando esse caráter socioeconômico, Nations (1997, p. 103) lembra que “[...] essa abordagem econômica é fruto do mundo em desenvolvimento, no qual somos obrigados a apresentar ângulos econômicos e utilitários para preservar a biodiversidade que nos beneficiará”. Uma contra proposta a essa abordagem baseia-se na negação de análises de custo-benefício, mostrando que a biodiversidade possui um valor intrínseco merecedor de respeito, simplesmente por existir e por fazermos parte dela. Assim, devemos deve-se privilegiar a dimensão do bem-estar conseguido pela preservação e, ao mesmo tempo, assegurar a seus atores o florescimento dos atributos de cada um, pois é uma das bases da própria liberdade, além de ser a essência da biodiversidade (BRÜGGER, 1999b, p. 96).

Santa Teresa, além de ser alvo desses novos estudos de pesquisadores de diversas instituições nacionais, como a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Universidade Estadual

de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Espírito Santos (UFES) e outras, começou a receber também investimentos, tendo por objetivo promover o contato com a natureza como uma fonte geradora de riquezas. Os visitantes ou turistas passaram a não se interessar somente pelo centro urbano em si, o qual retrata uma cultura marcadamente italiana, evidenciada nas fachadas das casas², nas praças e bares, bem como em algumas festas e danças, mas também por reservas, áreas naturais e, principalmente, pousadas e hotéis localizados perto de matas e cachoeiras.

Esbarramos, neste momento, em um dos maiores fenômenos da atualidade: a busca da natureza. Essa busca ocorre em Santa Teresa e em tantas outras localidades, recebendo em sua mais nova versão o nome de turismo ecológico. O turismo ecológico ou ecoturismo é um subproduto do turismo e compreende a organização de circuitos e "pacotes" que visam a um reencontro com a natureza, momento que a aventura é muitas vezes mais importante do que o conforto e a segurança (CAMARGO, 1997).

Nesse sentido, o principal objetivo do ecoturismo é a realização de visitas a áreas naturais não degradadas e não poluídas, a fim de estudá-las, admirá-las e usufruir a paisagem, suas plantas e animais, tanto quanto as manifestações culturais ali encontradas (FERREIRA, 2000). Observamos, portanto, que, além de possibilitar a experiência com a natureza, tal atividade inclui ao mesmo tempo possibilidades de contato com a cultura do local em que tais áreas estão localizadas.

A cultura e a natureza, portanto, podem ser entendidas como faces interligadas de uma mesma estrutura nessa atividade supracitada. É com a natureza, cuja representação é construída culturalmente, que os homens estabelecerão uma relação com a mesma (GONÇALVES, 1996, p. 83).

A cidade de Santa Teresa mostrou-se, com a sua cultura e a sua representação de natureza, receptiva a essa atividade, principalmente pela possibilidade de retorno financeiro e pela

² Toda essa herança do casario em Santa Teresa é mantida na cidade, por seus proprietários, dentro das possibilidades dos novos tempos. Esse fato pode ser observado na construção de bares e cafeterias em estílo italiano, ou na reforma de antigas construções com o intuito de tornarem-se atrativos para os visitantes e turistas.

oportunidade de estar revelando-se para o exterior. Interessante frisar que a cidade, no ano de 1999, acabava de emancipar um de seus distritos, São Roque, que era o principal gerador de impostos. Logo, investir em uma atividade geradora de lucros como o ecoturismo apresentava-se como uma ótima oportunidade às desvantagens sofridas com esse fato.

Visando ainda ampliar o seu turismo ecológico, Santa Teresa começou a fazer uso de atividades comumente relacionadas a essa modalidade de turismo: os esportes denominados de aventura, em especial, as trilhas ecológicas e o rapel. Essas atividades de lazer são atuais, observando-se constantemente o surgimento de outras e a criação de novos equipamentos (BRAGA, 2000). Adotadas pela indústria de materiais esportivos e também pelo mercado, tais atividades, hoje, incluem um forte apelo empresarial e financeiro, além de outros elementos, como a sociabilidade, a experimentação lúdica do corpo, a relação com o ambiente, entre outros.

Os investimentos, no entanto, não geraram tantos lucros, e as atividades, como os esportes de aventura, mostraram-se insustentáveis pela falta de equipamentos adequados, de preparação dos monitores, falta de uma infra-estrutura devidamente planejada. O turismo ecológico, então, começou a causar transtornos, tanto para a própria natureza de Santa Teresa, como para a população local, cerca de 80 % constituída por descendentes de italianos.

Santa Teresa passou, diante desse quadro, a ser alvo de investimentos irrefletidos na área de lazer, os quais buscavam meramente o retorno financeiro. Outras dificuldades surgiram, como a falta de apoio da administração pública e da própria comunidade para concretizar os trabalhos. Os moradores, por sua vez, tentaram fazer uso desses investimentos, buscando os "empregos fáceis" de guia, ou abrindo algum empreendimento voltado para a venda de massas italianas, artesanato ou comidas típicas.

O caráter de investimento do ecoturismo é analisado por Delgado (2000, p. 159) da seguinte forma:

[...] não importa se falamos de ecoturismo ou turismo, estamos obrigados a reconhecer que é um ramo da economia que envolve responsabilidade, tanto de parte de quem organiza, como de quem participa, para com o lugar ou cenário, para com as pessoas das comunidades que habitam o lugar ou que se relacionam com o mesmo. Espera-se que a presença do turista [ou visitante] num determinado programa não perturbe as condições existentes, e nem as naturais, nem as culturais

Nesse sentido, é preciso destacar que as práticas de ecoturismo não refletidas, nem discutidas, refugiando-se sob a adjetivação de ecológicas, não traduzem uma preocupação ambiental. Algumas propostas não estão, por conseguinte, comprometidas com nenhum vínculo educativo, pois não valorizam, nem difundem a diversidade cultural e biológica da região (BRUHNS, 1999b).

Propondo-nos ampliar essas idéias, trazemos as contribuições de Franco (1997), o qual alerta para o fato de que o turismo pode ser desastroso ao meio ambiente³ pelos diversos impactos negativos que provoca. Esses impactos podem vir traduzidos em construções de infra-estruturas para hotelaria, quando não se obedece às leis de desmate para sua implantação, ou se desrespeita o limite de 30 metros para as construções em relação a fontes de água; no acúmulo de resíduos (lixo), originados nesses espaços e nas relações com a cultura local, quando não se utilizam recursos humanos para a efetivação do empreendimento.

Diante desse quadro, Figueiredo (1999, p. 100) alerta:

[...] o ecoturismo pode promover alterações problemáticas ao meio ambiente e às sociedades receptoras, dentre as quais poderemos citar: degradação ambiental - as consequências do turismo sobre o meio ambiente natural se relacionam principalmente com a instalação e funcionamento de infra-estrutura e equipamentos turísticos, como hotéis restaurantes, bares, e clubes; construção de prédios nas orlas de praias, construção de casas e estradas nas encostas de montanhas, etc. Uma outra forma de degradação ambiental provocada pelo ecoturismo é o acúmulo de lixo deixado pelos turistas desatentos, que pode gerar poluição de águas de praias e lagos e na areia, ou em um trilha na floresta, modificando o meio, descaracterizando-o e poluindo-o.

Devido à falta de informação e de orientação correta, consequências danosas podem ocorrer, como o fracasso de um empreendimento voltado à preservação ambiental e o

afastamento do ecoturista, como possível colaborador da preservação⁴ (PAULINO, 2000). Retomando Figueiredo, podemos acrescentar ainda:

A utilização do ecoturismo pela comunidade de forma a gerar dependência não é salutar. Uma vez que se corre o risco de que, ao menor sinal de problemas com a região, a demanda se retraia, causando a decadência da localidade e, portanto, o desemprego. Causando ainda transformações socioculturais, como etnocentrismo exacerbado, descaracterização do artesanato e a especularização da cultura tradicional (FIGUEIREDO, 1999, p. 101).

Reforçando a problemática acima, Ladislau (1999) afirma que o manuseio intempestivo por parte do homem sobre todo e qualquer componente ambiental causa em última instância, uma exploração irresponsável e muitas vezes desnecessária não apenas dos recursos naturais, mas também dos recursos humanos.

Em uma monografia⁵ sobre esse tema, constatamos a ausência de uma postura ecológica⁶ e crítica na população envolvida com essas atividades, além do fato de as metodologias empregadas pelos profissionais envolvidos se mostrarem ineficazes para aprofundar o conhecimento do meio ambiente, pois se limitavam apenas a aspectos técnicos da questão. Nesse sentido, a abordagem meramente técnica da questão ambiental torna-a prisioneira, muitas vezes, do que pretende questionar (GONÇALVES, 1996, p. 143), ou seja, se tentamos ampliar nossa relação com o meio ambiente, a consideração exclusiva de aspectos técnicos vai reafirmar um entendimento fracionado e limitado, constituindo-se, assim, em um entrave à criação de novas ações para a questão ambiental.

³ Entendido, aqui, conforme contribuições de Reigota (1998b, p. 31), como lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Tais relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade.

⁴ Preservação aqui entendida não apenas em relação aos fatores físico-biótipos, mas também aos sócio-culturais.

⁵ Monografia intitulada *Lazer e meio ambiente: possibilidades no desenvolvimento da educação ambiental*, orientada pela professora Ms. Alba Pedreira Vieira do Departamento de Educação física da Universidade Federal de Viçosa, aprovada em outubro de 2000.

⁶ Postura ecológica é aqui tratada não apenas como uma disciplina científica dentro da ecologia, em que se estuda o relacionamento dos seres vivos entre si e com o meio ambiente, mas também como um amplo e variado espaço de movimento social, o qual chega a atingir, em certos lugares e ocasiões, contornos de um movimento de massas e uma

Nesse contexto, vale destacar as considerações de Paulino (2000), para quem é preciso trabalhar na formação de novas atitudes, de novos valores, por meio do ensino e da aprendizagem de habilidades e procedimentos relacionados ao meio ambiente.

Afirmamos, nesse processo, juntamente com os autores Ladislau (1999), Chao (1999) e Vieira (1999), que um dos possíveis campos de intervenção voltados para essa problemática consiste no desenvolvimento de atividades de lazer realizadas em ambientes naturais em parceria com um programa de educação ambiental.

A educação ambiental deve contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de decidir e atuar sobre a realidade de modo ético e comprometido com a vida, com a sociedade local e global. Portanto, não significa somente proteger orquídeas, bromélias, mas também buscar conciliar desenvolvimento, preservação ambiental e melhoria da qualidade de vida do ser humano (LOHN, 2000).

Assim, a educação ambiental constitui-se como parte integrante de uma perspectiva estética da vida fortemente envolvente, da estrutura emocional e afetiva das pessoas, capaz de reavivar nelas uma sensibilidade - entendida como o uso dos sentidos - em geral sufocada e impermeabilizada em um contexto onde tais sentidos não são exercitados (WERNECK, 1999).

A educação ambiental realiza-se por meio de dois tipos de processos: a educação informal e a educação formal. A primeira refere-se a atividades em contato com ambientes naturais e a campanhas populares que visem à formação de hábitos e atitudes que possibilitem a preservação dos recursos. A segunda envolve a rede de ensino, por meio do desenvolvimento curricular, tanto no planejamento quanto na execução (NEIMAN e RABINOVICI, 2002, p.146-147).

Embora o lazer e a educação ambiental possam parecer áreas de atuação socialmente distintas, muitos profissionais sentem-se compelidos a pensar e agir juntos, a fim de sentido de construir perspectivas mais integradas de ser e viver no mundo (MENEGAZI et al., 1999). Essa interação do lazer (ecoturismo) com a educação ambiental torna-se essencial na associação da

aprendizagem de informações, técnicas e, principalmente, atitudes, possibilitando o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da ludicidade em consonância com a busca por melhor qualidade de vida (ALMEIDA, 1996).

Assim, para atingir as finalidades da educação ambiental, é necessário estar sempre consciente de que esse é um trabalho educacional completo, no qual o lazer tem um caráter primordial. A inter-relação entre lazer, por meio de suas atividades de ecoturísticas e educação ambiental constitui-se, segundo Irving (1998, p. 277), em um desafio, devido ao fato de ser permeada por preceitos éticos e conceituais, baseados em um novo modelo de desenvolvimento das sociedades. Esse novo modelo está relacionado não apenas ao processo econômico, mas também à constituição das relações sociais.

Diante da exposição acima, procuramos analisar os programas de ecoturismo desenvolvidos na cidade, em relação com os programas de educação ambiental possivelmente adotado. No decorrer desta pesquisa, verificamos que o ecoturismo se realiza de forma incipiente, não fornecendo, por suas peculiaridades, elementos significativos para a temática. Observamos, no entanto, uma forte tradição local nas questões referentes à educação ambiental, expressa por meio de visitas à natureza, na configuração de trilhas, as quais serviram de base para o trabalho, embora não tenhamos desprezado as questões que pudessem vir a permear o ecoturismo dentro do contexto da cidade.

Optamos, assim, por focar atividades de lazer voltadas às visitas à natureza concretizadas por meio de trilhas educacionais, atividades que envolveram um público, de moradores locais e turistas. Nesse contexto, elegemos para tais atividades a expressão *ecovisitação*, não nos restringindo, portanto, a um único público alvo. Esse termo será mais bem discutido no capítulo dois desta dissertação.

Assim, perante a exposição acima, este estudo teve por objetivo principal analisar a relação entre programas de Lazer (trilhas educacionais) e educação ambiental realizados na cidade de Santa Teresa-ES, buscando ampliar o referencial sobre a temática, bem como, obter

subsídios para o entendimento dessa relação em um envolvimento entre a região enfocada e a sociedade mais ampla.

A partir desse objetivo geral, procuramos atingir às seguintes metas:

1 - Verificar a viabilidade (social e econômica) desses programas na região em seu envolvimento com a população e a cultura local.

2 - Verificar os impasses, conflitos e contradições presentes nos programas, os quais revelam ou podem revelar, atitudes e comportamentos incompatíveis com o nível de expectativa da população local.

3 - Verificar a presença ou a ausência da relação entre esses programas, das formas de lazer da população e da ação dos visitantes, as quais podem revelar como os espaços estão sendo ocupados por ações que buscam o conhecimento ou simplesmente utilizam a natureza como orientação para vivências de trilhas ou outros esportes.

Em face dos objetivos expostos, as questões que nortearam o desenvolvimento da pesquisa foram as seguintes:

1 - Qual a noção de preservação da natureza presente nos moradores, nos órgãos públicos e nos visitantes?

2 - Como os espaços estão sendo utilizados para a execução dos projetos?

3 - Como as atividades de lazer estão sendo executadas e/ou orientadas?

1.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata de uma temática ampla que revela diversas interfaces. Por sua amplitude, poderia ser utilizado o enfoque tanto sociológico como filosófico, entre outros. Porém, para efeito de delimitação do estudo, foi adotada uma abordagem antropológica direcionada para o campo da Educação Física, especialmente considerando-se a necessidade de compreender a dinâmica cultural em que ocorremos fatos numa teia de relações específicas, com significados igualmente específicos (PIMENTEL, 1998, p. 14). Privilegiamos, portanto, o recorte sociocultural, buscando apreender o lazer e a educação ambiental dentro da problemática envolvida em sua relação com a sociedade.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois a relação lazer e educação ambiental, foco do presente estudo, dificilmente é quantificável, uma vez que envolvem um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, não podendo ser reduzida a operacionalizações de variáveis (MINAYO, 1994, p. 22). Entretanto, não desprezamos os dados quantitativos, tendo clareza de que qualitativo e quantitativo entrelaçam-se no entendimento da realidade.

Este trabalho privilegiou a interação entre o pesquisador e as pessoas do local escolhido. Nessa perspectiva, não somente o investigador deu sentido ao trabalho intelectual, também os sujeitos imprimiram o significado e a intencionalidade às suas ações e construções. Dessa forma, o pesquisador e o campo de estudo estabeleceram relações recíprocas para compreender a realidade.

O método⁷ mais adequado à natureza da investigação foi o estudo de caso⁸. A escolha desse método, de acordo com as contribuições de Bruyne et al. (1991, p. 224), deve-se ao fato de permitir que se reúnam informações numerosas e detalhadas, com vistas a apreender a situação

⁷ O método foi compreendido como o caminho para o conhecimento, ou seja, segundo considerações de González (1998), um procedimento com regras gerais, por meio do qual se investiga o objeto do estudo, sendo a forma de abordar a realidade com o propósito de descobrir a sua essência e suas relações.

⁸ Para Ary et al. (1996), a maior vantagem do estudo de caso é a sua possibilidade de aprofundamento, na medida em que o objeto de estudo é em sua totalidade, levando em consideração o contexto em que está inserido.

estudada. Dentre os tipos de estudo de caso, optamos pelo monográfico, o qual se empenha em descrever, dentro das limitações de cada contexto e do próprio pesquisador, a complexidade do caso concreto, sem pretender desenvolver teorias mais gerais, mas, sim, dialogar e perceber especificidades locais (BRUYNE et al., 1991, p. 225). Objetivando não nos limitar a uma descrição rigorosa, buscamos um esquema teórico que servisse de princípio diretor para a coleta dos dados.

Do ponto de vista de sua dimensão social a pesquisa procurou mergulhar na corrente da vida da cidade, com suas contradições, limitações e avanços atrelados ao conhecimento científico. A realidade histórica foi respeitada na medida em que a pesquisa se ateu aos limites das atividades normais dos sujeitos envolvidos nesse processo. Observaram-se, assim, as fases propostas por Marconi e Lakatos (1999, p. 85):

As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. Como segundo, permitirá que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma que auxiliará na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa.

Foi feita , portanto, num primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica⁹, por meio da qual procuramos aprofundar as questões levantadas. O material selecionado foi submetido à leitura crítica e fichamento, subsidiando a aquisição mais ampla de conhecimento referente ao tema da pesquisa, ou aprofundando a fundamentação do trabalho. Foi realizada também uma pesquisa documental¹⁰, cujo material foi selecionado segundo sua relevância, buscando-se contribuição criteriosa para as questões pesquisadas.

Paralelamente a esse processo, procuramos detectar na pesquisa de campo as pessoas envolvidas diretamente na problemática. Nesse sentido, as observações foram fundamentais, uma vez que ajudaram a identificar melhor os entrevistados. Os entrevistados foram os organizadores

⁹ Para González (1998, p. 42) a pesquisa bibliográfica é uma forma de investigação indispensável para a pesquisa básica, permitindo articular conceitos e sistematizar a produção de determinada área de conhecimento, ampliando e criando novas questões num processo de incorporação e superação do já produzido.

¹⁰ A pesquisa documental baseou-se no recolhimento de documentos disponíveis na forma de artigos particulares ou públicos, fontes estatísticas e fotografias.

diretos e indiretos dos eventos de ecoturismo/ecovisitação e educação ambiental, os participantes e os monitores responsáveis pela execução desses eventos. Foram entrevistados ainda membros da comunidade local, visando coletar elementos que esclarecessem as contradições, limitações e avanços detectados nesses eventos.

Diante da impossibilidade de abranger toda a complexidade do fenômeno em questão, elegemos como foco de análise os seguintes eventos: a Semana do Meio Ambiente, o Passeio ao Entorno da Reserva Augusto Ruschi e as Trilhas Interpretativas da Estação Biológica Augusto Ruschi.

Determinados os sujeitos e os respectivos eventos, demos início à coleta de dados, empregando como técnica a entrevista, por ser um procedimento muito utilizado na investigação social, segundo vários estudiosos, como Marconi e Lakatos (1999), Gil (1994) e Mazzoti e Gewandsnajder (2001). A entrevista semi-estruturada foi aplicada aos participantes e monitores dos referidos eventos, bem como aos demais membros da comunidade local, e a não-estruturada, aos organizadores dos eventos.

A entrevista semi-estruturada obedeceu a um roteiro com questões pertinentes ao tema estudado. Essa técnica permite a inclusão de outras perguntas, quando observada a necessidade de um maior entendimento do assunto, o que torna esse tipo de entrevista o meio mais eficaz na obtenção das informações desejadas. A entrevista não-estruturada versou sobre um tema geral, no caso o ecoturismo/ecovisitação e a educação ambiental, com o fim de levantar opiniões e obter dados sobre o processo de formação de tais eventos de forma livre e particular, quase como um depoimento, considerando a vasta experiência na área ambiental dos sujeitos entrevistados.

Em relação aos procedimentos e cuidados gerais a serem obtidos na entrevista, consideramos as instruções de Bruyne et al. (1991): breve início introdutório a respeito do procedimento e do tema, perguntas claras e objetivas quando previamente formuladas, cuidados para não influenciar com opiniões particulares ou tendenciosas os entrevistados.

Diante dessas premissas, o processo de aproximação com os organizadores dos eventos baseou-se inicialmente em uma conversa informal sobre o tema da pesquisa, sobre a disponibilidade desses para conceder a entrevista e sobre a importância de suas contribuições para o estabelecimento de um quadro real do contexto de Santa Teresa. Cabe ressaltar que o fato de a pesquisadora já ter residido na cidade durante nove anos, facilitou a aproximação com esses indivíduos. Outro fato também facilitou essa aproximação: os entrevistados acreditavam nas contribuições da pesquisa para futuros eventos.

Além das entrevistas previamente agendadas, buscamos durante e após os eventos, obter novas informações que pudessem complementar e contemplar as questões detectadas num primeiro contato. Nesse sentido, a proximidade da linguagem verbal, associada à expressão facial e gestual do investigado, atrelada ainda à oportunidade de adentrar no que não parece estar ainda bem esclarecido e/ou respondido, foi primordial e decisiva para o andamento da pesquisa.

As entrevistas realizadas com os participantes dos eventos, com os monitores e com os demais membros da comunidade local seguiram os mesmos passos relatados acima, dando-se ênfase ao momento real do acontecimento do evento, no caso dos dois primeiros grupos citados, e após o evento, no caso dos moradores da comunidade. Porém, com este grupo algumas dificuldades ocorreram, geradas pela falta de interesse do investigado em responder às questões, pelas respostas não condizentes com a própria prática e a pela influência da aproximação do pesquisador.

Diante desse quadro, podemos afirmar, como Gil (1994, p. 114-115), que a falta de motivação do entrevistado para responder às perguntas, a falta de compreensão do seu significado, atreladas a respostas falsas, dadas consciente ou inconscientemente, influenciaram no andamento das entrevistas, bem como no conhecimento do objeto a ser estudado. Realizamos assim, por meio do diário de campo, a análise das dificuldades percebidas e dos comportamentos dos entrevistados.

Os trechos obtidos nas entrevistas foram destacados em *itálico*, buscando-se com isso diferenciá-los das citações dos autores consultados, reproduzidas nos capítulos da dissertação.

A amostra da pesquisa compreendeu nove organizadores de eventos de ecoturismo/ecovisitação, nove monitores, seis participantes de atividades e oito moradores da comunidade, um total de trinta e dois entrevistados. A faixa-etária dos entrevistados situou-se entre 10 e 74 anos. A escolha dessa faixa etária pode ser explicada pelo fato de termos privilegiado a participação dos sujeitos nas atividades, logo não foi determinada uma faixa-etária alvo, mas sim as contribuições dos indivíduos que vivenciaram as atividades. O nível de escolaridade variou entre o segundo grau incompleto até o doutorado.

Durante o processo, foi realizado o cruzamento das informações coletadas nas entrevistas, na observação participante, na pesquisa bibliográfica e na documental.

As informações obtidas foram comparadas e sistematizadas, com o fim de se produzirem categorias significativas para análise. Essas categorias foram estabelecidas de forma geral, conforme os elos fundamentais do trabalho: vivências de ecoturismo/ecovisitação, práticas de educação ambiental, vivências de ecoturismo/trilhas com o programa de educação ambiental.

Não foi pretensão nossa, com esta pesquisa, esgotar o tema, mas ampliar os horizontes de uma discussão em franco desenvolvimento.

CAPÍTULO I: APRESENTANDO O ESPAÇO

A necessidade de implementação de programas que visem desenvolver a sensibilidade para mudanças de comportamentos, atrelados a outras atividades, é relativamente recente. Tal necessidade é reflexo da percepção da importância desses programas para a manutenção do meio ambiente

A educação ambiental aparece nesse contexto como exigência das profundas transformações ocorridas na sociedade moderna. Este processo, no entanto, segundo análise de Hermann (2001, p. 11), envolve um fator que requer reflexão para sua real apropriação. A autora sintetiza essa situação da seguinte forma:

Hoje, desenvolver uma sensibilidade para as questões ambientais é reivindicação constante de propostas curriculares em diferentes níveis de ensino. [No entanto] os processos de investigação que impulsionaram o progresso das sociedades modernas tinham como pressuposto um ideal de objetividade, isto é, a realidade investigada torna-se um objeto a ser manipulado. Com isso, estava aberto o caminho para um utilitarismo explorador da natureza [inclusive através da Educação Ambiental].

Essa e outras questões ambientais sempre estiveram presente no cotidiano de Santa Teresa, principalmente nos trabalhos do cientista Augusto Ruschi. Tais assuntos, destacados com maior ênfase em nossa realidade pela mídia e outros meios, já eram trabalhados e discutidos por ele desde a década de 1920, quando iniciou seus estudos científicos.

Nascido em 1915, em Santa Teresa, Ruschi desde cedo mostrou vocação para as Ciências Naturais. Suas obras científicas mais conhecidas são os trabalhos com beija-flores e, posteriormente, com pesquisas e catalogação de diversos tipos de orquídeas, macacos e

morcegos. Com seus estudos, igualmente contribuiu para as áreas de saúde pública, tecnologia de satélites, agricultura e reflorestamento (RUSCHI, 2002).

Suas pesquisas¹¹ despertaram, desde a década de 1940, a simpatia dos maiores especialistas do mundo, provocando interesses de outras instituições como o Museu Nacional do Rio de Janeiro e Universidades. Abriram ainda caminhos para parcerias com figuras ilustres da história, como Assis Chateaubriand e o professor de Entomologia de Portici/Nápoles, Fillipo Silvestri. Por meio dessas conquistas, Ruschi começou a ser conhecido e convidado para diversos eventos na época, conseguindo com isso trazer renomados pesquisadores para Santa Teresa, conseqüentemente, levando-a a ser conhecida em nível nacional e internacional.

Sua preocupação não residia somente na catalogação de espécies ou no registro do modo de vida dos beija-flores, mas principalmente na necessidade de conservação e preservação do meio ambiente, sobretudo das florestas. Assim alertou a sociedade sobre os impactos ambientais de grandes projetos industriais e sobre os riscos de desertificação no norte do Estado do Espírito Santo.

Ruschi vivenciou uma grande notoriedade que, no entanto, foi percebida com morosidade por seus conterrâneos. Foi reconhecido como um dos 100 grandes homens que contribuíram para o saber e para as idéias do século XX (RUSCHI, 2002).

Dentre seus feitos destaca-se no ano de 1946, na Semana Rural de Cachoeiro de Itapemirim, promovida pelo Ministério da Agricultura e Secretaria do Estado do Espírito Santo, a defesa das seguintes idéias: a urgência em se rever a prática da agricultura intempestiva, causadora de incêndios e desmatamentos; a importância da preservação da mata nativa para o equilíbrio do ecossistema como um todo e a importância do reflorestamento para sanar os danos provocados por práticas humanas (BIASUTTI, 1999, p. 14–15).

¹¹ A obra escrita de Augusto Ruschi é composta de 450 trabalhos e 22 livros. Entre os livros publicados mais conhecidos estão: *Aves do Brasil* (v. I e II), *Beija flores do Espírito Santo*, *Beija flores do Brasil* (v. I e II), *Fitogeografia do Estado do Espírito Santo*, *Orquídeas do Espírito Santo*, *Agroecologia*, entre outros (AUGUSTO, 2002).

Embora suas considerações tivessem sido recebidas por muitos com aplausos, causaram na mesma proporção descontentamento, por parte das pessoas que viam na exploração desmedida da natureza uma forma rápida de gerar lucros e promover a civilização. Essa realidade é assim analisada por Biasutti:

Embora diante de todos seus feitos era considerado um homem ríspido o que talvez fosse necessário para quem se propunha a defender a natureza. Muitos foram os seus dissabores por causa de sua intransigência quanto aos valores de conservação da natureza, à proteção das reservas florestais, posicionamento que não era admitido de maneira alguma pelos defensores do falso progresso e do lucro rápido e predatório (BIASUTTI, 1999, p. 21)

Buscando verificar a influência de seu trabalho no contexto atual de Santa Teresa, destacamos a fala de Hélio Boudet Fernandes, biólogo, diretor do Museu de Biologia Professor Mello Leitão¹², [MBML], e um dos responsáveis pela Semana do Meio Ambiente de Santa Teresa. Com o presente depoimento e outros registrados nesta pesquisa, almejamos apresentar, juntamente com Carvalho (2001, p. 20) um *corpus* de relatos expressivos da influência dos atos de Ruschi no desfecho de trabalhos, formação e pesquisas relacionadas ao meio ambiente por parte desses sujeitos. Os relatos trazem também, por meio de sua historicidade, “uma condição inerente à experiência [...], a qual não se atém meramente ao plano de vivência factual, mas, sobretudo, aos efeitos que possibilitam uma consciência histórica dos fatos vividos” (CARVALHO, 2001, p. 22).

Hélio Fernandes faz a seguinte análise sobre o trabalho de Ruschi:

Um pioneiro no Brasil a falar sobre questões cruciais, as questões do meio ambiente. Foi um crítico em uma série de investimentos, foi um visionário ao desenvolver uma estrutura de pesquisa de geração de novos conhecimentos. Em função disso, ele deixou essa estrutura mais ou menos preparada. Foi uma pessoa que teve uma grande projeção no Brasil na defesa das causas do meio ambiente. Nesse sentido, não podemos deixar de falar de Ruschi e também de sua importância em termos regionais. Ele tem uma conotação brasileira muito forte, por criar Unidades de Conservação em todo o Brasil, por ter ajudado a criar instituições conservacionistas.

¹² O Museu de Biologia Professor Mello Leitão foi fundado por Augusto Ruschi em 26 de junho de 1946. Possui várias seções de zoologia e botânica, além de um pátio rico no que se refere à diversidade da fauna e da flora. Dentre as pesquisas realizadas, destacam-se as referentes aos beija-flores e aos primatas da região. O museu é ainda um dos cinco pólos de educação ambiental da Mata Atlântica do Espírito Santo, além de suas programações regularmente oferecidas, como a visitação orientada às áreas de conservação

O trabalho de Ruschi, portanto, não se balizou apenas em pesquisas ou na criação do MBML já citado, mas também, na organização de áreas de conservação em todo o país. O jornalista e historiador Rogério Medeiros destaca em seu livro, *O Agitador Ecológico* (1985), toda a vida e obra de Augusto Ruschi. Em um de seus relatos sobre a importância de se conservar áreas para o equilíbrio ecológico, destaca as seguintes palavras de Augusto Ruschi:

O equilíbrio ecológico deve ser mantido, preservado, com a finalidade da preservação dos diferentes ecossistemas existentes em nosso país, e para isso necessitamos de áreas próprias em todos os municípios brasileiros. É dessa amostragem que advirão no futuro os ensinamentos básicos, estabelecendo infra-estrutura para o estabelecimento de uma agroecologia para as diferentes regiões geoeconômicas, com uma racionalização de moldes, que já se faz necessária, pois o domínio do empirismo em nosso desenvolvimento agrícola já está exigindo reformulação (RUSCHI, apud MEDEIROS, 1985).

Ruschi defendia a ideia das reservas como espaços de preservação, dos quais o mundo não podia prescindir por se constituírem em reservas genéticas de espécies da natureza ameaçadas de extinção. A sua tese foi lançada em um dos primeiros congressos florestais de âmbito internacional, em Roma, no ano de 1951, sendo recebida com interesse nos meios científicos internacionais, que por sua vez, passaram a difundir-la pela Europa. Assim, no começo dessa década começaram a surgir áreas de preservação por todo o mundo, como uma das mais importantes políticas de preservação do meio ambiente (AUGUSTO, 2002).

Dentre as áreas que serviriam para futuros ensinamentos básicos, destacamos a Reserva Augusto Ruschi, a Estação Biológica de Santa Lúcia, ambas localizadas em Santa Teresa, e a Estação Biológica Marinha Ruschi, localizada em Santa Cruz-ES. A criação dessas áreas de conservação, segundo Hélio Fernandes:

...mostram-se como um campo extremamente promissor para implantação de atividades ligadas à natureza em áreas preservadas, tendo por objetivo disseminar conhecimentos sobre o meio ambiente e sua importância, tentando também conscientizar através da vivência pessoal. Daí a ideia da Semana do Meio Ambiente, a qual utiliza trilhas como parte da pedagogia da educação ambiental dentro dessas unidades. Pode-se dizer, portanto, que se Ruschi não tivesse realizado esse trabalho de criação das Unidades, tal trabalho seria dificultado.

O trabalho de Ruschi é também destacado por Patrícia Rangel, bióloga e professora da Escola de Ensino Superior do Educandário Seráfico São Francisco de Assis (ESESFA): *“Ruschi tem seu mérito por seu discurso. Dez anos antes de se fazer discurso contra monocultura, o cara já falava disso. Então ele tem seu mérito, por sua visão à frente de seu tempo, isso não se pode contestar”*. Segundo Patrícia, o discurso de Ruschi promoveu vários *“ ganhos e perdas para o Município, isto é, o Município ganhou na preservação de suas matas naturais, por outro lado, por sua descendência italiana mostrou-se durante muito tempo arredio a essas contribuições de Ruschi, chegando a embargar seus projetos”*.

Faz-se necessário aprofundar alguns pontos principais sobre a descendência italiana¹³. No caso específico de Santa Teresa, podemos destacar três pontos primordiais que influenciaram e influenciam essa comunidade no decorrer de sua história. São eles: a preponderância do integralismo¹⁴, da religião católica e o entendimento da família como núcleo fundamental.

A influência do integralismo é destacada por Zélia Lóss, secretária de Turismo e Meio Ambiente da cidade de Santa Teresa, bióloga, organizadora da Semana do Meio Ambiente. Segundo ela:

Em Santa Teresa, tivemos uma influência muito grande do integralismo. Na década de 30/40, o integralismo floresceu aqui e, de uma certa maneira, trouxe consigo algo do autoritarismo italiano, do fascismo italiano, os quais de uma certa maneira também impregna nossa cultura atual. Eu vejo isso na cidade, um certo moralismo [...] é a impressão que passa desse autoritarismo, desse conservacionismo, um pouco ao fascismo italiano.

O papel da religião na população de Santa Teresa é analisado igualmente por Walter Có. Walter é atualmente professor da ESESFA, no curso de Ciências Biológicas. Além disso, realiza pesquisas sobre a percepção ambiental em determinados grupos da região e, sobre a influência da religião na percepção das pessoas sobre a questão ambiental. Nesse sentido, destaca: *“...uma coisa importante aqui [Santa Teresa] é o lado religioso; a religião constrói na mente dessas*

¹³ A descendência italiana em Santa Teresa tem como seus precursores italianos da região de Trento, na Itália, que vieram para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Cf. BIASUTTI, L. C. **No coração capixaba**. Belo Horizonte: Barvalle, 1994 e SANTOS, R. I. C. **A terra prometida: emigração italiana**. Itajaí: Ed. Da Univali, 1998.

peessoas, desde muito cedo, as verdades, sendo muito poderosa para construir uma percepção em relação ao meio ambiente”.

Essa religião, concretizada na forma de Igreja e passada aos imigrantes e seus descendentes, influenciou a cultura local e acentuou ainda mais alguns de seus traços, como o amor à família, ao trabalho, e heranças, inclusive do Integralismo. Nesse sentido, Walter Có, acredita ser ela um instrumento na discussão de assuntos pertinentes, entre eles a divulgação da educação ambiental. A Igreja concretizada em paróquias, seria, segundo ele, *“um campo promissor. Se inserisse o contexto ambiental de uma forma mais didática, ajudaria muito, pois ela influencia as comunidades na divulgação de valores e formas de interação com o ambiente”.*

Tais características da população mostraram-se, em determinadas situações, como pontos de entrave para os trabalhos de Augusto Ruschi. Conforme analisa Zélia Lóss: *“Essa tradição gerou uma certa acomodação com o que já se possui, com as formas de relações como as matas, fazendo que as pessoas tenham muito medo da mudança, de novos investimentos”.* E acrescenta ainda: *“...acredito que um dos problemas de Ruschi para propagar suas idéias deve-se a isso: a nova relação com o meio ambiente que pregava e a necessidade de preservá-lo, o que ia contra os muitos tipos de atividades da época, como a agricultura e a caça”.*

A influência dos trabalhos e ideais de Ruschi em nível nacional são destacados por Reigota, que o considera como um dos primeiros ativistas a debater a questão ambiental. Em um dos seus artigos autobiográficos sobre a educação ambiental no Brasil, Reigota (apud Carvalho, 2001, p. 76-77) destaca a figura do cientista Augusto Ruschi:

O intenso debate político-cultural do final dos anos 70 e início dos anos 80 foi de fundamental importância para a formação de muitos profissionais da educação de minha geração [...] É nessa época e nesse contexto que gostaria de situar o surgimento do pensamento ecologista brasileiro contemporâneo, cujos principais nomes, na minha escalação são: José Lutzenberger, Fernando Gabeira, Augusto Ruschi[...].

¹⁴ O Integralismo, segundo estudos de Lázaro, citado em Medeiros (1994, p. 7), teve como suas principais características ser um movimento político, brasileiro, inspirado no fascismo europeu, e ter o apoio de parte do clero da Igreja Católica, muito atuante na década de 1930.

A influência de Ruschi é, além disso, um dos motivos para a militância ambiental no Espírito Santo. Essa influência é destacada em um dos relatos de informantes obtidos nos estudos de Carvalho (2001, p. 78):

Eu fiz biologia e no final da década de 1970, quando começou no Brasil a repercussão muito grande com relação à questão ambiental. Então, no Espírito Santo, nós tínhamos um grande nome, que foi o do professor Augusto Ruschi, e nós tínhamos também, dentro da universidade, a Associação Espírito Santense de Biólogos que a gente tentou resgatar e da qual o filho dele fazia parte.

O filho ao qual se referia é André Ruschi, atualmente residente em Santa Cruz-ES, na Estação Biológica Marinha Ruschi¹⁵, onde desempenha trabalhos de educação ambiental, em especial o projeto Arca de Noé, e outros de cunho preservacionista da fauna e da flora Marinha.

Com trinta anos de experiência em educação ambiental, André Ruschi foi o responsável, segundo seus relatos, pela introdução na Constituição Brasileira da obrigatoriedade da educação ambiental em todos os níveis de ensino, pela proteção à biodiversidade, pela fiscalização da manipulação genética e transgênicos. Sua militância na área ambiental, segundo sua fala, teve como *“principal mentor o velho Ruschi, do qual eu fui assistente até sua morte, em 1986”*¹⁶. *Vivenciei toda a sua luta em defesa da natureza e isso ficou enraizado em mim como algo bom de sua história”*.

O trabalho de Ruschi, é segundo André Ruschi:

... é pioneiro na história do Espírito Santo, por sua defesa ao meio ambiente e suas pesquisas. Sua influência em Santa Teresa pode ser vista através do Museu, que atrai pesquisadores de todo o mundo, além das reservas que ele formou e que merecem destaque. Enfim, caso ele não tivesse lutado, a cidade não teria hoje cerca de 38 % de sua cobertura natural preservados e não haveria hoje essas primeiras iniciativas embrionárias de atividades na natureza.

¹⁵ A Estação Biológica Marinha Ruschi foi criada inicialmente como parte complementar ao Museu de Biologia, sendo dedicada à execução de programas de educação ambiental. No entanto, a partir da doação do MBML, em 1982, a Estação desligou-se, passando a desenvolver seus trabalhos de forma autônoma.

¹⁶ Augusto Ruschi faleceu no dia 5 de junho de 1986, com o fígado comprometido pelos vírus de hepatite B e C, além das sequelas de outras doenças como esquistossomose e malária, contraídas durante suas pesquisas nas florestas. Não foi encontrado no cientista nenhum traço do veneno de sapos dendrobatas absorvidos em certa ocasião pelo seu organismo. Foi enterrado nas matas da Reserva Biológica de Santa Lúcia em Santa Teresa –ES, local onde passou parte de sua vida.

Acrescentam-se a esse relato, as contribuições de André Assis, biólogo e coordenador técnico da área de educação ambiental do MBML, sobre a preservação das matas naturais de Santa Teresa. Segundo ele, são *“exclusivo mérito do trabalho de Ruschi. É por causa dele que a cidade tem uma das maiores coberturas vegetais do Estado. Ele brigou por muitas áreas que se constituíram depois em reservas. Enfim, se não fosse por isso não haveria o Museu e outras reservas que aqui existem”*.

A existência dessas áreas de conservação mostra-se como ponto primordial para investimentos iniciais em ecoturismo em Santa Teresa. Embora algumas não possam ser exploradas devido às restrições das leis de proteção à natureza, sua existência garante uma grande extensão de matas naturais, chamando a atenção de muitos investidores que apostam na construção de hotéis e pousadas próximos a essas mata, para iniciarem a exploração do turismo ecológico. No entanto, a existência de uma pousada em ambientes próximos a matas nativas não induz, diretamente, a efetivação de atividades relacionadas ao ecoturismo. Para tanto são necessários alguns cuidados, muitas vezes desprezados pelos proprietários.

A apropriação desses espaços e sua dinâmica de implantação são analisadas por Celso Ferrari, professor aposentado da UFES e proprietário do Sítio Canaã¹⁷, da seguinte forma:

A maioria das pousadas foi feita e tem sido feita sem planejamento, sem pesquisa, potencial, demanda turística. As pessoas queriam fazer e fizeram, não há nenhum estudo que explique o porquê da opção. Essa falta de planejamento está sendo desastrosa, porque as pessoas acabam gastando errado, fazendo investimento onde não precisa, destruindo áreas bonitas. Eu acho que quem vai fazer um investimento rural, como é o nosso caso, em áreas naturais, tem que ter um plano de manejo da área. Sem o plano, o investimento é um desastre; eu acho isso um desastre, tanto do ponto de vista ambiental como do ponto de vista turístico. Além disso, as pessoas investem muito pouco em publicidade, então você tem uma boa pousada, mas ela não tem um programa de utilização do recurso da pousada. Então, se a pessoa quer fazer uma trilha, mas a trilha não tem indicação, não há programas para fazer a trilha atraente e não se contratam guias capacitados.

A forma intempestiva de utilização dessa prática tem em suas raízes a representação da natureza como um objeto a ser explorado. Porém, acontece atualmente um grande debate sobre

¹⁷ O Sítio Canaã está situado a 6 km do centro de Santa Teresa. Oferece, além de uma infra-estrutura de camping e passeios de barco, o passeio por três trilhas diferentes. Tais trilhas são desenvolvidas em épocas de maior visitação

essas apropriações irrefletidas, o qual contribui para o surgimento de novas relações. Observamos nesse bojo a gênese do entendimento da natureza como algo virtuoso. Trazemos, nesse contexto, as contribuições de Carvalho (2001, p. 36–37), a qual analisa essa gênese como uma questão de ordem ética, uma vez que almeja legitimar-se sobre os bens particulares¹⁸.

Numa relação conflituosa entre a ética norteadora de novas alianças da sociedade e o meio ambiente com o racionalismo, busca-se imprimir uma certa direção à maneira como a sociedade dispõe da natureza e produz determinadas condições ambientais. Surge então um campo social como processo de invenção do ambiental e de seu correlato, o sujeito ecológico (CARVALHO, 2001, p. 37).

A autora traduz o que seria um perfil desse sujeito-ecológico: “[...] heróico, na vanguarda de um movimento histórico, herdeiro de tradições políticas de esquerda, mas protagonista de um novo paradigma político-existencial [...]; em sua versão *new age* é visto como alternativo, integral, equilibrado, harmônico, planetário [...]” (CARVALHO, 2001, p. 74).

O surgimento desses sujeitos é destacado na fala de Ferrari, que os considera como possíveis meios de mudanças nas práticas irrefletidas através dos tempos: “... *esse novo sujeito que aprecia a natureza é um turista portador de uma nova mentalidade, de uma nova relação com a natureza, exigente, não em relação a luxo, mas em relação a informações, em relação a coisas ambientalmente corretas. Ele luta para preservar sem perder o caráter de apreciar a natureza*”.

Paralelo ao surgimento desses sujeitos, a existência das reservas e matas naturais em Santa Teresa propiciaram, igualmente, o surgimento de investimentos conscientes em relação à

¹⁸ Herculano, citado por Carvalho (2001, p. 36-37), afirma: “[...] do debate contemporâneo podemos apreender que não existe instância nenhuma fora do discurso para orientar nossas ações. A idéia de um bem aparece como ponto de cruzamento de uma multiplicidade de idéias sobre o bem viver, que concorrem entre si e por isso não há fundamento ou uma substância que assegure o bem. [...] Cada época constrói entre as pluralidades de perspectivas, algumas idéias que orientam a vida humana, dependentes da experiência comunicativa de sujeitos que vivem biografias próprias, em cada época”.

natureza. Jakeline Diniz, proprietária da Pousada Santa Lúcia,¹⁹ releva em entrevista o motivo de sua opção em investir na cidade da seguinte forma:

Sou de Governador Valladares e sempre gostei de atividades em ambientes naturais. Quando tomei conhecimento do potencial de Santa Teresa através da internet, não tive dúvida em investir no local. Uma coisa que ficou muito forte em mim é essa imensidão de matas que ela possui, além da beleza da cidade em si. A quantidade de matas intocadas e a possibilidade da utilização de forma adequada e correta, por parte de pessoas sérias e comprometidas, faz do local um sonho para quem quer trabalhar com ecoturismo.

Jakeline atualmente está adaptando sua pousada para a prática de rapel e de trilhas. Para tanto, ressalta:

Antes de investir ou mexer com qualquer coisa, estou procurando pessoal que tenha conhecimento técnico para dizer o que posso ou não posso fazer para explorar essa quantidade de mata de minha propriedade, sem degradar ou transgredir leis, preparando ainda planos de manejo. Afinal, se o ecoturismo é uma atividade voltada à natureza, essa tem que estar em suas melhores condições naturais. O investimento muitas vezes é alto, mas acredito que valerá a pena, não apenas pelo retorno financeiro, mas também para as contribuições com a comunidade daqui.

A esse respeito, Barros e Dines (2000, p. 55) destacam que “[...] é necessário conhecer os padrões da visitação para adequar as práticas de manejo ao tipo de uso que a área recebe. Atenção particular deve ser dada à estimativa de uso diário”. Os autores destacaram a importância de esse manejo ser feito de forma adequada, o que é traduzido, entre outras práticas, no oferecimento da possibilidade ao visitante de uma verdadeira integração com a natureza, tirando-o do papel de simples observador e colocando-o num papel atuante e criador de novos vínculos (BARROS e DINES, 2000, p. 56).

O condicionamento cultural do turista é outro ponto a ser considerado, pois devido a ele, pode-se exigir certo padrão de conforto e segurança. Mas é preciso tomar cuidado para que isso não mascare, não encubra o medo de experimentar outras possibilidades de viver e pensar. É preciso que o ecoturismo deixe de preparar os locais para receber o visitante e passe a preparar o visitante para conhecer os locais. O ecoturista que for educado para compreender a diferença e

¹⁹ A pousada Santa Lúcia localiza-se a 10 km da sede na rodovia que liga Santa Teresa à Vitória. Tem um ano de

conviver com ela saberá reconhecer a riqueza dessa experiência (MENDONÇA e NEIMAN, 2002, p. 170).

Se compreendermos o ecoturismo, como afirma Serrano (2000, p. 8), como um “[...] ramo da atividade turística, que utiliza de forma sustentável todo patrimônio e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas”, notaremos a indispensável necessidade dessas ações a fim de adequar o espaço e efetivá-lo de forma apropriada.

As controvérsias sobre esse ponto, remetem novamente à maneira de cada indivíduo portar-se diante da natureza e dela apropriar-se. Isto é, muitas pessoas apropriam-se da natureza como mercadoria, como objeto de lucro. A apropriação da natureza como objeto é fruto de uma influência cartesiana que separa homem e natureza e, principalmente, do antropocentrismo. Essa ruptura recebe igualmente a influência do sistema capitalista e de suas apropriações indevidas, no que se refere à indústria e tecnologia (GRÜN, 1994, p. 177).

Podemos destacar, em termos de complementação, os estudos de Dias citado por Layrargues (2002a, p. 90) que apresenta uma visão crítica e bastante pertinente da realidade, a qual vem demonstrando que a causa primeira da atual degradação ambiental possui sua raiz:

[...] no sistema cultural da sociedade industrial, cujo paradigma norteador da estratégia desenvolvimentista, pautada pelo mercado competitivo como a instância reguladora da sociedade, fornece uma visão de mundo unidimensional, utilitarista, economicista e a curto prazo da realidade, onde o ser humano ocidental se percebe numa relação de exterioridade e domínio da natureza.

Uma análise da história de Santa Teresa mostra que desde o início dos seus tempos, a natureza foi sendo apropriada como objeto e, atualmente, como parceira. Sua utilização como objeto relaciona-se ao corte de madeiras nobres para revenda na Europa, aos desmatamentos para a lavoura de café,²⁰ entre outros. A utilização como parceira está relacionada ao fornecimento de

²⁰ O café mostrou-se a principal fonte de subsistência dos primeiros imigrantes, desde 1875. Sendo seu cultivo estimulado pelo governo na época, consagrou-se como fonte ideal para esses indivíduos, devido ao conhecimento que tinham sobre a lavoura. Porém, sua forma empírica de cultivo causou grande impacto ao meio ambiente. Dean

alimentos, ao conhecimento da fauna [como, por exemplo, o beija-flor], bem como ao manuseio de produtos da terra [vinhos, doces, frios] numa estreita relação com a herança italiana local.

A parceria com a natureza, portanto, está pautada na possibilidade de fornecimento de materiais que podem ajudar na geração de renda na cidade, além de contribuir para estudos e informações pertinentes à questão ambiental, necessários para o desenvolvimento do ecoturismo da região. No entanto, poderíamos analisar essa parceria ainda do ponto de vista de um caráter utilitarista, uma vez que a natureza é empregada para atender aos anseios da comunidade. O diferencial dessa relação, porém, reside na concepção processual da necessidade das riquezas naturais para a melhoria de qualidade de vida da comunidade, sendo ainda uma das características para o desenvolvimento de atividades de ecoturismo.

Tentando esclarecer a concepção do valor próprio da natureza, um termo aspecto vezes usado, mas poucas vezes esclarecido devido às relações impostas ao longo dos tempos, trazemos a fala de José Matiello, agricultor e artesão da região, proprietário da Vinícola Matiello. Segundo ele, devido à baixa do café, os agricultores da sede e do interior da cidade tiveram de buscar novas formas de renda para manter-se. Em seu caso, além do plantio de hortaliças, iniciou a confecção de móveis rústicos, respeitando a própria forma natural da madeira:

Com a baixa do café dos últimos anos, tivemos de procurar uma outra maneira de ganhar dinheiro. Na roça, começamos a plantar outros tipos de hortaliças e buscar maneiras de aproveitar as matas da região. Como não podíamos desmatar para aumentar a lavoura, começamos a fazer outras atividades, como foi o nosso na escolha do artesanato com as madeiras derrubadas. Essa foi a saída de nossa família: fazer moveis. E o interessante é que a relação ficou muito diferente, porque começamos a usar a natureza pensando mais no dia de amanhã e sabendo que se ela for bem utilizada poderá nos fornecer muitas outras formas de trabalho.

Quando questionado sobre se a preservação de sua propriedade seria apenas por esse caráter utilitarista, José Matiello esclarece:

Olha, eu não vou mentir para você, no começo foi sim. Como eu ia desmatar, se as leis não deixam? Baixa o IBAMA aqui e taca multa na gente. Mas, como te disse, com o passar do tempo, começamos a ver que essa natureza que a gente usa para o artesanato tem seu valor. A gente usa sim, mas não como antigamente, porque antigamente a gente desmatava sem dó; hoje a gente tem ela como parceira. Esse entendimento é meio difícil para quem vive na roça e vive da roça, porque se sua família tem fome, você não vai matar um animal para dar de comer? Mas com o passar do tempo, a gente viu que havia outras saídas, usamos a criatividade e daí surgiu a fabricação dos móveis com madeiras derrubadas.

A relação estabelecida com a natureza, no sentido utilitarista ou de parceria, pode ter como uma de suas raízes a representação dessas pessoas frente ao meio ambiente. Reigota (1998b, p. 68-69), em seu livro *Meio ambiente e representação social*, baseado em estudos de Durkeim, Bachelard e Moscovici esclarece que as representações sociais são assim chamadas devido à função específica que desempenham no que concerne à formação de condutas e de orientação das comunicações sociais.

Nesse sentido, as representações sociais equivalem a um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que, por meio delas, compreendem e transformam a realidade. Em outras palavras, a representação social de um determinado grupo inicia-se pela ação recíproca em torno de um objeto, sobre o qual se produzem conceitos, os quais são utilizados e compartilhados pelo grupo, firmando-se através do seu cotidiano. Essa forma de pensar o meio ambiente e construir conceitos sobre ele está pautada no contexto social²¹ no qual o grupo está inserido

Assim, tratando-se de uma população em sua maioria de descendentes de italianos, cujos antepassados tiveram de desbravar matas para estabelecer moradias e desenvolver formas de sustento, uma das possíveis representações formadas seria a da natureza como objeto a ser domado e manipulado. Porém, com a mudança do contexto histórico-social da atualidade, no qual se verifica uma crescente preocupação com o meio ambiente, além de leis que determinam outras relações [desmatamento, caça], uma outra representação emerge visando adequar-se a essa nova realidade, ou seja, a de parceria com a natureza. Assim, “[...] toda forma de pensar se insere

²¹ Segundo Soffiati (2002, p.25), essa seria uma das razões que explicariam as diferentes noções de tempo, de espaço, de natureza, de sociedade e do próprio ser humano existentes em cada grupo. Por exemplo, um ianomami não aculturado e um europeu postados diante de uma mesma árvore terão dela visões diferentes e atribuirão a ela significados diversos.

numa situação histórico-social concreta, a qual deve ser compreendida tendo-se em vista sua configuração coletiva específica” (REIGOTA, 1998b, p. 68).

Nesse contexto histórico-social concreto podem existir diversas representações, conforme o grupo estudado. Seria o exemplo de proprietários de pousadas, como Jackeline, Ferrari e outros, que tentam adequar seus estabelecimentos seguindo as leis vigentes, além das que dão segurança às atividades propostas, e, principalmente, respeitando a natureza. Em contraponto, existem outros grupos de proprietários, seguidores de diferentes representações, os quais utilizam técnicas de ecoturismo irrefletidas, que causam danos e impossibilitam o crescimento do empreendimento de forma justa e conservadora. Nesse caso, mesmo dentro de um mesmo contexto, existem princípios diferencialmente construídos e não compartilhados entre os grupos.

Soffiati (2002, p. 26), discutindo o papel das representações para o entendimento do meio ambiente, acrescenta:

O mundo real só pode ser conhecido por representações que se interpõem entre o sujeito e o objeto. Assim, a história do conhecimento da natureza é a história das representações formuladas sobre a natureza. Nem o reísmo nem o solipsismo²², mas um objetivismo moderado que leva o conhecedor a adotar uma atitude de humildade, não por opção ou virtude, e sim pela própria natureza do processo do conhecimento.

Sendo cada cultura um pólo de representação por suas características, poderíamos afirmar, junto a Gonçalves (1996, p. 23), que toda cultura [no caso, a italiana] cria, inventa, institui uma determinada idéia sobre a natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo, na verdade, criado e instituído pelos homens, constituindo assim um dos pilares sobre o qual os homens erguem suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, sua cultura.

O autor ainda salienta que, diferentemente do pensamento corrente, os homens ao longo da história criam normas, regras e instituições que regem suas relações com a natureza, não

²² Reísmo é o termo utilizado pelo autor para designar a utilização exacerbada da realidade. Solipsismo, por sua vez, seria o subjetivismo absoluto, usado por algumas pessoas para buscar o entendimento da natureza. Ambos podem induzir à conclusão de que a natureza não existe objetivamente e de que tudo não passa de imagens construídas, de

apenas pela natureza em si, mas também pelas relações que estabelecem entre eles mesmos (GONÇALVES, 1996, p. 94).

Um exemplo disso seria a cultura de preservação na cidade. Por ter grande parte do seu território não devastado, poder-se-ia concluir que os moradores de Santa Teresa possuem um forte ideal de preservação advindo dos trabalhos de Augusto Ruschi. No entanto, essa conclusão não pode ser avaliada sem se levar em consideração a existência de leis de preservação da Mata Atlântica, as multas para desmatamento ou construções indevidas, o receio por parte de proprietários de terras, as próprias características do relevo,²³ além do trabalho do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), e do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal (IDAF) entre outros.

Evidencia-se, portanto, na representação da natureza e de sua apropriação, as relações estabelecidas entre os homens e a ação dos mesmos sobre ela. Um exemplo disso é a situação da região baixa da sede²⁴ de Santa Teresa, onde se encontram áreas preservadas não pertencentes a reservas, devido ao fato de não serem férteis para o uso da agricultura, bem como ao papel repressor dos órgãos supracitados.

O trabalho desses órgãos pode ser analisado conforme considerações de Lafleur e Nogueira (1992, p. 18), como limitados pois um bom número dos técnicos que ali atuam consideram os usuários como ignorantes. Segundo os autores “[...] um número não desprezível dos técnicos ainda tem a posição arrogante, elitista e preconceituosa com certas populações”. Além disso, as regras impostas por esses órgãos reduzem a liberdade e, por definição, a necessidade de os indivíduos exercerem julgamento moral (WEARING e NEIL, 2001, p. 29).

As reservas criadas por Ruschi são igualmente ponto de destaque para atividades iniciais de ecoturismo/ecovisitação em seu entorno, fomentadas pela Prefeitura Municipal de Santa Teresa, pela Associação dos Moradores da Reserva Augusto Ruschi, pela ESESFA, pelo MBML

²³ O relevo da região de Santa Teresa é altamente acidentado, o que dificulta muitas vezes o desmatamento e o aproveitamento da terra para a agropecuária.

e pela Escola Agrotécnica Federal de Santa Teresa. Dentre elas, destacamos o Passeio ao Entorno da Reserva Augusto Ruschi, realizado por Gilmar Santos, técnico em Agropecuária, que analisa o ecoturismo/ecovisitação como:

...um produto que está pronto; não existe praticamente a necessidade do investimento de quase nada, só o investimento básico, que é a estrada, porque o turista quer ver o natural, mas quer uma estrada que dê segurança. Além disso, necessita de pessoal adequado para desenvolver sem estragar. Eu tenho muita fé que os governantes de Santa Teresa, nesses investimentos na natureza, vejam que o potencial de Santa Teresa não é o turismo de luxo, é o agroturismo.

Gilmar Santos reflete, além disso, sobre a apropriação do ecoturismo/ecovisitação pelas populações residentes próximos a essas unidades, destacando os cuidados e a sua importância para mudança das relações estabelecidas com o meio ambiente:

Eu acredito que, para você introduzir alguma política em torno dessa questão de meio ambiente através do ecoturismo ou do agroturismo, em uma área estritamente agrícola como a nossa, com o atual sistema que o governo federal, estadual e o próprio municipal praticam, merece cuidados. Porque muitas vezes o que se vê é só punir, só proibir, não existe a busca do benefício, a contrapartida para o trabalho do proprietário. Afinal de contas aquilo [sua propriedade] é dele. Nesse caso, pela minha experiência, aposto em atividades, como o passeio pelo entorno, como sendo uma das formas para tentar buscar a parceria com essa comunidade, respeitando seu espaço, preservando as matas e servindo como meio de trabalho.

Reforçando as considerações acima, trazemos as contribuições de Barros (2000, p. 107), para quem as áreas naturais protegidas, quando utilizadas corretamente, por meio de planejamentos adequados, podem vir a cumprir o seu papel de formadoras de consciência ambiental, ao proporcionarem o estabelecimento de uma relação participativa com a população na qual estão inseridas.

É importante ressaltar, portanto, a necessidade da utilização dessas unidades de conservação de forma satisfatória, buscando a sobrevivência de sua biodiversidade em consonância com a obtenção de benefícios para o próprio homem, sem ter em vista meramente o retorno financeiro (MOTA, 1999, p. 139). Visto ser impossível negar o aspecto monetário, torna-

²⁴ A região baixa da sede compreende os municípios de Várzea Alegre, Alto Caldeirão, Tabocas, Nova Valsugana, Santa Antônia da Canaã e São João da Patróncia.

se necessário, conforme afirma Serrano (2000, p. 18), vinculá-lo à cidadania, de forma a ensaiar um reposicionamento do mercado na sociedade.

A criação de parques e unidades de conservação, como a Reserva Augusto Ruschi, são avaliadas por Diegues (1997, p. 85) como sendo um dos “principais elementos de estratégia para conservação da natureza, em particular nos países do Terceiro Mundo”. Desde o início, esses parques nacionais foram criados para fornecer às populações urbanas meios de lazer e contemplação do mundo natural. O objetivo dessas áreas naturais é a preservação de espaços com atributos ecológicos importantes, não permitem, ao mesmo tempo, a moradia de pessoas em seu interior.

Discutindo essa idéia, o autor destaca Roldman, que analisa a criação desses parques e unidades como sendo frutos de uma visão antropocêntrica, na medida em que “beneficiava as populações urbanas e valoriza, principalmente, as motivações estéticas, religiosas e culturais dos seres humanos”. Nesse sentido, as populações residentes nesses parques sofreram e sofrem preconceitos, o que fortalece ainda a idéia de que homem e natureza não podem conviver em harmonia. Podemos analisar, além disso, o caráter de preservação como uma negação dos valores e qualidades intrínsecas da própria natureza, uma vez que, tal preservação teve como eixo-norteador apenas os anseios dos homens (DIEGUES, 1997, p. 86-87).

Podemos observar isso, conforme estudos de Wearing e Neil (2001, p. 64), “tanto na posição que defende a preservação quanto na que defende o uso, a centralidade da premissa antropocêntrica”. E desse modo que os autores resumem as posições relativas ao uso e à preservação da natureza:

Em um extremo, a que envolve as necessidades humanas e sua satisfação pelas áreas naturais; no outro extremo, a orientação oposta à preservação e à proteção das áreas naturais, considerando-as áreas sem valor. O conflito intensifica-se com as pressões de uma população global exponencialmente crescente e o conseqüente consumo de recursos envolvidos nesse processo (WEARING e NEIL, 2001, p. 64-65).

Traçamos neste instante um elo entre as considerações desses autores e a realidade da utilização das áreas de conservação de Santa Teresa. Essas áreas são fruto dos esforços de

Ruschi, servindo de referência para iniciativas de pesquisa, de ecoturismo/ecovisitação, inclusive por parte das populações próximas ao seu entorno, não podem ser utilizadas para a exploração ou residência por moradores. Além disso, muitas vezes só podem ser utilizadas com fins de pesquisa e, em caso de visitação, apenas com prévio agendamento, que muitas vezes é impossibilitado pelo número limitado de atendentes nessas áreas.

Conforme observações realizadas, detectamos três visões no discurso da população local sobre a importância e a utilização dessas áreas. A primeira defende a utilização dessas áreas não apenas em caráter de visitação, mas também em caráter de moradia e uso de recursos. Nesse caso, a presença humana em áreas de proteção não seria impossível, pois ambos, turistas e população local teriam o direito a usufruir dessa natureza. A segunda, defendida por biólogos, pesquisadores e cientistas, ressalta a importância da preservação dessas áreas sem a mínima interferência humana. E a terceira refere-se à não-necessidade de preservação dessas áreas.

Detectamos nesse exemplo a justificativa instrumental de preservação da natureza, a qual, segundo estudos de Godfrey-Smith (apud WEARING e NEIL, 2002 p. 18-19), pode ser classificada em quatro categorias: a estética/espiritual [valorização por oferecer o despertar espiritual]; a biológica/biodiversidade [valorização por seu estoque de diversidade genética]; a científica [valorização para a pesquisa científica] e a atlética [valorização para turismo e recreação]. Atualmente, porém, ressurgem²⁵ uma nova filosofia que põe em cheque os valores antropocêntricos e intrínsecos que regem a preservação da natureza: a ecocêntrica.

De acordo com a perspectiva ecocêntrica, não precisamos de áreas de proteção, se não tivermos um relacionamento tão explorador com a natureza. Nessa filosofia, a natureza tem o direito de existir e florescer independentemente de fornecer bens primários ou benefícios financeiro, ou de satisfazer, de algum modo, as necessidades e demandas humanas (NASH, apud WEARING e NEIL, 2002, p. 19).

²⁵ Segundo Wearing e Neil (2002, p. 18), essa nova filosofia ressurgiu, pois sua concepção pode ser observada nos

Independente dessa perspectiva, acreditamos que a criação das reservas mostra-se, ainda como facilitadora para o desenvolvimento de atividades de ecoturismo/ecovisitação, as quais podem ser desenvolvidas em áreas restritas, causando mínimo impacto e auxiliando na criação de novas relações homem/natureza. No entanto, os gerenciadores dessas atividades devem ultrapassar as visões antropocêntricas e os anseios meramente utilitaristas. Citamos, nesse contexto, a trilha interpretativa realizada por André Ruschi na Estação Biológica de Santa Lúcia. Segundo André: *“A saída que eu vejo para a questão ambiental são essas atividades realizadas através dos tempos. Com elas busco desenvolver uma sensibilidade, ou uma vergonha na cara, a qual não se adquire da noite para o dia. A convivência com a natureza é que gera o bom senso, mas não é imediato”*.

Buscando refletir sobre o surgimento dessa sensibilidade nos participantes de atividades ecoturísticas atreladas à educação ambiental, é necessário primeiramente entender como tais atividades se estabeleceram. Carvalho (2002, p. 54), em um de seus estudos, analisa sua origem:

[...] evidenciavam-se os efeitos e a percepção da deterioração do meio ambiente e da vida nas cidades, causada pela Revolução Industrial. Essa visão marcará um contraste com ideais de afirmação humana pelo domínio da natureza que preponderaram no contexto social dos séculos XVI e XVII, tempo de afirmação de uma nova ordem de burguesia e mercantil.

Essa experiência urbana, marcada pelas precárias condições ambientais, impulsionou o surgimento de um sentimento estético e moral de valorização da natureza selvagem, não transformada pelos humanos. Esse fenômeno vai repercutir tanto na emergência das chamadas novas sensibilidades para com a natureza, a partir do século XVIII, na Inglaterra, quanto nas idéias de valorização do mundo natural e selvagem nos Estados Unidos, principalmente no século XIX. (CARVALHO, 2002, p. 56). As novas sensibilidades, segundo a autora, buscam, portanto, em sua apropriação, um ideal estético e moral, evidenciado nas sensibilidades políticas e estéticas, garantindo “à natureza e às questões ambientais um lugar de indubitável notoriedade” (Ibid., p. 58).

A notoriedade da questão ambiental evidencia o papel da educação ambiental, que se inscreve como espaço privilegiado para a intervenção político-pedagógica, tendo como ideário a

afirmação de uma sociedade ambientalmente justa. A possibilidade da execução de programas de educação ambiental em consonância com atividades de ecoturismo/ecovisitação são entendidas por André Ruschi como:

...um campo extremamente promissor, quando efetuadas de forma consciente e correta, que toma força à medida que é evidenciado na mídia como local de luta e igualdade. Em Santa Teresa, essa busca pode ser entendida nessas atividades embrionárias de ecoturismo. Eu vejo essas iniciativas com bons olhos, embora saiba que tem muita gente que só quer fazer nome e dinheiro por trás delas. Mesmo assim, analiso como um trabalho inicial, ainda carente de melhoras, mas totalmente viável e necessário à realidade tanto do mundo, quanto de Santa Teresa.

As apropriações indevidas de atividades de ecoturismo/ecovisitação e educação ambiental são observadas não apenas no contexto de Santa Teresa, mas também em nível Mundial, onde se estabelece, de acordo com Loureiro (2002a, p. 13), “a ausência de crítica política e análise estrutural dos problemas que vivenciamos [...], nesse sentido, perpetuam a lógica instrumental do sistema vigente, ao reduzir o ambiental a aspectos gestionários e comportamentais”.

A mudança desse quadro por meio de propostas verdadeiramente autênticas deve visar ao entendimento dos problemas ambientais dentro do contexto social no qual foram originados. Dessa forma, faz-se necessário o aprofundamento dessas atividades dentro dos contextos onde ocorrem intervindo ainda nas condições dos mesmos, uma vez que não basta apenas a mudança individual de comportamentos (Layrargues, 2002a, p. 92-93).

Numa proposta de mudança, privilegiando o enfoque acima, Rogério Nora Lima, coordenador do Curso de Ciências Biológicas da ESESFA, juntamente com outras entidades (ESFA), buscou, por meio de trabalhos com o público infanto-juvenil, desencadear um processo de formação e vivências no meio ambiente. Assim, organizou a Semana do Meio Ambiente em uma nova versão. Seus objetivos principais foram: “*possibilitar a esse público, que julgo ser fundamental para a mudança do quadro ambiental, a experiência de atividades junto à natureza*”. Rogério Nora ainda acrescentou: “*as atividades não se limitam meramente a uma vivência em trilhas, mas à discussão e tomada de decisão diante do ambiente natural*”.

Essa proposta pode ser analisada, conforme as reflexões de Layrargues (2002a, p. 93) como uma forma de ultrapassar meramente a esfera comportamental, uma vez que inclui o ambiente humano em suas práticas, incorporando os processos decisórios e participativos como um valor fundamental a ser considerado na proteção ambiental. Destacamos nesse ponto não apenas o valor de proteção, mas principalmente o de interação através de novas relações a serem estabelecidas nessas práticas.

Nesse sentido, novamente voltamos nossa atenção aos trabalhos de Augusto Ruschi, idealizador de uma nova ética de relação com o meio ambiente e entre os homens. Embora talvez não tivesse idéia da dimensão de suas lutas na atualidade, possuía a certeza de sua necessidade na configuração de um novo quadro.

As reservas e pesquisas, atreladas a realidade e necessidades das dinâmicas sociais marcam o desencadeamento de novas relações com o meio ambiente, bem como o seu direcionamento. A influência dos trabalhos de Augusto Ruschi abrange desde a curiosidade até a efetivação de propostas de indivíduos pela causa ambiental, concretizadas por meio das atividades iniciais de ecoturismo/ecovisitação em Santa Teresa. Tais atividades, em alguns casos, estão relacionadas a programas de educação ambiental, os quais, de acordo com suas metas e idealizadores, apresentam pontos a serem desenvolvidos.

Santa Teresa, embora não possua o título de cidade turística, destaca-se por suas belezas naturais, suas reservas, pelas pesquisas realizadas por Augusto Ruschi e outros cientistas, por sua biodiversidade e por sua descendência italiana. Essas características culminaram no reconhecimento da Região Serrana do Espírito Santo como possível pólo de ecoturismo²⁶ (COSTA, 2002, p. 36). Dentre as cidades dessa região, podemos destacar Domingos Martins, Venda Nova do Imigrante e Santa Teresa.

²⁶ Os pólos de ecoturismo fomentados pela Embratur tinham por objetivo almejar realizar levantamentos das características, das potencialidades e das condições de infra-estrutura dos locais onde o ecoturismo se apresentava como nova alternativa de desenvolvimento (COSTA, 2002, p. 33).

Cada fator citado é uma peculiaridade a ser analisada dentro da conjuntura ambiental em que a cidade está inserida. Seus conflitos, contradições, avanços e relações merecem reflexão que não tem somente como parâmetro as contribuições de Augusto Ruschi, mas todas as contribuições de outros autores, além da própria dinâmica das nas atividades de ecoturismo e educação ambiental.

As atividades iniciais de ecoturismo/ecovisitação, em especial as trilhas, e os programas de educação ambiental desenvolvidos em Santa Teresa serão abordados nos capítulos subseqüentes, com o fim de atender aos objetivos da presente pesquisa, bem como levantar novos pontos de reflexão sobre a temática.

CAPITULO II: AS VISITAÇÕES À NATUREZA E OS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Retomando as questões superficialmente colocadas anteriormente na introdução sobre ecoturismo e ecovisitação, prosseguiremos no sentido de ampliar os possíveis entendimentos adotados por determinados autores, visando com isso um maior aprofundamento do tema para posteriores discussões. Para tanto, trazemos primeiramente as contribuições de Wearing e Neil (2001, p. 10) segundo os quais, o ecoturismo abarca quatro elementos fundamentais: primeiro a noção de movimento ou viagem de um lugar para o outro. Essa viagem deve “[...] ser restrita a áreas naturais relativamente tranquilas ou protegidas, pois o foco do ecoturismo recai fundamentalmente sobre experiências em áreas naturais”.

Isso conduz ao segundo elemento: o ecoturismo baseado na natureza. De acordo com os autores, viagens de negócios, férias convencionais em praias e outras não podem ser considerados ecoturismo já que “[...] seu foco principal não está na experiência do ambiente natural da área visitada” (Ibid., p. 11). Contudo, ressaltam que o ecoturismo não se limita exclusivamente a áreas naturais relativamente tranquilas, pois pode também reabilitar áreas degradadas. Nesse caso, “[...] há uma contribuição clara ao meio ambiente e um benefício direto para a comunidade local [...]. Há um impulso ético para os turistas viajarem a essas áreas prestando serviços voluntários²⁷ ao meio ambiente” (Ibid., p. 12).

Em terceiro lugar, ressalta-se o ecoturismo como indutor de conservação, visando levar pequenos grupos de pessoas a áreas naturais ou de proteção, com um mínimo de impacto sobre os

²⁷ Esse trabalho voluntário é realizado em Santa Teresa pela Sociedade Civil dos Bombeiros de Santa Teresa, que promove reflorestamento de áreas degradadas de Mata Atlântica, provocadas por queimadas e incêndios florestais. Com 5 anos de existência, a entidade fomentou 50 eventos com a comunidade e visitantes, com cerca de 12 reflorestamentos de grande porte realizados anualmente.

ambientes físicos, social e cultural. Desse modo, Swanson (apud Wearing e Neil, 2001, p. 11), destaca que o ecoturismo apresenta a possibilidade de promover a conservação dos recursos naturais por meio da crescente consciência das pessoas para a importância desses recursos.

O quarto elemento destacado pelos autores refere-se ao caráter educativo do ecoturismo. Segundo eles, o ecoturista expressa desejo de aprender sobre a natureza em suas viagens, dando ênfase à apreciação, à educação e à interpretação da natureza por meio das metodologias utilizadas. Assim, “[...] a dependência que o ecoturismo tem da natureza, em oposição a outras formas de turismo, nas quais a natureza é incidental à experiência, inclui motivação turística de satisfazer uma necessidade educacional, que deriva das interações com o ambiente natural” (Ibid., p. 12). Nesse caso, os autores destacam o exemplo de uma família em viagem para o Havaí, onde usam a praia para lazer. Essa visita pode ser considerada de natureza ecoturística se um dos propósitos for aprender sobre o ecossistema das dunas de areia do local.

O ecoturismo é, diante dessas características, uma atividade abrangente, compreendendo um amplo número de variáveis. Tal abrangência é destacada por Wallace e Pierce (apud FENNELL, 2002, p. 49):

Ecoturismo é a viagem a áreas naturais relativamente intocadas, para o estudo, o divertimento, ou a assistência voluntária. É a viagem em que há preocupação com a flora, a fauna [...] assim como com as pessoas que vivem nas vizinhanças, suas necessidades, sua cultura e seu relacionamento com a terra. O ecoturismo encara as áreas naturais como “a casa de nós” num sentido global, mas também especificamente a “casa dos habitantes das vizinhanças”. Ele é visto como uma ferramenta para a conservação e o desenvolvimento sustentável – especialmente nas áreas onde a população local é solicitada a abrir mão do uso predatório dos recursos naturais em favor de outros tipos de uso.

A World Commission on Environment and Development [Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento], em 1987, definiu desenvolvimento sustentável como “[...] o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do tempo presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades”, sendo, ainda, a proteção e a administração ambiental, elementos fundamentais para o desenvolvimento sustentável.

O desenvolvimento sustentável abordado nessa definição pode abranger, conforme contribuições de Brügger (1999b, p. 65), pelo menos dois significados bem gerais: um inclui sua dimensão política e ética;²⁸ e o outro, diz respeito unicamente ao gerenciamento sustentável dos recursos naturais. Em ambos a dimensão técnico-natural é predominante. É compreendida pela utilização de técnicas e instrumentos, além de seu caráter natural, como sendo um resgate da dimensão emancipatória da sociedade envolvida na questão.

Sorrentino (2002, p. 19) destaca ainda duas grandes tendências no campo do desenvolvimento sustentável: a primeira refere-se à preservação da biodiversidade, à conservação dos recursos naturais, ao desenvolvimento local e diminuição das desigualdades sociais, por meio de novas tecnologias, políticas compensatórias, tratados internacionais de cooperação e de compromissos multilaterais, estímulo ao ecoturismo e outros. A segunda volta-se para finalidades semelhantes, mas por intermédio da inclusão social, da participação na tomada de decisões e da promoção de mudanças culturais nos padrões de felicidade e de desenvolvimento.

O autor analisa as duas tendências e suas limitações: a primeira tendência é fragmentada em relação à sua percepção do conjunto de fatores que leva aos impasses vivenciados, limitando-se assim a propor soluções dentro da lógica de mercado; a segunda, por sua vez, busca a compreensão da totalidade das causas da não-sustentabilidade e da crise civilizatória, mas se limita à formulação de propostas regionais, pois a exigência participativa a torna pequena e artesanal (SORRENTINO, 2002, p. 19).

Visando à superação das limitações dessas tendências, torna-se necessária a formulação de políticas públicas voltadas para a inclusão e a participação, além de um rigoroso exercício de decodificação desses conceitos, de forma que as iniciativas locais/pontuais obtenham das políticas públicas o necessário apoio para sua efetivação (SORRENTINO, 2002, p.19).

²⁸ A ética é aqui compreendida, de acordo com as considerações de Siqueira (1998, p. 19), em sua dimensão social, como ciência da práxis, palavra esta entendida como um conjunto de atividades humanas voltadas para a criação de condições imprescindíveis à existência do homem na sociedade. Nesse sentido, a ética tem como objeto a normatividade social. Assim sendo, toda ética denominada ambiental visa a um conjunto de condutas normativas que tem por finalidade a articulação das relações entre homem e natureza ou natureza e cultura.

O desenvolvimento sustentável deve também invocar uma nova ética, de modo que os conceitos hegemônicos de determinados termos, como meio ambiente, ciência e outros, sejam submetidos a uma profunda revisão epistemológica. Essa revisão é necessária, pois tais conceitos se encontram intrinsecamente associados às causas da degradação, na medida em que, alicerçam ideológica e materialmente, o sistema de produção dominante (BRÜGGER, 1999b, p. 76).

Dando continuidade às questões pertinentes ao ecoturismo, devemos salientar ainda a prática de uma gestão pelo país ou pela região anfitriã que se propõe planejar e manter os locais com a participação dos habitantes locais, realizando um marketing apropriado, reforçando os regulamentos e usando os lucros do empreendimento para investir na gestão da área e no desenvolvimento da comunidade (ZIFLER, apud FENNELL, 2002, p. 49).

Podemos acrescentar a essas idéias as palavras de Costa (2002, p. 15), para quem o ecoturismo “[...] é antes de mais nada, uma atividade que compreende em si um posicionamento ambiental de conservação do patrimônio natural e cultural, tanto em áreas naturais como não naturais”.

Diante dessas explicações, podemos voltar ao âmbito de Santa Teresa. Como ressaltado no capítulo um, sua riqueza natural preservada, fruto em grande parte dos trabalhos do cientista Augusto Ruschi, a configura como forte candidata a atividades de ecoturismo. Essa vocação é pautada principalmente em suas áreas de conservação, as quais são ambientes propícios para o desenvolvimento dessas atividades, especialmente as de caráter educacional.

No entanto o ecoturismo, na cidade, está em processo de introdução, uma vez que somente agora as instituições locais, em parceria com outros órgãos, começam a apostar nessa atividade. Ângelo Zurlo, advogado e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Teresa, destaca como a causa desencadeadora *“a percepção por parte dos órgãos competentes e da comunidade da importância de se preservar o meio ambiente para sua melhor qualidade de vida”*.

Zurlo analisa ainda as atividades de ecoturismo da região como sendo:

...extremamente novas. Esse tipo de turismo está começando aqui e muitas estruturas necessárias a ele ainda estão se adequando. Embora tenhamos esse grande acervo natural, percebe-se ainda a falta de um elo de ligação entre as pessoas que estão trabalhando com ele. Um faz uma coisa lá, outro faz outra coisa cá [...] isso é bom, pois dá possibilidades de escolha ao turista, mas acredito na necessidade de difundir e unir esses conhecimentos, a própria sistemática do negócio.

A ausência de uma sistematização mais adequada para as propostas de ecoturismo, além de suas causas iniciais, foram destacadas na introdução desta pesquisa. Vale destacar, porém, os trabalhos realizados pela secretária de Turismo e Meio Ambiente, Zélia Lóss, por meio dos quais a Prefeitura Municipal almeja interagir com essa nova atividade:

Embora Santa Teresa tenha uma certa tradição de município de montanha devido às suas belezas naturais, observamos, de uns tempos para cá, uma maior sistematização de atividades ligadas aos ambientes naturais feitas de forma desconexa. A Prefeitura aposta nessas iniciativas, porém, para nós foi necessário primeiramente criar um código de defesa do meio ambiente, que não existia nas outras gestões, um conselho, e inserir o município no Programa Nacional de Municipalização do Turismo²⁹ para dar parâmetros a essa prática e tentar captar recursos.

As iniciativas realizadas pela Prefeitura são fundamentais, na opinião de Zélia Lóss, para quem:

...as pessoas precisam entender que a área do meio ambiente como um produto turístico não é rápido, pois você não pode fazer isso, sob risco de matar o produto. E às vezes as pessoas não têm muita paciência para isso e saem mexendo e descaracterizando. Então a gente está atuando nas duas frentes, no sentido de inibir iniciativas perigosas e de orientar as que já existem, tentando dar condições mínimas para sua continuidade.

Reportando-nos a essas falas, podemos ressaltar dois pontos fundamentais: a apropriação do meio ambiente como produto (valor utilitarista) e as práticas normatizadas para sua sistematização. Nesse caso, embora exista por parte de Zélia Lóss uma preocupação com a

²⁹ O Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) é coordenado nacionalmente pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), objetivando descentralizar as ações de planejamento, motivando o município como um todo e transmitindo as técnicas básicas do planejamento turístico, de forma a capacitá-lo a elaborar seu próprio plano de desenvolvimento. Mediante a adoção da metodologia da Organização Mundial do Turismo (OMT), adaptada à realidade brasileira, objetiva-se implementar um novo modelo da gestão de atividade turística, simplificado e uniformizado (EMBRATUR, 2002).

apropriação adequada do meio ambiente, tal apropriação não deixa de se adequar às normas estipuladas pela indústria turística.

Além disso, observamos que, diferentemente da fala de Ângelo Zurlo, o qual destaca a importância do meio ambiente para a qualidade de vida, há uma ausência de tal relação no entendimento da secretária. Esse entendimento vai influenciar trabalhos realizados na Semana do Meio Ambiente, a ser tratada no próximo capítulo.

Independente da apropriação do meio ambiente como produto, faz-se necessário ressaltar à sua possibilidade de atuação como elemento transformador. Nesse sentido, o ecoturismo encerra muitas oportunidades³⁰ de “[...] contribuir para que o indivíduo tome contato com o ambiente natural, perceba sua importância e significado para si mesmo e para a sociedade, passando a ter a natureza como um elemento próximo de suas ações” (BARROS, 2000, p. 88).

Conforme contribuições de Soulé (1997, p. 596), essa prática tem por objetivo motivar as pessoas para o contato com a natureza, e a melhor maneira de alcançá-lo seria provavelmente através de experiências e lembranças positivas, nas quais mente e corpo não se separassem. Nesse sentido, retomo Barros (2000, p. 88) o qual aponta o ecoturismo fazendo parte de uma lógica que leva o ser humano a redescobrir a sua relação com o meio ambiente, precisando, no entanto, de um processo paralelo, no caso a educação ambiental, para agir como meio de intermediação e facilitação.

A educação ambiental, portanto, é um componente imprescindível para a manutenção dessa atividade, uma vez que pode aumentar o conhecimento dos indivíduos e desenvolver atitudes responsáveis em relação ao meio ambiente. Essa responsabilidade com o meio ambiente não estaria restrita aos visitantes, mas atrelada da mesma forma a população local e à preservação de sua cultura.

³⁰ Bruhns (1998) polemiza essas oportunidades em seu artigo Visitando a natureza, experimentando intensidades, Cf. BRUHNS, H. T. Visitando a natureza, experimentando intensidades. In: VASCONCELOS, F. P. (Org.) **Turismo e meio Ambiente**. Fortaleza: UECE, 1998.

Nesse sentido, na educação ambiental deve estar implícita uma aproximação com o cotidiano desses indivíduos, em uma estreita ligação com as mudanças referentes ao seu desenvolvimento e às consequências que esse exerce em suas vidas (LAFLEUR e NOGUEIRA, 1992, p. 24), isto é, quando se realiza um trabalho de educação ambiental que objetive a preservação natural e cultural do local, devemos segundo contribuições de Silva (1999, p. 154), buscar a percepção renovada do mundo por meio de uma leitura diferenciada do tema. Essa visão sistêmica busca compreender como os meios natural e cultural estão intimamente ligados e, também, como a ação do homem sobre a natureza pode interferir nas relações sociais, considerando a cultura.

Os programas de educação ambiental desenvolvidos nas atividades de ecoturismo/ecovisitação têm sua importância, na medida em que auxiliam tais atividades a alcançarem seus objetivos por meio de metodologias aplicadas, em especial da realização de trilhas interpretativas adotadas nesses eventos. Porém, caso esses programas demonstrem distanciamento dos seus pressupostos teóricos, desconsiderando as particularidades e especificidades do local, podem constituir-se na simples passagem de técnicas e panfletagem.

Para Brügger (1999b, p. 78), essa educação ambiental de caráter restrito é fruto do que entendemos como educação. Nesse caso, ressalta que o ambiental deveria ser parte intrínseca da educação como um todo, e não como modalidade ou uma de suas dimensões, pois nessa visão reaparece a reificação da questão ambiental e, conseqüentemente, da própria educação. Essa visão, segundo a autora, leva as questões do meio ambiente a serem apropriadas novamente sob uma perspectiva instrumental, reduzindo os problemas ambientais e não ultrapassando as fronteiras da educação conservacionista.

Conhecer esses limites da educação ambiental é parte de um processo necessário não apenas para esta pesquisa e para Santa Teresa, mas para todos aqueles debruçados sobre as questões ambientais. Essa perspectiva, no entanto, deve levar em consideração que somente o mundo das idéias é insuficiente para concretizar determinadas mudanças materiais. Nesse sentido, a educação ambiental, embora envolva um certo tipo de coerção, não deve levar-nos a vê-la como detentora de todas as soluções (Ibid., p. 114).

Seria a coerção presente na educação uma saída para os problemas que permeiam a apropriação e o desenvolvimento de novas posturas diante da questão ambiental? Se entendermos essa coerção como repressão ou restrição de direitos, teremos como resultado o insucesso, como mostra a própria história da educação ao longo dos tempos. Essa educação se transformará naquilo que pretende superar, não servindo como espaço de troca de conhecimento, reflexão e ação. Atuará, assim, impondo comportamentos, e não os construindo em uma perspectiva crítico-dialética, segundo a qual educadores e educandos agem em um processo recíproco de troca de experiências e liberdade de idéias.

Mesmo sendo materializada em forma de leis, essa coerção terá restrita contribuição, uma vez que impor é perpetuar dicotomias, quando nos referimos ao meio ambiente. Tais considerações serão mais bem aprofundadas no capítulo quatro da presente dissertação, no qual estaremos debatendo, entre outros assuntos, questões pertinentes a essa temática.

Após essas exposições, faz-se necessário aprofundarmos nossa discussão sobre a ecovisitação. Como ressaltado anteriormente, as visitas à natureza verificadas em Santa Teresa não se restringem apenas a turistas, mas envolveram também em sua maioria, escolas locais e da região, além de membros da comunidade. Nesse sentido, o termo ecovisitação apresentou-se como mais apropriado para a designação dessas visitas, uma vez que abrange tanto o público de turistas como os visitantes locais. O termo ecovisitação, eleito aqui como categoria de análise, consiste em visitas a áreas naturais, tendo como componente norteador o processo educacional dessa prática, mediante a vivência em trilhas.

Propomo-nos agora avaliar todo o processo de configuração das trilhas desenvolvidas em Santa Teresa, destacando suas limitações, avanços e contradições. Visando verificar esse processo, iniciaremos a descrição e a análise das seguintes atividades: Passeio ao Entorno da Reserva Augusto Ruschi e trilhas interpretativas da Estação Biológica de Santa Lúcia.

2.1 PASSEIO ECOLÓGICO DO ENTORNO DA RESERVA BIOLÓGICA AUGUSTO RUSCHI

A Reserva Biológica Augusto Ruschil,³¹ antiga Reserva Biológica de Nova Lombardia, recebeu essa denominação pelo Decreto n.º 92.753, de 5 de junho de 1986, em homenagem ao seu idealizador. Criada pelo Decreto n.º 87.589, de 20 de setembro de 1982, essa área enquadra-se dentro das áreas naturais genericamente denominadas Unidades de Conservação. As Unidades de Conservação (UCs), segundo estudos de Costa (2002, p. 61), podem ser públicas ou privadas. As UCs públicas mais conhecidas são os Parques Nacionais e as Áreas de Proteção Ambiental (APAS) e as Reservas Biológicas.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação as define oficialmente, em seu artigo 2º, como “[...] espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção” (Ibid., p. 61-62).

A situação da Reserva Augusto Ruschi começa a tomar proporções preocupantes, devido à sua infra-estrutura deficitária, à falta de apoio dos seus órgãos gestores. Esse fato é verificado na maioria das UCs do Brasil, as quais têm sido criadas sem as mínimas condições para garantir a sua conservação: não há recursos humanos, planos de manejo e outros elementos que possam suprir suas deficiências. Pouquíssimas possuem estrutura mínima para se manterem em funcionamento, sendo que a maioria se encontra abandonada ou delimitada apenas no papel (MENDONÇA e NEIMAN, 2002, p. 166).

³¹ A reserva está localizada a 7 km do centro da cidade. Possui uma área de 4 mil hectares. Sua criação teve como principais objetivos a preservação da diversidade biológica dos ecossistemas existentes em seu interior. Dotada de infra-estrutura administrativa, possui casa de apoio para pesquisadores e Centro de Vivência para Educação Ambiental.

Sendo uma Reserva Biológica, seu espaço é aberto apenas a visitas com objetivos educacionais e de pesquisa, realizadas de acordo com seus regulamentos. Isso não impossibilita, no entanto, conforme afirmações de Rogério Nora Lima *“sua utilização como produto ecoturístico, porém limita suas modalidades de ecoturismo e impede a exploração em nível comercial”*.

A Reserva Biológica Augusto Ruschi, embora possua alto grau de atratividade pela suas riquezas naturais, contém em seu entorno uma área de 8 mil hectares de matas naturais não exploradas. Essa região é denominada área do entorno da Reserva Augusto Ruschi, sendo sede de uma comunidade chamada Nova Lombardia, onde residem cerca de 530 famílias. A principal fonte de renda dessa comunidade é a agricultura, no entanto, segundo Marcos Bonfim, funcionário público, agricultor e morador da região há 10 anos, *“a utilização da agricultura está se mostrando insuficiente para nossas condições de vida, estamos buscando outras formas de renda que possam dar maior retorno para melhorar a qualidade de vida; dessa comunidade”*.

Essas formas alternativas de renda começaram a ser estruturadas com a criação da Associação de Produtores e Moradores da Área de Influência da Reserva Biológica Augusto Ruschi. Com cerca de dois anos de existência, a Associação traçou metas para a melhoria da qualidade de vida dessa população. Segundo seu presidente, Gilmar Agostinho:

Nossa proposta para a Associação, em primeiro lugar, é criar um meio para reivindicar os direitos das comunidades que estão em volta da Reserva Augusto Ruschi. Não temos infra-estrutura, mas ninguém quer sair de lá. Então nossa proposta é sermos um meio e buscar o desenvolvimento auto-sustentável da região. Nós queremos que a Reserva continue e seu nome tenha o verdadeiro significado que teria de ter. Dando a real dimensão do que é a região de Nova Lombardia e seu entorno e propiciando o desenvolvimento auto-sustentável.

De acordo com Nations (1997, p. 103), devemos mostrar a essas comunidades de que forma podem produzir mais alimento e ganhar dinheiro, ao proteger os recursos naturais de sua terra, pois, “o colono do mundo em desenvolvimento pode entender sua dependência da diversidade biológica, mas seu interesse em proteger essa diversidade está em como isso pode melhorar sua vida e de sua família”.

A criação da Associação tem como preocupação também impedir o processo de desalojamento de comunidades do entorno da reserva. Nas palavras de Gilmar Agostinho:

...nossa preocupação também é não acontecer como no caso do Caparaó, que veio desapropriando, desalojando famílias, sem consideração com o lado social. Aparecem os ambientalistas xiitas que querem a perfeição do deles, que também não é perfeito, cada um defende o seu ideal. Mas o meu ideal é conseguir manter o tampão que está três vezes maior que o da reserva, sem brigas, sem pressão. Então nosso objetivo é esse: trazer o desenvolvimento auto-sustentável, trazer fonte de renda para o agricultor para ele poder ficar no entorno, conviver harmoniosamente.

Essa preocupação realçada por Gilmar, pode ser detectada dentro de um contexto colocado por Serrano (2000, p. 15), no qual algumas posturas determinadas “ambientalistas acabam por não reconhecer a participação de populações menos absorvidas pela cultura capitalista na conservação de alguns remanescentes ambientes naturais, dificultando sua sobrevivência pela restrição de uso dessas mesmas áreas”.

Reportando-nos às contribuições de Layrargues (2002, p. 115), podemos entender essa realidade, quando analisamos o contexto social no qual ela está inserida. Nesse caso, muitas vezes, as investidas humanas nas áreas que deveriam ser mantidas em boas condições ecológicas são realizadas por populações que não possuem outro local onde se estabelecer e de onde retirar sua subsistência.

A possível solução para essa realidade pode ser inferida das afirmações de Diegues (1997, p. 92), que considera a importância da simbiose homem-ciclos naturais existentes nas populações residentes nessas áreas de conservação. Diante disso, a concepção de parques ou áreas naturais protegidas que excluam essas populações caracteriza-se como uma postura irrefletida para o autor, segundo o qual:

A disjunção forçada entre a natureza e a cultura tradicional, em que os homens são proibidos pelo Estado de exercer as suas atividades do fazer patrimonial, e também do saber, representa a imposição de um mito moderno: o da natureza intocada e intocável, próprio da sociedade urbano-industrial sobre mitos das sociedades tradicionais.

Inclui-se ainda o confronto entre o saber tradicional e o saber científico-moderno. No primeiro, está o saber acumulado dessas populações sobre os ciclos naturais, sobre a reprodução e a migração da fauna e outros. No segundo, está o “conhecimento científico, que não apenas desconhece, mas despreza o conhecimento tradicionalmente acumulado” (Ibid., p. 95).

No caso da população do entorno da Reserva, esse saber tradicional está principalmente pautado nos conhecimentos das nascentes de água, diante do fato de a região ser cabeceira de três bacias hidrográficas, uma posição única no Estado do Espírito Santo e responsável pelo abastecimento de seis cidades.

Devido aos períodos de seca nos anos de 1998 e 1999, o fluxo de água da cabeceira diminuiu consideravelmente, provocando esforços por parte dos moradores da região para a mudança da situação. Para tanto foram feitas reservatórios em pontos estratégicos, sobre os quais assim se expressa Gilmar: *“permitiram a manutenção dos lençóis, uma vez que, em meu entendimento nós substituímos a mata arrancada por esse sistema de represa, onde a água vai infiltrando e mantendo o lençol naturalmente”*.

A Associação acredita no ecoturismo e nos programas de educação ambiental como formas de suporte para esses trabalhos e para melhores condições de vida da comunidade. De acordo com Marcos Bonfim, *“... se a nossa região é a região de maior biodiversidade do mundo, deve ser uns dos melhores locais do mundo para se viver, pelo menos em minha lógica, por que sair daqui então?”* Seria necessário, entretanto, *“... nós criarmos os meios de viver aqui, por um desenvolvimento do auto-sustentável, que passa pelo agro e pelo ecoturismo e pela educação ambiental, por uma agricultura orgânica, exploração de pousadas...”*.

A utilização dessa agricultura sustentável é vista por Rodrigues (1998, p.161) como uma integração entre os sistemas produtivos e a população que o desenvolve, sendo uma forma de conservar a biodiversidade do local; é vista também como um aspecto cultural das populações lá residentes. O estabelecimento de áreas para esse fim e sua manutenção pela comunidade são apontados como fatores essenciais à conservação da área.

Para iniciar suas atividades de ecoturismo, a Associação propôs, no dia 7 de abril de 2002, o Passeio Ecológico ao Entorno da Reserva. Esse passeio teve como objetivo mostrar todo o entorno da reserva, suas atrações naturais, a comunidade da região, com o fim de fazer uma divulgação da área, abrindo espaços para novos investimentos na região.

O trajeto iniciou-se no Country Club,³² passando por vales e estradas que dão acesso à reserva e ao seu entorno. O público participante da atividade constitui-se em sua maioria, de jipeiros e motoqueiros, provenientes da cidade de Vitória-ES. Contou-se ainda com a participação dos membros da comunidade de Nova Lombardia. Vale destacar, que o passeio utilizou como forma de propaganda “folders” (Anexo A), cartazes e anúncios em rádios da região.

O passeio por meios automobilísticos em ambientes naturais merece atenção pelos impactos que provocam em tais áreas. Tendo em vista essa preocupação, a Associação elegeu como trajeto apenas as estradas secundárias, respeitando as áreas limites. O trajeto era feito de jipe ou moto, havendo paradas previamente estipuladas para mostrar determinadas particularidades da região.

Na saída para o passeio, Gilmar Agostinho, em um discurso inicial, explicou o objetivo do evento e sua importância:

A Associação de Moradores do Entorno da Reserva, procurando polemizar a importância dessa região e mostrar suas potencialidades turísticas, tentando também iniciar na região uma atividade voltada ao ambiente natural sustentável, está realizando, apesar de todas as dificuldades, este passeio. Com essa atividade, queremos abrir novos caminhos e projetos para a região, tentando melhorar sua situação e despertar sua harmonia com o ambiente que a cerca [...]. Sabemos da importância do meio ambiente para nossa comunidade e apostamos nele não apenas para gerar recursos, mas para buscar a conscientização de vocês participantes quanto a determinados assuntos, como água, espécies ameaçadas de extinção e agricultura sustentável.

³² Country Club é uma área de propriedade particular, localizada a 4 km da sede. Tem uma queda d'água de 80 metros e sua infra-estrutura compreende bar, piscina natural, estacionamento e área para churrasco. Tem também, em seu entorno, uma área da Mata Atlântica preservada.

Realizado o discurso inicial, os participantes saíram em carreata pelo trajeto especificado. Além do trabalho de Marcos Bonfim e Gilmar Santos, destacamos o trabalho de Eric Sperandio e Irineu Pizziolo, ambos agricultores e residentes em Nova Lombardia. Esse grupo, em especial, realizou o trabalho de guias no passeio. Em cada ponto onde se faziam paradas, davam explicações sobre aspectos particulares da região e levantavam questões polêmicas.

Foram 11 os pontos de parada, dentre os quais podemos destacar, primeiramente, a Coopeavi,³³ onde se relatou a questão do desmatamento ocorrido ao redor de suas matas. Nesse sentido, trazemos a fala de Eric Sperandio:

Essa área que vocês estão vendo tinha como cobertura verdadeira as matas que vamos ver mais acima. Por causa das lavouras de café, tudo isso foi desmatado e aconteceram muitas erosões. A gente sabe que o município vive do café, precisa disso, mas a gente quer chamar a atenção sobre os danos desses desmatamentos para a região. Falta parceria e informação. Esse fato é muito comum em Santa Teresa, mas graças à ação das leis e dos bombeiros voluntários, estamos começando a recuperar a área.

Levantaram-se então alguns questionamentos a respeito da realização do reflorestamento e do trabalho desses bombeiros. Nilton Broseghini, presidente da entidade e um dos participantes do evento, ressaltou: *“Nós temos o melhor clima do mundo, temos 40 % de nossa cobertura vegetal natural, temos o Ruschi, mas, sem trabalho, isso tudo se perde”*. Visando à participação de todos, convidou-os para ajudarem a plantar algumas mudas de espécies frutíferas na área. Esse processo contou com a participação de todos do passeio em uma interação com os organizadores.

O segundo ponto de parada merecedor de destaque foi a Cabeceira do córrego Santo Antônio. Nesse local, foram polemizados temas sobre a importância da água, a posição ímpar da região para o abastecimento de outras cidades e o trabalho de tampão³⁴ realizado por Gilmar para manter o nível de água nos córregos. A questão da água é um assunto mundialmente debatido, e foi facilmente disseminado entre os participantes do passeio. Questões sobre o impacto do tampão e as dificuldades para alavancar assessoria técnica capacitada foram levantadas:

³³ A Coopeavi é uma cooperativa de avicultura da região e uma das patrocinadoras do evento.

³⁴ O tampão refere-se a uma obra de represamento nas nascentes da região, que visava à manutenção de seus lençóis

Nós temos muitas críticas quanto ao nosso trabalho de tampão, e eu pelo menos sei que se tivesse dado errado seria um dano ambiental irreparável. Mas a gente não teve ajuda. Aliás, a gente só escuta o que não pode fazer, o que está errado, mas eu não ouço ninguém me falando o que é certo. Eles acham que a gente tem de abandonar as faixas onde tem nascente, mas eles esquecem que o pessoal tem de sobreviver, e a sobrevivência é tirada dessa área. Então essa é a nossa bandeira: viver dentro da propriedade e manter o meio ambiente.

A sede da Reserva Augusto Ruschi foi o terceiro ponto a ser discutido entre os que vivenciamos. Nesse local, fizeram a princípio, toda uma retrospectiva histórica da vida de Ruschi, da criação da reserva, seus projetos e sua relação com o entorno. Foram levantadas as dificuldades de manutenção desse espaço, devido a dificuldades decorrentes da própria estrutura administrativa do IBAMA, e a idéia da criação de uma outra área de conservação em seu entorno, respeitando, porém, a comunidade tradicional do local. Irineu Pizziolo falou aos participantes:

A Reserva hoje em dia é nossa preocupação, não apenas por suas espécies de plantas e beija flores, mas também por seu retorno ao nosso meio, nos ensinando a conviver com ela harmoniosamente. O trabalho de Ruschi está aí para vocês verem, não é apenas um monte de mato, mas é a nossa outra parte. E nós queremos ampliar esse aprendizado com eventos como esses, tentando instituir uma nova unidade de conservação no entorno dessa reserva. Para proteger, para poder viver [...] hoje sabemos que o homem não vive sem a natureza e essa reserva vem nos dizer isso: a importância de preservar para sobreviver e para nos ensinar a viver.

Nos demais pontos do passeio, foi observada a mesma sistemática: parada, descida dos participantes a um determinado local, exposição do tema, breve passeio pela área, vivência prática no caso de alguns temas e debates. A divisão do passeio por temas está compreendida nos chamados Ecotemas³⁵ discutidos por Costa (2002, p. 42) por exemplo, a discussão realizada sobre a água enquadra-se na conservação das nascentes, tendo por objetivo sensibilizar os participantes sobre seu valor e sua utilização.

O passeio teve como ponto final o Country Club, onde se realizaram os agradecimentos, trocas de contato e um baile de confraternização. Observamos nessa ocasião que não foram apresentados números do folclore italiano na região. Os organizadores do evento deram preferência a um musical de forró e não quiseram apresentar, por exemplo, danças típicas as quais são características marcantes da região.

³⁵ Ecotemas são as classificações com base em temas escolhidos para a atividade ecoturística. Compreendem o tema, o ambiente no qual será desenvolvido e sua significação.

Quando questionado sobre o motivo dessa opção, Gilmar afirmou:

Olha, eu gosto muito dessas danças e acho que têm muito a ver com este tipo de evento porque enriquece, enche os olhos de quem vem de fora. Mas é muita burocracia chamar esse povo. Para mim, sinceramente, é uma questão política. Sei que é coisa da terra e dou valor a isso, mas não sou o tipo de homem que fico implorando as coisas. Tanto não implorei que, quando a Secretária de Turismo quis embargar meu projeto não dando apoio ou fazendo propaganda contra, nós arregaçamos as mangas e fomos à luta. Aqui as coisas são difíceis, cada dia você mata um leão e com essa administração, então, fica tudo mais difícil.

Tentando analisar o contexto dessa fala, observamos que há um fator político implícito nesses eventos. Gilmar é de Partido contrário ao do atual prefeito de Santa Teresa e essa postura, segundo ele:

...dificulta muitas idéias e a concretização das mesmas. Foi o caso do Passeio: a Prefeitura enrolou o tanto que pode para não dar crédito ao nosso trabalho. Isso é revoltante, porque se eles fossem tirar algum proveito da situação, pode ter certeza de que apoiariam com tudo. Mas eles não querem ver a gente crescer, eles querem centralizar tudo. Aquela secretária que se diz bióloga não entende nada, fica sentada lá, atrás da cadeira dela, colocando um tanto de empecilho para eventos como os da Associação.

Em entrevista posterior com Zélia Lóss, obtivemos a seguinte resposta a respeito do seu conhecimento do evento da Associação realizado no entorno da Reserva:

Eu fiquei sabendo si Parece que foi bem interessante. Eu acho positiva essa iniciativa, mas a prefeitura não tem como dar apoio a todo evento que aparece. Estamos trabalhando em partes imprescindíveis para o início do desenvolvimento do ecoturismo da região. No momento, nossas atenções estão voltadas à confecção de estatutos e à criação de conselhos e, principalmente para o Parque São Lourenço.[...] Me preocupa como esse tipo de atividade está sendo desenvolvida, aquela região é muito delicada e merece atenção especial.

Em ambos os relatos, observamos a inquietude dos respondentes, Zélia Lóss e Gilmar Agostinho. Pertencentes a partidos diferentes, muitas de suas pendências não se restringem a esse campo, indo atingir diretamente eventos e propostas formuladas. Parece que não existe, portanto, diante dessa constatação, uma maturidade política que coloque acima das diferenças partidárias atividades como a do Passeio. Essas e outras limitações serão mais bem debatidas no capítulo quatro desta dissertação.

Nas entrevistas realizadas com os participantes, o passeio foi avaliado como satisfatório. Essa satisfação remete ao próprio contato com a natureza e aos conhecimentos adquiridos no decorrer do evento por meio da metodologia aplicada. Reportando-nos ainda às falas obtidas, observamos que o motivo citado como culminante na participação do passeio foi o interesse em conhecer o trabalho de Augusto Ruschi e, paralelamente, o interesse em conhecer as belezas naturais da região.

Em relação aos conhecimentos adquiridos por meio da atividade, os participantes destacaram, em sua maioria, o fator da vivência prática com as informações, como por exemplo, o do plantio da mudas. Foi citada também a figura do morador da região como guia, o que se configurou como forma estimuladora do conhecimento, ou seja, o fato de um agricultor saber discorrer sobre vários assuntos aguçou a curiosidade de muitos.

A educação ambiental presente nessa atividade envolveu a passagem de informações, incentivos à visitação e à reflexão sobre os temas propostos em cada área específica (água, reflorestamento e outros), propiciando a experiência corporal com esses elementos. Essa experiência tem como exemplo a ocasião em que os participantes do passeio fizeram o plantio das mudas de árvore. Nesse momento, o contato direto com a terra, a idéia de estar auxiliando na perpetuação de espécies de árvores geraram sensações, sensibilizações que foram decodificadas via informações do corpo, podendo gerar novas relações com o meio ambiente.

Essa experiência corporal constitui uma experiência íntima: o encontro particular do sujeito com ele mesmo, em um ambiente propiciador de revisão de valores, crenças, condutas. Nesse ambiente, busca-se o contato com as coisas perdidas. Trata-se de uma questão sensorial quase religiosa (no sentido de re-ligação: homem/natureza) e também concreta, não se limitando, porém, a atividades do tipo “abraçar uma árvore”.

Estabelece-se dessa maneira uma comunicação com o que está acontecendo e vendo (atividades mediadoras da integração do corpo humano nas suas várias dimensões); essas informações ficam gravadas no corpo por meio de sensações. Tais sensações permanecem guardadas no sujeito muito mais do que própria paisagem visitada. Trata-se de uma experiência

sensível, um modo de conhecer especial, a partir do qual se extraem conhecimentos que podem vir a gerar mudanças.

A experiência corporal com a natureza é analisada por Bruhns (1997, p. 130) como a mais direta e imediata, uma vez que o corpo é o primeiro referencial do homem no mundo. Esse tema, segundo a autora, requer a compreensão da corporeidade e do movimento como sua expressão., sendo uma forma de comunicação e de diálogo. O corpo humano, nesse sentido, organiza-se como receptáculo de informações decodificadas numa cultura, estando impressa nele a estrutura social, a qual é expressa pela atividade corporal.

Os movimentos manifestados pelas ações do corpo, portanto, influenciam sentidos e sentimentos decorrentes dessa prática e da própria história.e são por eles influenciados. Nesse sentido, a autora acrescenta:

Se o que nos foi ensinado ver e admirar influencia nossas perspectivas de análise, bem como a utilização ou não das nossas sensações para o entendimento do que nos cerceia, parece bastante evidente ser o conhecimento uma peça importante na compreensão da interação homem/natureza. Faz-se necessário, portanto, desenvolver um aprendizado que envolva elementos de ordem ética e estética, em que essa interação seja explicitada (BRUHNS, 1997, p. 138).

A autora ressalta assim a oportunidade de a educação ambiental apropriar-se desse conhecimento para traçar novas propostas (BRUHNS, 2000, p. 45).

Neiman e Mendonça (2002, p. 161) vêm ao nosso encontro, afirmando que o contato com a natureza oferece uma nova oportunidade de enfrentar emoções, diferenças e mistérios. Esse contato pode promover o resgate de sentimentos pessoais esquecidos no processo de desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, uma visita a espaços naturais para refletir, sobre a lógica atual e a questioná-la transforma comportamentos. Ao perceber mais, amplia-se a experiência. O tempo mais lento de contemplação ajuda a percepção dos ritmos e da natureza, o que é raro de se poder fazer em ambientes urbanizados nas grandes metrópoles.

Assim, o espaço natural passa a ser visto como uma necessidade vital, sem o qual o ser humano não consegue engrandecer holisticamente. Nesse sentido, esse espaço deixa de ter apenas valor utilitário e passa a ter valor existencial. Se ele precisa existir para que o ser humano também exista, o ser humano deve ter cuidados com ele, e exercitar um conhecimento do mesmo através de experiências atividades como ecoturismo e educação ambiental (MENDONÇA e NEIMAN, 2002, p. 163).

Barros e Dines (2000, p. 49) discutem ainda sobre a importância de se discorrer sobre aspectos informativos, de ética, das práticas de manejo para o mínimo impacto, da busca de uma mudança de atitude para a conservação da área e sobre a necessidade de responsabilidade tanto por parte dos visitantes como dos organizadores em atividades ecoturísticas. Objetivam com isso formar um quadro de sensibilização, no qual as partes envolvidas tenham ao final da atividade um leque de informações e vivências que possam vir a culminar em novas relações com o meio ambiente.

Para Gilmar, a sistematização das abordagens em cada área teve como eixo norteador “*a vontade de deixar os participantes à vontade e utilizar a comunidade para falar sobre assuntos que dominam*”. Quando interrogado sobre se essa prática poderia ser chamada de educação ambiental, ele afirmou:

Eu não sou um especialista em educação ambiental e não tenho tanto saber técnico, mas sei, pelo que vivo, que educar as pessoas ou tentar, porque é difícil de saber se conseguiu, passa por uma experiência positiva, solta, divertida e sem mistérios. Eu busquei isso: levá-los para conhecer nossa região de forma agradável e passar o que sabia dela. Busquei, como disse antes, levar também nossa comunidade para despertar ainda mais o seu interesse em investimentos na área da natureza, porque se eles gostaram de participar, vai ficar muito mais fácil implementar novos eventos. Acho que isso pode ser educação ambiental sim.

Tuan, citado em Barros e Dines (2000), realça que a percepção adequada, fruto de uma visita agradável, cria vínculos de conservação, de respeito ao meio ambiente; com isso, cada visitante se torna um aliado em assuntos relacionados ao meio ambiente.

Podemos ampliar essa visão, utilizando as palavras de Bruhns (1997, p. 136), ao refletir sobre a natureza como espaço de celebração. Assim: “as experiências íntimas do corpo com a natureza, numa perspectiva subjetiva, expressam em alguns casos uma busca de reconhecimento do espaço ocupado por esse corpo na sua relação com o mundo, uma revisão de valores bem como um encontro muito particular do homem com ele mesmo”.

Poderíamos exemplificar as considerações acima citadas, com o evento Peregrinação à Pedra da Onça,³⁶ realizado em Alto Várzea Alegre, município de Santa Teresa. A Peregrinação ocorre no segundo domingo do mês de agosto e, conforme relato de Adelair Venturini, moradora local, tem por objetivo agradecer à Nossa Senhora o período de chuvas, essenciais para a agricultura, ocorrido na região no ano de 1951, após longa estiagem. Nesse evento, todos os membros da comunidade realizam uma caminhada de cerca de 1 h e 30 min de duração até o topo da pedra. Após a caminhada, é celebrada uma missa de Ação de Graças.

Antes da celebração da missa, observamos a satisfação da comunidade em estar naquela localidade. Muitas pessoas aproveitavam para escolher locais isolados a fim de admirar a paisagem, descansar ou fazer suas orações e oferendas de agradecimento. Em uma prévia conversa com Simão Venturini, agricultor da região, a respeito do seu sentimento diante de peregrinação, obtivemos o seguinte relato:

Eu me sinto muito bem. Para mim significa mais que uma pagamento de promessas como os antigos daqui dizem. Aqui de cima dá para pensar em muita coisa que lá em baixo na roça não dá, porque é dia-a-dia embaixo de sol. [...] você acaba não reparando na riqueza e beleza deste local. Você começa a pensar nos seus atos, nas coisas que faz ou não faz para manter essa beleza, pensa em sua vida no que faz para melhorar ela, em como vai ser seu futuro. Por mais que a subida seja cansativa, chegar é uma vitória pessoal, não tem como te dizer direito. Tenta responder para você mesma e vai ver que é uma coisa que se sente no corpo, não dá para explicar.

Realmente, a sensação de cansaço, misturado com o grau de deslumbramento e reflexão são coisas dificilmente explicáveis. A questão subjetiva na peregrinação é evidente: cada um reage de uma forma a essa atividade, em um misto de fé e passeio. Nesse sentido, o reencontro do

³⁶ A Pedra da Onça é uma formação rochosa granítica com aproximadamente 400 m de altura, situada em Alto Várzea Alegre. Seu cume pode ser alcançado por trilha com escalada a pé, em cerca de uma hora. Do pico da pedra avista-se todo o entorno composto por cordilheiras e vales.

homem com ele mesmo e o meio ambiente, sua revisão de valores³⁷ podem despertar ações inovadoras e percepções mais aguçadas. Tais visitas podem provocar questionamentos e posturas críticas, desencadeando movimentos populares no sentido de buscar a provocação de leis que dêem suporte a essas áreas e que possibilitem a obtenção de recursos financeiros, seja do poder público, seja de instituições internacionais, seja de particulares.

Trazemos, neste contexto, a pesquisa realizada por Kinker, citado por Barros e Dines (2000), a qual detectou que, nos Parques Nacionais de Aparados da Serra e Caparão, quanto maior a frequência de viagens a áreas naturais, maior o grau de conscientização ambiental de seus praticantes. Nesse sentido, a continuidade de atividades como o passeio pode gerar contribuições para as áreas visitadas, pelo fato de o visitante estabelecer a cada visita maior intimidade e identificação com o local visitado, isto é, se um mesmo visitante frequenta muitas vezes o mesmo local, podem ocorrer transformações, e o fato de ele retornar à região pode ser considerado um tipo de vínculo estabelecido.

A visitação pode despertar um sentimento de responsabilidade pela área visitada, gerando uma necessidade de investimentos (KINKER, 1999, apud BARROS e DINES, 2000, p. 51). Marcos Bonfim aposta nessa hipótese, pois, *“através do passeio, sabemos que é algo pequeno, buscamos parcerias com empresas como a Aracruz, que já mostraram interesse em apoiar projetos na região, mas precisam ver com os próprios olhos a importância da área. Isso tudo tem que ser colocado no papel”*.

Loureiro (2002a, p. 27) analisa o fator estimulador de empresas como a Aracruz como formas de adequar-se às exigências do próprio mercado, e não aos princípios éticos de defesa da natureza, ou seja, “o ambiente passou a ser mais um fator de definição de quem está incluso ou excluído do mercado mundial, favorecendo a competição desigual e uma minimização de impacto sobre o ambiente que não representam uma mudança profunda e radical na relação sociedade-natureza”.

³⁷ Os valores acima referidos podem nortear ações pessoais diante da natureza, dos relacionamentos sociais e outros. A revisão de valores ocorre quando somos levados a conhecer um determinado local, as nascentes da região, por exemplo, e, diante dessa experiência, começamos a repensar nossas ações diante da questão hídrica no mundo.

O projeto referido compreenderia a conversão do entorno da reserva em UCs, além de outros direcionados para a própria Reserva Biológica Augusto Ruschi. Sobre esse processo, Diegues (1997, p. 100) ressalta a necessidade de conhecer melhor as relações entre a manutenção da diversidade biológica e a conservação da diversidade cultural para a elaboração de UCs, pois “é necessária uma colaboração interdisciplinar em que trabalhem de forma interligadas, corpo técnico especializado e os moradores da região para a efetivação de propostas”.

Nesse caso, a formação de uma UCs passaria pelo trabalho conjunto de todos os órgãos envolvidos, levando-se em consideração as aspirações, saberes e peculiaridades da comunidade da área que será objeto de preservação. Caso isso não ocorra, existirá, além dos problemas de desapropriação das áreas, a não identificação da comunidade com a área criada devido à falta de participação desses atores no processo.

A valorização de culturas regionais, a atenção dada a opiniões de pessoas do local e o respeito a essa diversidade de idéias podem ser a chave para um efetivo envolvimento comunitário. A educação ambiental deve, diante desse quadro, trabalhar valores que possam despertar o interesse, a autoconfiança e o engajamento em ações preservacionistas. Entre o conhecimento e a ação, ou ainda mais importante, entre o conhecimento e o comportamento harmônico com a natureza, existe uma grande distância que precisa ser compreendida, a fim de que sejam empregados os meios apropriados para estimular as mudanças almejadas.

As limitações ao desenvolvimento dessa atividade podem ser divididas em dois tipos. Primeiro, a falta de apoio e divulgação por parte de alguns órgãos, impedindo diretamente maior participação da comunidade teresense. Esse conflito de ordem socioambiental estaria implícito nas relações que os seres humanos na sociedade moderna, tendem a estabelecer para maximizar seus ganhos individuais ou dificultar iniciativas. Tal processo ocorre algumas vezes por parte do poder político exercido por determinados órgãos em razão das idéias diferentes que as partes defendem (Layrargues, 2002a, p. 114). Nesse sentido, poderia ter sido realizada uma caminhada mais democrática envolvendo a participação de pessoas de diversas faixas-etárias, e não limitando o passeio apenas aos proprietários de jipes e motos.

Segundo, o caráter de uma atividade inicial, que levou a se incorrer em determinadas falhas, dentre as quais se destaca: a falta de uma melhor sistematização e dosagem das informações, poucas paradas no que refere à vivência prática do tema abordado e à própria preparação dos guias que, embora possuíssem conhecimento sobre o assunto, não necessariamente sabiam discorrer sobre o mesmo.

Nesses casos, a parceria com outros profissionais especializados poderia vir a sanar essas limitações. Deve-se atentar, entretanto, para a vivência possibilitada por essa atividade e pela sua singularidade no contexto de Santa Teresa, merecendo, por isso, créditos e investimentos para possíveis novas versões.

2.2 AS TRILHAS INTERPRETATIVAS DA ESTAÇÃO BIOLÓGICA DE SANTA LÚCIA

A criação da Estação Biológica de Santa Lúcia³⁸ deve-se, principalmente, aos esforços de Augusto Ruschi. O cientista comprou parte das terras que compõem hoje a Estação e buscou parcerias com o Museu Nacional do Rio de Janeiro e a Sociedade de Amigos do Museu de Biologia (SAMBIO) para adquirir as áreas contíguas. Segundo estudos realizados na área, em apenas um hectare, foram encontradas mais de 450 espécies arbóreas, índice que justificou o reconhecimento da condição de biodiversidade³⁹ da Estação Biológica, em 1999.

³⁸ A Estação Biológica está localizada a 8 km do centro da cidade, na rodovia que liga Santa Teresa a Santa Leopoldina. Tem um total de 400 hectares de Mata Atlântica preservada. Sua infra-estrutura compreende laboratórios e alojamentos para fins de pesquisa. As visitas são previamente agendadas, sendo permitidas apenas as de cunho educacional e científico.

³⁹ Os estudos sobre a biodiversidade, de acordo com Coob Júnior (1997, p. 613), não são frutos somente da consciência da importância de preservação de espécies e da simplificação do meio ambiente, mas também, da necessidade de consciência das consequências de nossas ações e da primazia de outras preocupações. A isso, Wilson (1997) adiciona a necessidade de universalizar os conhecimentos advindos da biodiversidade, para difundir a sua necessidade de conservação e uso correto.

Tendo em vista a riqueza da região e sua possibilidade como gerador a de transformações no que concerne às relações entre homem/natureza, André Ruschi instituiu no local o projeto de trilhas interpretativas [ANEXO B]. Esse projeto é parte de um projeto maior chamado Arca de Noé, o qual consiste em visitas à Estação Biológica de Santa Lúcia e à Estação Biológica Marinha Ruschi localizada em Santa Cruz-ES.

André Ruschi, com base em conhecimentos técnicos de biólogo e de educador ambiental, selecionou uma trilha de 2 km pela qual deu início a seus trabalhos de educação ambiental. Embora a reserva já possuísse algumas trilhas, ele explica:

Em Santa Lúcia existe uma trilha de grande extensão que termina em uma cachoeira, porém essa trilha não foi feita para grandes públicos percorrê-la com frequência, porque o que tem ali não dá para perturbar. Aquilo ali é reliquia em termos de espécies animais, pássaros, insetos e plantas. Nesse sentido, é impossível o estudante passar sem fazer barulho, o que espanta os bichos, sendo uma tremenda agressão ao espaço, além de ter espécies que só se encontram ali e com visitas sem cuidados você pode colocá-las em perigo.

Tomando em consideração essa postura, outra trilha alternativa foi criada. Dada a biodiversidade⁴⁰ característica dessa área o trabalho nessa trilha consiste em estudos sobre botânica, zoologia, ecologia. Para tanto, leva-se em consideração o interesse da escola, isto é, os projetos específicos em desenvolvimento, além da faixa-etária e do nível de escolaridade dos alunos. Devido à diversidade a ser trabalhada, as escolas realizam, durante o ano, cerca de quatro visitas no local previamente agendadas. André discute a repetição da visita como sendo:

...parte de um processo pedagógico dentro da educação ambiental, no qual não se deve apressar as coisas. Os meninos vêm aqui para vivenciar e sentir o meio, aprender com ele. E com uma visita de cerca de três horas não dá para você realizar tudo. Até porque é um processo desencadeado que, para gerar mudanças, precisa ter continuidade nas escolas.

As escolas de 1.º e 2.º graus são, em sua maioria, o público participativo dessa atividade. Realizam cerca de 30 visitas por ano, atingindo um montante de 30 a 40 alunos por visita. A maioria das escolas é da Região Sudeste, sendo 50 % da Grande Vitória e 50 % de outros estados (AUGUSTO, 2002).

O trabalho nessa trilha, em ligação com as outras realizadas pelo projeto Arca de Noé, consistiu na utilização de diversas metodologias de educação ambiental, e de algumas, de acordo com André Ruschi:

Criadas por nós mesmos, a partir de nossas pesquisas e testes. Desenvolvemos elementos específicos aplicáveis conforme a situação da escola, comunidade de origem, problemas ambientais básicos da região, características culturais, idade, estilo de professor e outros. As atividades são desenvolvidas através de aulas de campo, com caminhadas através dos ecossistemas [...], sendo essa prática considerada por nós, como a resultante da melhor sensibilização.

A educação ambiental acrescenta novo alento à didática, utilizando-se de técnicas criativas que visem ao despertar da sensibilidade à natureza. O conteúdo informativo, diante disso, deve ser desenhado de maneira a estimular mais a percepção do que o intelecto num primeiro instante, pois a percepção antecede o raciocínio no processo de aprendizado, e somente com o seu desenvolvimento harmônico realizamos nossa integração interna. A educação baseada na percepção da realidade é, pois, uma técnica de psicologia ambiental⁴¹ aplicada à educação ambiental (AUGUSTO, 2002).

A percepção provém da decodificação e da interpretação das mensagens procedentes dos diferentes receptores sensoriais repartidos por todo o corpo humano. Esses impulsos nervosos constituem-se nas chamadas sensações, as quais originam, mediante transformações sucessivas, as percepções que geram a tomada de consciência dos acontecimentos exteriores, proporcionando o conhecimento do entorno (RIGAL, 1987).

A percepção ambiental seria, portanto, a percepção do indivíduo diante da experiência vivenciada, por exemplo, em uma trilha, que sofre influência também de seus valores pessoais. Nesse exemplo, cada visitante forma uma percepção dessa atividade, através das sensações e decodificações obtidas por ela. Assim, dois visitantes podem estabelecer percepções diferentes, estando diante de uma mesma bromélia. Essas percepções estão sujeitas às particularidades

⁴⁰ Wilson (1997) define biodiversidade como o conjunto das espécies de plantas, animais, microorganismos e ecossistemas em que esses seres vivem num processo ecológico do qual fazem parte.

⁴¹ A Psicologia ambiental trata do relacionamento recíproco entre comportamento e ambiente físico, tanto ambiente tanto construído quanto natural. Assim, o efeito do ambiente sobre o comportamento humano não é analisado de

psicológicas, fisiológicas e de valores do visitante. As particularidades psicológicas referem-se às características de motivação, experiência passada, atenção, emotividade e cultura de cada sujeito; as fisiológicas estão relacionadas ao sistema sensorial, ao seu estado fisiológico (miopia, por exemplo) e à idade (RIGAL, 1987).

Desse modo, cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente diante das ações sobre o meio. As respostas ou manifestações são, portanto, resultado das percepções, dos processos cognitivos,⁴² julgamentos e das expectativas de cada indivíduo. Embora nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, são constantes e afetam nossa conduta, na maioria das vezes, inconscientemente (FAGGIONATO, 2003).

A percepção ambiental é amplamente utilizada para o planejamento do ambiente. Um exemplo seria a pesquisa realizada pela Universidade Federal de São Carlos, onde se estudou a percepção dos grupos interatuantes na Estação Ecológica de Jataí-SP, a fim de avaliar os valores ecológicos, socioeconômicos e culturais da área de conservação, na perspectiva de orientar propostas do planejamento global do uso de seus recursos naturais (MAROTI, 2003).

Outro exemplo foi o trabalho desenvolvido pelo professor Walter Có, da ESESFA, juntamente com seus alunos da disciplina Meio Ambiente e Educação Física. Com vistas a pesquisar sobre o tema, o professor propôs aos alunos que cada um efetuasse a seguinte tarefa: solicitar a alunos da 1.^a à 4.^a série que desenhassem a sua sala como ela era no dia-a-dia e, posteriormente, como gostariam que fosse. Após a realização do trabalho, os alunos observaram a ampla variação de percepções dentro de um mesmo espaço. Os acadêmicos concluíram que essas percepções diferenciadas decorrem das sensações que se têm no local, que são diferentes em função dos fatores psicológicos e fisiológicos de cada aluno.

A percepção ambiental pode não apenas buscar o entendimento do que o indivíduo percebe, mas promover a sensibilização bem como o desenvolvimento do sistema de percepção e

forma isolada ou unidirecional, considera-se, sim, o contexto em que ocorre, enfatizando-se, portanto, a relação recíproca, ou seja, o ambiente tanto influencia o comportamento, quanto é influenciado por ele (UNB, 2003).

⁴² Processos cognitivos são os meios pelos quais o homem obtém, armazena e utiliza a informação (RIGAL, 1987).

compreensão do ambiente. Nesta última possibilidade, desenvolvem-se trabalhos através da vivência do Eco, ou seja, a vivência em ambientes naturais, como meios fundamentais para se propiciar a percepção com consciência de causa⁴³.

No caso do trabalho de André Ruschi, essa percepção ambiental é sistematizada por meio de trilhas interpretativas. As trilhas interpretativas são, segundo Vasconcellos (1999, p. 71), instrumentos educacionais que visam, pela da interpretação ambiental, a uma forma estimulante de fazer as pessoas entenderem o seu entorno ecológico. Diante disso, o homem aprende a refletir sobre as conseqüências de suas atitudes, formando novos valores e ações.

O autor destaca a interpretação ambiental como “uma tradução da linguagem da natureza para a linguagem comum das pessoas, facilitando a percepção do mundo e suas peculiaridades”, acrescentando ainda: “a forma que essa tradução é feita, ou seja, a abordagem interpretativa, diferencia a interpretação da simples comunicação das informações” (VASCONCELLOS, 1999, p. 71). Com isso, ao invés de se passarem apenas informações durante a vivência em uma trilha, busca-se primeiramente estimular sensações (barulho dos pássaros, cheiro das plantas), trocas de informações (sentido visitante-monitor, monitor-visitante), incitando o visitante a avaliar o local e ponderar sobre de forma integrada.

A interpretação ambiental pode, portanto, gerar mudanças de atitudes. Atitudes são baseadas, segundo Havgar, citado em Barros e Dines (2000, p. 50):

[...] em um conhecimento mais amplo e na avaliação consciente da realidade. A atitude é uma disposição para um certo comportamento, em função das circunstâncias, de maneira que prevê nossa vontade de agir a favor ou contra determinado assunto. Devendo para isso, estar baseada em boa informação e numa reflexão consciente

No entanto, nem todas as atitudes são baseadas em boas informações ou em reflexões conscientes. É o caso do vandalismo em locais públicos: o sujeito praticante desse ato apresenta atitudes baseadas em outros valores de código ético, os quais não se referem a um ético coletivo.

⁴³ Consciência de causa é aqui entendida no sentido proposto por Paulo Freire (1983), em *Pedagogia do Oprimido*, e implica o movimento dialético entre desvelamento crítico da realidade e a ação social transformadora, segundo o princípio de que os seres humanos se educam reciprocamente mediados pelo mundo.

Podem ainda estar submetidos às más condições de vida, geradoras de seus comportamentos agressivos. Outro exemplo seria o do Tabagismo: saber que fumar causa males à saúde não é informação suficiente para promover a abstenção ao cigarro. Nesse caso, por melhor que seja a informação passada, a percepção do indivíduo diante do objeto de análise vai influenciar sua atitude.

As informações disseminadas durante o passeio à Estação Santa Lúcia são organizadas de acordo com um roteiro pré-estabelecido, buscando, com práticas de coletas e informações, levar o aluno a perceber o meio estudado e refletir sobre ele em relação a sua ação diária. Desse modo, de acordo com o tema requerido pela escola, privilegia-se determinada parte da trilha. No caso específico do passeio em questão neste trabalho, privilegiou-se a flora local, em especial orquídeas e bromélias da região.

À medida que caminhavam pela trilha, os alunos eram incitados a observar o local, seus cheiros e sons. Atritando-se esse procedimento a algumas informações orais, foram investigados a tocar e a cheirar determinadas orquídeas, primeiramente com os olhos fechados e posteriormente com os olhos abertos. Essa atividade foi realizada em duplas, em que cada um serviria de guia para o outro.

Nesse sentido, Delgado (2000, p. 155) destaca que interpretar a natureza não é encher de descrições o visitante, ou apenas relatar fatos. É uma técnica comunicacional e educativa que: “se nutre da informação, procurando dar conhecimentos significativos e ainda permitindo [ao visitante] a reflexão e a tomada de decisões em favor do lugar visitado” .

A facilitação dessas informações por pessoas devidamente preparadas é analisada pela autora como sendo de suma importância, pois o guia difunde, através delas, valores referentes ao local, inclusive em relação à sua comunidade, que poderiam passar despercebidos sem a presença dele. Uma discussão que versasse sobre a atuação dos guias, deveria focalizar a importância da sua presença. Nesse caso, sua preparação deve realizar-se de forma a inseri-lo como um mediador no processo de aprendizagem entre o aluno e o meio.

André Ruschi discute essa questão relatando:

Eu acompanho as visitas e tenho os pontos que trabalho no decorrer da trilha, no entanto, busco atuar como um mediador, deixando os alunos livres para poderem perceber as questões levantadas a seu modo, interpretando-as e posteriormente questionando-as. Essa metodologia que utilizamos deve sempre atentar para o excesso de informações, as quais podem agir como de forma contrária dentro do trabalho de educação ambiental.

A educação ambiental deve levar o aluno, por essas metodologias, à compreensão da diversidade e complexidade dos fenômenos naturais, vinculados a uma dimensão social, o que implica uma atitude de compromisso diante do mundo à sua volta, através de ações concretas e factíveis (JONIS e MELO, 1999, p. 48). A escola, nesse processo, deve dar continuidade às informações obtidas nessas vivências, corrigindo erros e auxiliando na produção de novos conhecimentos.

Fernanda Savazzo, professora de Biologia do Colégio Salesiano de Vitória e responsável por levar seus alunos da 8.ª série à Estação Santa Lúcia, analisa essa necessidade da seguinte forma:

A escola como meio disseminador de conhecimentos deve preocupar-se em possibilitar essas atividades aos seus alunos e, principalmente, dar continuidade a esses conhecimentos dentro da sala de aula. O que eu verifiquei durante esses anos que leciono é uma visão muito superficial e distante dos alunos em relação à natureza. Muitas de nossas aulas são restritas a livros e laboratórios, não dando oportunidade de os alunos viverem na prática os temas abordados, como a importância da água, do equilíbrio da cadeia alimentar e outros assuntos. Atividades como essa de trilhas são em minha opinião o que fará a diferença para o melhor entendimento da matéria e também a mudança de comportamento na construção de novos cidadãos.

A escola, nessa conjuntura, deve, por intermédio da cooperação e do favorecimento da construção da autonomia intelectual,⁴⁴ buscar propiciar aos seus alunos a capacidade de exercer sua cidadania⁴⁵. Essa autonomia intelectual é um pressuposto básico para a educação ambiental, a

⁴⁴ Autonomia intelectual, conforme estudos de Castro e Baeta (2002, p. 104), é a capacidade de compreensão das relações estabelecidas e suas interdependências entre as diferentes instâncias sociais e econômicas, as políticas públicas prevaletentes e as consequências dessas inter-relações na qualidade de vida. Cf. PIAGET, J. **O juízo moral da criança**. São Paulo: Summs, 1994.

⁴⁵ Cidadania é aqui compreendida não apenas nos aspectos relacionados a direitos e deveres dos cidadãos, mas também em seus aspectos psicossociais. Dessa forma, a cidadania é entendida como a capacidade de

qual deve considerar a formação como instrumento cognitivo necessário para o desenvolvimento desses cidadãos atuantes na mudança de quadros referentes às questões ambientais. Assim, de acordo com estudos de Castro e Baeta (2002, p. 106):

Conceitos abstratos como ética, política pública, sustentabilidade, Estado e democracia são essenciais para entender a educação ambiental em sua complexidade. Essa compreensão exige uma participação autônoma do ator social, que requer o entendimento dos fatores interligados para a apreensão da realidade e seus diversos conflitos. A construção da autonomia intelectual possibilita a transformação desses conceitos, pela ação/cooperação, em atos de cidadania.

Não devemos, no entanto, como afirma Carvalho, apud Lima (2002, p. 119), esquecer que a escola é um subsistema subordinado e articulado ao macrossistema social. Sendo assim, suas concepções e práticas educativas não possuem uma realidade autônoma, mas se subordinam a um contexto histórico mais amplo, condicionante de seu caráter, e a direção pedagógica. Dessa forma, a relação entre cidadania e educação pode pressupor racionalidades diversas, como, por exemplo, a comportamental e a emancipatória. A primeira refere-se à formação de comportamentos, estando ligada à adaptação e ao condicionamento do indivíduo. A segunda está pautada na relação dialética da crítica/ação na sociedade, possuindo um caráter dialógico na qual os participantes atuam em um processo de mútua interação, buscando reflexões (GIROUX, apud CASTRO e BAETA, 2002, p. 102).

A educação ambiental apresenta hoje correntes distintas que nem sempre se contrapõem, mas que apresentam geralmente diferentes objetivos, baseados no entendimento de cada uma a respeito da questão ambiental. Segundo estudos de Muniz (1999, p. 159-160), essas correntes seriam: a voltada para o comportamental e a voltada ao ecologismo ético.

A autora, baseando-se em estudos realizados por Carvalho (1996) e Crespo (1996), define a educação ambiental comportamental, ou educação voltada para a mudança de comportamento, como a corrente que possui em seu objetivo a necessidade de conscientização urgente; nesse caso, a prioridade é conseguir pela educação resultados mais imediatos. Nesse contexto, uma discussão mais aprofundada acerca dos problemas ambientais torna-se secundária. Esse tipo de

educação é encontrado em projetos governamentais e na educação formal, reforçando a racionalidade e o pensamento técnico-científico como capazes de gerar mudança de comportamento (MUNIZ, 1999, p.160).

A segunda tendência relaciona-se ao ecologismo ético ou ao ambientalismo ideológico e tem por objetivo mudanças profundas na visão do mundo, o que ocorreria com a formação de uma nova sensibilidade. Estaria para tanto vinculada à idéia de um pensamento sistêmico e holístico, não privilegiando a razão ou o conhecimento científico e tendo como meta a transformação da relação do homem com seu meio ambiente, baseada na construção de novos valores. Dessa forma, perde-se a visão naturalizada do meio ambiente, concebendo-o como “um campo de sentidos socialmente construído e, como tal, atravessado pela diversidade cultural e ideológica, bem como pelos conflitos de interesse que caracterizam a esfera política” (CARVALHO, apud MUNIZ, 1999, p. 160).

Essas duas tendências orientam diferentes objetivos práticos da educação ambiental. Podemos destacar, desse modo, uma orientação mais instrumental, que privilegia os aspectos do conhecimento científico por meio de uma noção de meio ambiente físico e biológico, e outra, mais política e ética, que privilegia os aspectos do conhecimento ligados à esfera da cultura e de uma compreensão de meio ambiente, a partir do contexto histórico e social.

Faz-se necessário, ainda, acrescentar os estudos de Castro e Baeta (2002 p. 125), visando a um melhor entendimento dessas correntes para posteriores discussões. Os autores sugerem um intervalo polarizado pelas duas grandes concepções político-culturais da educação ambiental em três categorias: a conservadora, interessada pela conservação da atual estrutura social, com todas as suas características e valores econômicos, políticos, éticos e culturais; a emancipatória, definida no compromisso da transformação da ordem social vigente e de sua relação com o meio ambiente; a conservadora dinâmica, caracterizada por um perfil reformista, superficial e reducionista, operando mudanças aparentes e parciais nas relações sociais e nas relações entre a sociedade e o ambiente, enquanto conserva o essencial.

Diante dessa breve exposição, poderíamos fazer a seguinte relação em termos didáticos: a tendência comportamental da educação ambiental definida por Muniz (1999) estaria inclusa nas categorias conservadora e conservadora dinâmica, e a baseada no ecologismo ético estaria implícita na categoria emancipatória definida por Castro e Baeta (2002). Assim, iniciamos aqui análises prévias dos eventos pesquisados, tentando identificar e esclarecer qual a tendência utilizada por cada um de seus mentores. Essas análises fazem-se necessárias, uma vez que poderão esclarecer as contradições encontradas ao longo deste estudo, fornecendo elementos para discussões mais aprofundadas sobre a temática.

Dentre os motivos considerados para trazer seus alunos a Santa Teresa, Fernanda Savazzo destaca *“o grande potencial da região enquanto laboratório vivo, onde se vê o que se estudou. Esse contato é fundamental para os alunos. Santa Teresa se mostra, devido à sua potencialidade natural, um excelente pólo de educação ambiental”*. A educação ambiental é entendida por ela como *“uma forma de aproximar o homem ao meio ambiente, fazendo-o pensar em seus atos diários, fazendo surgir questionamentos e mudanças”*.

Essa visão é discutida por Carvalho (1998, p. 56), para quem é por meio do conjunto de interrogantes *“suscitados pelo processo de educação ambiental, que o homem vai se questionar sobre sua atuação e papel no habitat onde se insere, percebendo que é possível aproveitar os benefícios que este tem a nos oferecer, sem necessariamente destruí-lo”*. O autor salienta ainda que seu papel em *“fornecer e provocar estas interrogações deve fazer parte de qualquer programa de educação ambiental que pretenda alguma eficácia servindo, inclusive, como analisador de seu fracasso ou sucesso”*.

Dentro dessa perspectiva retomo uma fala de André Ruschi:

Além da experimentação prática de nossos temas, nos preocupamos em estabelecer debates e reflexões que auxiliem na acomodação e discussão dos assuntos tratados. Isso é inclusive uma forma para verificarmos se nossa metodologia está atingindo os objetivos propostos. Por isso é importante a continuidade dessa discussão na escola, para ver se o que trabalhamos gerou contribuições, como na maioria das vezes gera, porque a experiência prática com o meio é insubstituível.

A descontinuidade de programas de educação ambiental em escolas é discutida por Oliva, apud.Carvalho (2001, p. 165):

Raramente os projetos de educação ambiental estão inseridos no projeto educativo da escola: caracterizam-se por serem projetos extracurriculares, nos quais a transversalidade nas disciplinas, quando acontece, é centrada num tema específico. Com atuação pontual, muitas dessas iniciativas tornam-se transitórias e esporádicas.

A superação dessa realidade tem na educação ambiental uma forte aliada, pois traz ao aluno a realidade de temas distantes, levando-o à reflexão e a uma possível reformulação em suas ações, além de fazer deles, posteriormente, componentes disseminadores dos conhecimentos adquiridos. Sobre o processo de contribuições da educação ambiental e seus desafios, Layrargues (2002a, p. 104) afirma que seu sucesso vai depender:

[...] do nível tolerado tanto para o risco⁴⁶ como para a degradação ambiental, aceito culturalmente pela sociedade em geral e pelos setores sociais diretamente atingidos pelo problema, o que nem sempre corresponde ao nível satisfatoriamente desejado. A capacidade humana de adaptação é, sem sombra de dúvidas, nesse processo, um importante dado a considerar na educação ambiental.

A avaliação de André Ruschi, diante dessa afirmação quanto a seu trabalho é satisfatória:

Com as dinâmicas que utilizamos, alcançamos um nível de sensibilização capaz de desencadear um processo de percepção ambiental e uma ação conseqüente a este nível de consciência. Através da liberdade de expressão, criatividade e novas informações, buscamos a elaboração progressiva do aprendizado. Esse aprendizado promove a ampliação da consciência, permitindo uma melhor avaliação da situação ambiental e uma maior adaptação às mudanças exigidas dentro de todo um contexto social, político e econômico.

Nos relatos obtidos com os alunos do Colégio Salesiano, pudemos destacar o fator de satisfação com a experiência, o qual esteve diretamente relacionado com a vivência dos conteúdos da aula de biologia, o contato com o meio natural, que era novidade para muitos, e os métodos utilizados pelo professor para a passagem das informações. Nesse aspecto destacamos a

⁴⁶ As antigas sociedades sempre se confrontaram com perigos naturais, algo que estava fundamentalmente fora do controle humano, seja como resultado inesperado e imprevisível de uma decorrência seja de ordem divina seja dos caprichos da natureza. Já as sociedades modernas, que controlam grande parte desses perigos, acabaram substituindo-os pelo risco, algo portanto esperado e previsível, já que decorre de uma ação humana, provocando situações que podem ser potencialmente danosas ao ser humano (LAYRARGUES, 2002 a, p. 108).

fala da aluna de 8.^a série, Hallana Zucolotto: *“o que mais gostei nesse passeio foi poder ver de perto o que estudamos em aula, sair um pouco da sala, poder estar em um lugar diferente. Eu acho que aprendi muito mais aqui do que quando a professora fica falando [...] deveria ter mais passeios como esse: ajuda a entender e aprender os assuntos”*.

O grau de satisfação detectado nessa fala seria um primeiro passo para a tomada de consciência/atitude sobre aspectos relacionados à questão ambiental em um contexto mais amplo. Nesse sentido, o fato de vivenciarem de forma prazerosa o local propiciou aos alunos percepções diferentes daquelas debatidas em sala de aula e com isso, puderam elaborar atitudes diversas. Essas atitudes poderão ser utilizadas no cotidiano através de uma concepção emancipatória, na qual atuariam como agentes multiplicadores. Porém essa hipótese só poderia ser verificada mediante o acompanhamento dessa turma no seu cotidiano, fato inviável, devido às limitações da pesquisadora nessa tarefa. Porém, não podemos negligenciar a necessidade de continuidade no processo educacional desses jovens.

Quando questionados sobre o que mais haviam gostado no método utilizado para a transmissão das informações, a resposta obtida em sua maioria foi *“de andar a pé pela mata, poder tomar banho de cachoeira”*. A relação teoria/prática no processo educacional possibilita uma maior participação e identificação dos alunos nas atividades propostas. O fato de estarem em um ambiente totalmente diferente do seu dia-a-dia traz o encantamento e a possibilidade de novas percepções. Assim, atrelar conhecimentos teóricos a uma vivência prática mostra-se como um recurso educacional promissor.

Tal parceria é relatada em estudos de diversos educadores como Paulo Freire (1997), Moacir Gadotti (1995), Edgar Morin (2000), os quais defendem a importância em se trabalhar de forma una com esses elementos, pois somente assim, poderá se estabelecer uma visão integrada, a qual é fundamental para o entendimento do pertencimento e da responsabilidade na questão ambiental. Segundo Freire (1997, p. 30) *“quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho, criar um mundo próprio”*.

Devemos destacar, juntamente com esses autores, a idéia de transmissão de conhecimento. Verificamos anteriormente que a simples transmissão de informação constitui-se em uma forma pouco válida em termos educacionais. Ressaltamos a importância da autonomia para o desencadeamento de atitudes mais conscientes sobre a questão ambiental. Logo, podemos refletir que o educador ambiental, seja em eventos de ecoturismo, seja em escolas; deve buscar essa autonomia e a percepção integrada do meio ambiente, por meio de uma reavaliação do que considera ser educação.

Freire (1997, p. 32) vem ao nosso encontro discutir essa educação. Segundo o autor, não existem seres educados e não educados, todos estão em processo de educação conjunta. Existem, sim, graus de educação diferenciados, porém, não absolutos. Dessa maneira, a educação é um processo mútuo e:

[...] mais autêntica quanto mais desenvolve o ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos, caso contrário domesticamos, o que significa a negação da educação. Uma educação que restringe os educandos a um plano pessoal impede-os de criar. [...] Verificamos assim o que podemos chamar de educação bancária, a qual pensa que quanto mais se dá, mais se sabe. Mas a experiência revela que com este mesmo sistema só se formam indivíduos medíocres, porque não há estímulo para a criação (FREIRE, 1997, p. 38).

A necessidade de rever nossa postura diante do processo educacional mostra-se urgente, não apenas para educadores ambientais, mas para todos os sujeitos envolvidos direta e indiretamente na questão educacional, caso contrário, estaremos perpetuando uma “*educação bancária*”, a qual, no contexto ambiental, atua meramente na transmissão de informações.

Da mesma forma a questão epistemológica da educação também é verificada na educação ambiental: como os alunos conhecem os conteúdos e, também, como aprendem? (SATO, 2002, p. 30). Torna-se necessário repensar a forma como propiciamos esse conhecimento, o que nos leva novamente a repensar nossa visão de educação, nosso material didático, nossas metodologias, nossa postura pessoal como facilitadores do processo educacional. Apenas com o comprometimento, o qual só é adquirido mediante nossa capacidade de atuar e refletir, é que

podemos formular novas propostas e potencializá-las em uma tendência emancipatória (FREIRE, 1997).

A educação emancipatória deve ser privilegiada nessas vivências. Nesse sentido, obter desses alunos relatos relacionados ao que haviam aprendido com a atividade é apenas parte de um processo visando não apenas à informação, mas principalmente à discussão e à criação de novos valores e percepções. Esse processo só ocorre quando educador e educando interagem de forma mútua. Assim, estar em contato com a natureza com práticas educacionais não limitadas à transmissão de informações torna-se um pressuposto básico para programas de ecoturismo e educação ambiental.

Nesse contexto, Cascino (2000, p. 203) afirma: “Hoje, estar em contato com a natureza, para além dos modismos é necessidade prioritária, exigência consciente da condição humana. Lá no espaço natural, pode-se reencontrar o território do qual fomos originados, redescobrimo-nos e analisando nossas condições de seres alienados das coisas da natureza”. Podemos acrescentar a essas considerações o fator de mudança de atitudes diante dos conhecimentos adquiridos dessas percepções.

As áreas naturais utilizadas para trilhas interpretativas são, portanto, ambientes ideais, onde o aprendizado se dá por intermédio da experimentação direta, quando o indivíduo se utiliza de todos os sentidos, com chance de processar emoções e sensações, ao mesmo tempo que pode aumentar seus conhecimentos sobre a natureza. Essa combinação é importante, porque pode ser um alicerce na construção de novos valores relacionados à proteção da natureza.

Essas atividades de ecoturismo/ecovisitação, de acordo com Barros (2000, p. 91), proporcionam experiências na natureza, defendidas por muitos preservacionistas e gerenciadores como uma solução para problemas ligados à preservação do meio ambiente, não só por razões econômicas, mas também como oportunidade para o desenvolvimento de educação ambiental. Entretanto, a autora salienta: “utilizar esta oportunidade eficientemente e transformá-la em ações concretas tem-se tornado um grande desafio”. No caso das trilhas interpretativas da Estação de Santa Lúcia, um dos principais desafios e limitações diz respeito primeiramente, à falta de

pessoal capacitado na cidade, porque, nas atividades relativas a essa questão, na opinião de André Ruschi, seria necessário envolver pessoas:

... que tivessem um maior contato com a vida, que vestissem a camisa da proposta, gostassem de andar do mato [...] Não adianta botar um cara de asfalto, não dá certo, ele nunca vai achar interessante. O mais importante seria pessoas que tornassem a visita agradável, prazerosa. Como ele vai transmitir isso de forma prazerosa? Ele vai transmitir o quê? Se não tiver compromisso, o cara vai transmitir mentiras, ele nunca vai falar a verdade, porque na realidade ele detesta o que está fazendo [...] então tem que ter identidade, interação com a coisa, repensar a criação de valores e criar a substituição de outros valores. São poucas as pessoas em Santa Teresa que vejo com essa identidade.

Acrescenta ainda:

Tem um monte de pseudoespecialistas, gente que vê um localzinho e quer ganhar dinheiro [...]. Um biólogo recém-formado, ele arruma roteiros de educação ambiental, para virar fonte de renda, um bico para aumentar o salário. A indústria de turismo que se constitui com esse perfil muito comercial desvirtua completamente o objetivo. Isso é uma coisa muito ruim. Para mim uma coisa muito complexa é a falta de hábito do professor fazer esse tipo de trabalho, é mais fácil fazer passeio do que dar aula de campo, pois você trabalha três vezes mais, mas não ganha três vezes mais. O aluno aprende mais, mas precisa assumir uma responsabilidade que o professor tem que saber passar para ele.

Deparamo-nos nessa fala, novamente, com a necessidade do comprometimento do educador que se propõe desenvolver educação ambiental. Nesse contexto, a ação e a reflexão formulam-se como elementos inseparáveis de uma nova práxis. A instrumentalização da educação deve ser revista, buscando-se mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades verificadas. É necessária, ainda, a harmonia entre a vocação ontológica do educador, dentro de um contexto temporalizado, isto é, dentro da realidade a ser trabalhada e as condições especiais desta temporalidade e desta situacionalidade (FREIRE, 1997, p. 61).

O saber técnico de biólogos concede-lhes, uma possibilidade de controle social e político da sociedade. Esse domínio do conhecimento, embora confira ao indivíduo uma maior consciência de si mesmo e a capacidade de intervir, quando mal apropriado gera consequências desastrosas para propostas realmente comprometidas com as mudanças das questões ambientais estabelecidas (LOUREIRO, 2002b, p. 72). Assim, torna-se primordial o empenho e a ética para desenvolver processos educacionais no meio ambiente.

Arelado ao problema da falta de pessoal capacitado e com identificação para a atividade, ocorre um distanciamento da população local, assim analisando por André Ruschi:

A população não participa desses eventos, eu analiso isso a partir das características da cidade que são muito complexas. Aquela cultura lá é muito difícil, tem gente muito egoísta. Eu, por exemplo, sou considerado como louco, porque sou estranho, tenho idéias estranhas, não converso o que a maioria de lá conversa, não trabalho com o que a maioria de lá trabalha, mas fui capaz de fazer uma coisa que ninguém faria: dar o que é seu [MBML]⁴⁷. Então eu sou perigoso. Eu tenho idéias novas, sou cientista, pesquisador, é complicado [...]

A doação do MBML para o Ministério da Cultura é fator de controvérsias entre os funcionários do MBML e André Ruschi. Um dos pontos a ser considerado seria a demissão de André Ruschi três anos após a doação do Museu, gerando descontentamento nesse biólogo, a ponto de escrever um edital⁴⁸ sobre o ocorrido. Com esse episódio, a relação entre MBML X Ruschi tornou-se tensa, segundo ele:

Aquele povo lá tem preguiça de trabalhar! Conta com 40 empregados e o que faz? Não faz nada. O museu é um local propício para educação ambiental, mas o povo não tem identificação, na verdade não quer fazer e daí a situação fica como a gente esta vendo: o museu sendo assolado por catástrofes, cada vez mais abandonado. Eu acho um absurdo, e mais absurdo ainda é eu ir lá e o diretor, assessor, ficarem me olhando com cara de invasor. Aquela criação foi de meu pai e se eu não tiver carinho por aquilo quem vai ter?

O motivo da demissão de André Ruschi e Augusto Ruschi do MBML não é esclarecido por nenhuma das partes envolvidas. Ambas reservaram-se o direito de não falar sobre a questão.

A resistência da população aos trabalhos de André Ruschi teria como origem o fato de seu pai, Augusto Ruschi, ter efetuado verdadeiras batalhas com os moradores locais, inclusive com o próprio governador do Estado, para conseguir a preservação da região. Com isso, criou inimizades, principalmente com indivíduos que objetivavam outras utilizações para essas áreas, como para o plantio de café, entre outras atividades.

⁴⁷ O MBML teve sua fundação em 1949, como uma Organização Não Governamental (ONG). No ano de 1983, Augusto Ruschi, assessorado por seu filho André Ruschi, com vistas a compartilhar os conhecimentos do local e melhorar sua estrutura, doou o Museu para o Ministério da Cultura, tornando-o uma entidade pública federal. Atualmente o museu é uma unidade descentralizada do Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O relacionamento conturbado com a comunidade e com alguns órgãos públicos gerou dificuldades e falta de apoio⁴⁹ para o desencadeamento de outros projetos. Para André Ruschi, deveria ser dado crédito ao seu projeto: *“Fui eu que iniciei esse negócio de levar alunos para as reservas. Eu consegui, apesar das dificuldades, criar uma mentalidade, um estado de consciência e importância dessas áreas que hoje são parte da sobrevivência da cidade”*.

Como relatado anteriormente, a existência dessas áreas naturais em Santa Teresa tem permitido o desenvolvimento de atividades iniciais de ecoturismo/ecovisitação. No entanto, André Ruschi afirma:

...ainda não caiu a ficha em Santa Teresa. Imagina você ter uma área com a maior biodiversidade do mundo e não saber explorar de forma adequada? Quantos locais do mundo têm essa possibilidade? O povo explora, alguns fazem até de forma certa, mas não vejo a paixão pela terra por parte do povo teresense, a mentalidade que eles têm de preservação é para sobreviver ou para respeitar as leis. Tem casos que, embora a lei exista, a autoridade se recusa a cumprir, o povo elege seus representantes, mas não é para fazer o estado de direito acontecer, pois se for acontecer mesmo vai incomodar, porque estamos acostumados com a ilegalidade, com o comodismo, a falta de consenso, o apego ao velho.

Referindo-se também ao papel da Prefeitura em relação às atividades ligadas ao meio ambiente, acrescenta:

Eu já fiz muito projeto e entreguei para a Prefeitura. Depois de um tempo, me chamaram e disseram que não tinham como prover o projeto, então deixei para lá e continuei a trabalhar. Tempos depois, apareceu meu projeto com nome diferente só que com a autoria da Prefeitura. Daí você pensa: por que fazem isso? Eles fazem por questão política, porque têm medo de quem sabe mais que eles. Eu, que tenho o saber técnico e prático de educação ambiental, não posso trabalhar porque não sou ligado politicamente a eles. E tem mais, aquela ponte que vive desabando [...] eu tenho certeza que é sabotagem, é gente que não quer ver meu projeto dar certo. Eu devia deixar para lá e ficar aqui na Reserva Marinha, mas não tenho como abandonar aquele lugar [Estação Biológica de Santa Lúcia].

⁴⁸ O edital encontra-se na entrada da Casa Augusto Ruschi, fundada num velho casarão da família Ruschi, localizado no centro de Santa Teresa. A Casa Augusto Ruschi conta com acervo de fotos, reportagens e pesquisas realizadas por Augusto Ruschi e André Ruschi.

⁴⁹ A falta de apoio está relacionada com os auxílios financeiros para construir uma ponte dentro da trilha em que desenvolve seus trabalhos. A ponte, devido a processos de erosão ou sabotagem, desaba constantemente, levando à suspensão das atividades na trilha.

O papel dos órgãos públicos estaduais é visto por Loureiro (2002a, p. 26) como sendo de ação pouco ágil e contaminado pelos vícios da democracia liberal,⁵⁰ o que diminui a eficiência desses órgãos como gestores apesar de representarem importante função reguladora na questão ambiental. O autor enfatiza ainda a desconsideração por parte desses órgãos em relação à participação da sociedade, como um dos elementos facilitadores do processo e das relações estabelecidas entre os próprios membros dessa sociedade. Nesse sentido, “é preciso considerar a análise crítica e histórica de aspectos fundacionais do modelo societário vigente. Logo, para ganhar em consistência, a diáde teoria social/questão ambiental precisa incorporar o caráter crítico das relações na sociedade, tanto quanto desta com a natureza” (LOUREIRO, 2002a, p. 28).

Embora em Santa Teresa exista uma cultura de preservação e um despertar para a utilização de áreas naturais, verifica-se, no geral, que parte da população nunca participou de alguma forma de organização social objetivando a melhoria das condições ambientais.

Analisando essa cultura, verificamos em suas bases atitudes individuais e imediatistas comprometendo novos projetos, como os da trilha e outros. Atrelam-se ainda a essa situação os valores antropocêntricos e a idéia da natureza como objeto. Porém, atribuir a não-participação da população apenas a aspectos culturais italianos seria realizar um julgamento de valor sem fundamentação. É preciso, entender que a relação estabelecida com o meio ambiente tem em sua essência também a influência de valores e ações voltadas à transformação da realidade econômica, política, social e cultural onde se contextualiza a problemática abordada (SORRENTINO, 1998, p. 305). Tal problemática e sua discussão serão vistas no capítulo quatro desta dissertação.

Retomando Loureiro (2002a, p.34), podemos acrescentar ainda que o interesse por preservar ou por gerenciar os recursos naturais fica subjugado aos interesses eleitorais, os quais,

⁵⁰ Segundo o autor, a democracia liberal possui aspectos positivos, os quais fornecem sustentação a mudanças. Não podemos deixar de refletir, no entanto, sobre seu caráter frágil. Essa fragilidade está relacionada à necessidade de condições mínimas de igualdade no que concerne ao acesso de informações, de expressão e de diálogo das pessoas envolvidas numa questão. Logo, embora essa democracia possibilite o fornecimento de opiniões, na atualidade as mudanças necessárias a essa relação estão longe de promover verdadeiras interações.

dentro do panorama da democracia atual, são essencialmente imediatistas e orientados por critérios pragmáticos, visando a se obter sucesso nas urnas. Essa realidade é evidenciada, no contexto de Santa Teresa, na fala de Zélia Lóss:

...eu diria que para azar de nossa própria história, nós passamos uma safra de prefeitos muito ruins. É claro que os prefeitos não estão separados da cidade, eles eram prefeitos porque a cidade os elegeu para serem prefeitos. Mas de uma certa maneira, politicamente, eles foram muito conservadores, atrasados no sentido político da palavra. Então, a cidade, que já tem uma vocação e uma cultura muito autoritária, através de um prefeito politicamente atrasado, excluiu mais e mais a população, conduzindo a cidade quase que por auto-recreação, sem ouvir, sem estimular a participação, e isso gerou e foi aumentando essa acomodação.

Apesar das dificuldades, André acredita na mudança desse quadro pela utilização das atividades de ecoturismo com programas de educação ambiental:

Eu não sou contra a utilização das atividades de ecoturismo. Afinal, eu mesmo faço, embora voltada para o campo da educação ambiental [...], mas isso tem de ser feito dentro de técnicas e critérios. A educação ambiental pode ajudar a dar uma cara a essas atividades, porém a população tem que querer. Não digo todos, mas quem se propuser a fazer, tem que pôr a mão na massa, e isso é um processo que leva tempo. Um processo de parcerias, de criação de novos valores, essa é minha bandeira: auxiliar na transformação da realidade socioambiental.

Essa metodologia mostra-se como meio para mudança dessa realidade, tanto para a comunidade como para as escolas das cidades vizinhas e da própria localidade, pois o modo como nos inserimos em um ambiente ressalta num conjunto de relações sociais sujeita a determinadas mudanças para a concretização de um novo quadro.

Porém educação ambiental assim como ecoturismo/ecovisitações, quando apropriados de forma isolada não produzem efeitos necessários à questão ambiental. Faz-se necessário que o próprio indivíduo esteja apto ao pleno exercício da cidadania, mediante a da formação de uma visão ampla, culturalmente adequada a cada realidade, e em condições de superar os obstáculos quanto à exploração sustentada do meio ambiente.

Os problemas ambientais são dinâmicos e variam de um local para o outro. Assim, é importante conhecer a dimensão dos problemas tratados e a forma como eles surgem em uma

comunidade, para elaborarmos um programa de ecoturismo/educação ambiental adequado a essa realidade (SILVA, 1999, p. 154).

É importante aqui um breve comentário sobre uma atividade, a qual vem sendo utilizada por educadores ambientais: o *Day Camp*. O *Day Camp* ou dia de campo, consiste na programação de um dia com atividades de lazer. Para isso, conta-se com a mesma infra-estrutura dos acampamentos de férias. Tal programação é indicada para escolas, empresas, igrejas e quaisquer entidades num dia para o contato com a natureza, durante o qual se transmitem informações e se desenvolvem dinâmicas que podem atuar como mediadoras no processo educacional relacionado à questão ambiental.

Escolas de São Paulo têm utilizado essa atividade para levar seus alunos a um contato mais íntimo com a natureza, relacionando a teoria/prática em um processo de interação entre os educadores ambientais, professores e alunos. É o caso do Atibaia Camping e o Chalé/SP que visam atender às necessidades básicas do planejamento escolar pela inserção de temas transversais adequados às diversas faixas etárias, propiciando uma visão concreta dos temas multidisciplinares proporcionadas pelo seu espaço (ATIBAIA, 2003).

O trabalho inicia-se antes da saída dos alunos da escola, pois, dependendo do tema escolhido, os organizadores podem apresentar palestras, filmes ou painéis preparatórios do evento. No *Day Camp* os alunos são acompanhados por monitores especializados, treinados, que além de todo um trabalho de recreação estão aptos a desenvolver os conteúdos propostos (ATIBAIA, 2003).

Cascino (2000, p. 200) realça que a saída de sala de aula é uma possibilidade de integração entre elementos desconhecidos, atuando na perda de inibições de professores diante dos alunos e vice-versa. O *Day Camp*, nesse contexto, seria mais que uma mera atividade recreativa; seria uma possibilidade para concretização de inúmeras propostas educacionais.

Segundo o autor, os educadores que optam por atividades em ambientes naturais não podem encará-la meramente como complemento dos assuntos tratados em aula, pois tal visão pode provocar várias distorções, acarretando limitações e más apropriações em tais vivências.

Para tanto, torna-se necessário, como ressaltado anteriormente, a prévia preparação dos agentes dessa atividade, no que concerne não apenas aos conhecimentos técnicos, mas principalmente à sensibilidade na busca de uma compreensão da problemática ambiental.

O projeto de Trilhas Interpretativas na Estação Biológica de Santa Lúcia, poderia realizar parcerias com sítios locais, visando uma ampliação de seu público. Para isso, torna-se necessária uma reestruturação de seus métodos, de sua infra-estrutura e da própria postura pessoal nessa atividade, pois incluiria não somente escolares, mas grupos diversificados (adultos, idosos, etc.).

CAPÍTULO III: XIV SEMANA DO MEIO AMBIENTE DE SANTA TERESA

A XIV Semana do Meio Ambiente de Santa Teresa (SMA) [ANEXO C] foi realizada no período de 27 de maio a 16 de junho de 2002. Sua efetivação deu-se pela parceria entre a Escola Agrotécnica Federal de Santa Teresa (EAFST), a Escola de Ensino superior do Educandário Seráfico São Francisco de Assis (ESESFA), o Museu de Biologia Professor Mello Leitão (MBML) e a Prefeitura Municipal de Santa Teresa (PMST). Contou ainda com o apoio do Museu Nacional/UFRJ e da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional.

As parcerias instituídas foram avaliadas por Hélio Boudet Fernandes, diretor do MBML, como sendo:

...o ponto mais louvável do evento [...], Estreitamos a colaboração com o curso de biologia do ESESFA, com os estudos da EAFST. Então isso foi positivo, pois somamos esforços para fazer acontecer algo, tanto na organização e na divulgação como na efetivação da SMA, que é por si só um grande evento na área ambiental. Trocamos conhecimentos e ampliamos essa parceria para novos projetos. Isso foi o que mais me chamou a atenção, além, é claro, da receptividade e do grau de abrangência das atividades [...].

Essa união traz em seu bojo o diálogo da diversidade de olhares que buscam respostas para os impasses e para as necessidades da realidade. Com isso, alcança-se a materialização de um compromisso, o qual viabiliza a real participação das partes envolvidas no evento, ultrapassando a mera presença física em reuniões e nas instâncias de decisão (SORRENTINO, 2002, p. 16-17).

O objetivo da semana foi envolver os diferentes atores sociais da região de Santa Teresa em atividades que os sensibilizassem para a causa do meio ambiente, em especial, alunos da rede pública e particular do ensino médio e fundamental.

A preferência por esse público é explicada por Rogério Nora Lima, coordenador do Curso de Ciências Biológicas da ESESFA:

...existiu uma percepção por parte dos organizadores do evento de que as crianças seriam mais susceptíveis a influências, sensibilizações e vivências do que pessoas que já têm opinião formada ou são embriagadas pelos valores capitalistas, no caso os adultos. Além disso, foi levado em consideração também o grau de organização das atividades: nesse ponto, organizar as escolas para irem às Reservas era muito mais fácil do que juntar um grupo de pessoas

Reportamo-nos à fala, da professora do Curso de Biologia da ESESFA, Patrícia Rangel, que assim se posiciona em relação à escolha desse público:

...é muito mais fácil envolvê-los nas propostas das atividades. Mas acredito ser preciso levar em consideração a peculiaridade de cada escola e adequá-la às propostas. Por exemplo, alunos do interior têm uma vivência muito grande com áreas naturais, pois as propriedades de seus pais ficam na maioria das vezes perto de uma mata. Então, o que você vai falar a esses alunos? É o caso diferente dos alunos da sede [...]. Mas nesse público, por minha experiência como educadora, quando bem trabalhado, ocorrem mudanças espetaculares em suas concepções e atitudes relacionadas ao Meio ambiente..

As atividades propostas consistiram em oficinas,⁵¹ caminhadas, visitas domiciliares, palestras, teatros, visitas às Unidades de Conservação (UCs) da região, passeio ciclístico e mutirão de recuperação de áreas devastadas, além da apresentação do Projeto de Criação do Parque Natural Municipal de São Lourenço. Cada atividade contou com a presença de profissionais das entidades envolvidas, tanto para sua organização inicial, quanto no monitoramento dos trabalhos. Oliveira (2000, p. 73) enfatiza a importância de essas atividades estarem pautadas em uma lógica de compreensão, permitindo caracterizar com clareza os seus propósitos e consequências, tornando claras suas estratégias e propostas metodológicas para a participação do público ao qual se destina.

Entre as atividades merecedoras de destaque na SMA, podemos citar primeiramente a Criação do Parque Natural de São Lourenço, no qual está localizada a Reserva Florestal de São Lourenço⁵². A importância da criação desse Parque reside na possibilidade que ele oferece para o

⁵¹ As oficinas realizadas versaram sobre temas como Fotografia Ambiental, Bioinformática, Montagem de Aquários, Paisagismo e Técnicas de Jardinagem.

⁵² A Reserva florestal de São Lourenço é uma Unidade de Conservação localizada nas adjacências da sede do município, em São Lourenço. Tem uma área de aproximadamente 200 hectares, inserida num fragmento de mais de

desenvolvimento do ecoturismo da região, por ser aberto a visitas, mediante as normas estabelecidas no local. Essa criação, segundo Zélia Lóss, secretária de Meio Ambiente e Turismo da PMST, está pautada na percepção:

...de que o município está cheio de áreas semelhantes a essa, com vocação semelhante mas as pessoas não têm conhecimento[...] elas não conhecem projetos empreendedores, então elas não sabem como fazer isso. Se elas vão fazer por conta própria têm que pagar consultoria e isso gera um custo e um risco que elas não querem correr. Eu acho que o poder público, puxando um carro chefe, eu vou estimular a iniciativa privada a fazer Unidades de Conservação, buscar recursos para tocar projetos sustentáveis nelas. Uma coisa boa que eu espero é que o parque irradie iniciativa para outras partes que são iguais ou melhores que o parque de São Lourenço. Além disso, acho que não faz sentido se ter uma área preservada e não criar uma unidade nela, por isso, eu estou criando a unidade.

A possibilidade de abertura dessas áreas para visita é apoiada por Ehrlich (1997, p. 28), pois “o ato de restringir uma área de conservação de nada adianta, caso não se busque uma transformação quase religiosa que leve à apreciação de diversidade por si própria, independente de seus benefícios diretos para a humanidade”. Diegues (1997, p. 92), contribuindo para essa questão, ressalta ainda a importância de se analisar o sistema de representações, símbolos e mitos dessas populações, pois é a partir deles que elas agem sobre o meio. Portanto, para se efetivar uma proposta de abertura dessas áreas, torna-se imprescindível uma análise mais criteriosa, bem como: trabalhos paralelos detentores de possibilidades de mudanças e de auto-conhecimento, tanto na relação da comunidade em si como em suas representações com o meio.

Apontamos, diante dessa afirmação, a necessidade do desenvolvimento, nessas áreas de programas objetivando mudança de atitudes, diminuindo impactos e formando novos valores na relação homem/natureza. Almejamos com isso uma utilização consciente e sustentável desses investimentos em ecoturismo, atrelando-os a programas de educação ambiental, os quais podem atuar como instrumentos transformadores e norteadores dessa prática.

A participação do grupo de terceira idade “Viver e Reviver” mostrou-se fundamental na SMA, pois possibilitou a interação de informações de gerações diferentes, à medida que seus conhecimentos foram compartilhados com os de outras gerações, durante as visitas realizadas.

Além disso, a participação desse grupo propiciou uma ligação e identificação da comunidade com os temas ambientais. Célia Cassoti, membro do grupo de terceira idade, analisou essa participação:

Para nós do grupo de terceira idade é muito importante fazer parte de um evento como esse [...]. Podermos contribuir com nossos conhecimentos para a melhoria do meio ambiente é recompensador por nos fazer sentir úteis. Muita gente, depois de uma certa idade, acha que não tem mais o que contribuir, isso é coisa ultrapassada, porque o que nós vivemos ao longo dos tempos ajuda e muito na orientação das futuras gerações. Nosso papel na SMA foi o de conversar sobre o lixo e todo mundo sabe da importância que é saber lidar com o lixo e reciclar, então, a gente vem assim, falando de nossa experiência, orientando e ajudando um pouquinho na melhoria de vida das pessoas de Santa Teresa.

O mutirão de recuperação da mata ciliar do Rio Santa Maria do Rio Doce foi outra atividade em que, por meio de propostas de reflorestamento, se discutiram questões sobre o desmatamento da Mata Atlântica através dos tempos e sobre as leis impostas para sua minimização. Ângelo Zurlo, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Teresa, narra brevemente a evolução dessas leis na região:

...o café, principal produto da região, não medrava na região alta, mas, por volta de 1962 ele começou a frutificar aqui também com outras variedades. Veio então uma intensa campanha de um grupo executivo de racionalização da cafeicultura do IBC (Instituto Brasileiro do Café) incentivando o plantio. Então, muito embora já existisse uma cultura de não cortar as matas mesmo assim aqui na sede muitas matas, foram cortadas. Depois veio uma lei do governo que permitia que em cada propriedade se cortasse até 80 % da área, preservando-se 20 %, mas à medida que as propriedades iam sendo subdivididas não sobrava nada, isto é, os 20 % não eram nada. Por felicidade, essa lei acabou e veio a que se podia derrubar 80 %, mas tinha que replantar [...], mas isso também não deu certo, pois reflorestava-se em outro local com eucalipto, isto é, tirava-se uma madeira de lei e plantava-se eucalipto. Para você ver, cada erro que se comete! Mas isso também acabou e agora entrou a lei de preservação da Mata Atlântica. Houve, sim, uma grande devastação florestal, tanto na sede como no seu interior.

Esses e outros assuntos foram discutidos pela professora Jacimar Botti, da EAFST, com os participantes dessa atividade. Sua análise dessa prática de recuperação e reflorestamento é positiva, pois oferece aos alunos:

...o entendimento do porquê aquela região foi desmatada, sua importância, tanto para nós, como para a própria natureza. É uma prática de educação ambiental que oferece a vivência, não apenas pelas informações, mas também pela reflexão [...] o aluno trabalha na recuperação e com isso adquire responsabilidade sobre a natureza ao seu redor, uma cultura de preservação que vai ser passada para sua família [...].

Dean (1996, p. 240), em seus estudos sobre a devastação da Mata Atlântica, relata que a questão do reflorestamento já era um ideal vindo de tempos de Império, após os impactos sofridos no vale do Paraíba com o cultivo irrefletido do café.

As demais atividades merecedoras de destaque nesta pesquisa, são as visitas às UCs e o Passeio Ciclístico à Estação Biológica de Santa Lúcia, que serão tratadas a seguir, em seus respectivos tópicos.

3.1 CAMINHADA NA NATUREZA: VISITA ÀS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

A atividade Caminhada na Natureza consistiu em visitas às UCs⁵³ da região. Essas excursões foram um projeto embrionário do corpo discente da ESESFA em parceria com as outras entidades participantes, visando externar os conhecimentos produzidos na faculdade para outras escolas da região, pela da vivência do meio natural. Segundo Rogério Nora:

...o objetivo novamente passa pela idéia de tirar o conhecimento aqui de dentro para que outros tenham acesso a essas informações, objetivando um maior impacto junto à sociedade. Pensando nisso, nós nos propusemos trabalhar com escolas, de segunda a sexta-feira levando três colégios diferentes às Reservas ou Unidades de Conservação.

As excursões pelas reservas foram consideradas por Zélia Lóss como “o ponto alto do evento, uma vez que trabalhamos as questões ambientais de forma prática e natural, além da parceria da ESESFA que foi muito importante para o desenvolvimento das mesmas”. Conforme suas considerações, nas outras versões da SMA nunca havia acontecido esse grau de união entre as entidades de Santa Teresa, o que influenciava diretamente na credibilidade do evento, pois, anteriormente, segundo Zélia:

⁵³ As UCs visitadas foram a Reserva Augusto Ruschi, a Estação Biológica de Santa Lúcia e a Reserva Florestal de São Lourenço.

...as atividades eram feitas de forma separada, não havia passagem dos conhecimentos. Com essa, pudemos aproveitar o que os alunos da ESESFA estão estudando, propiciando também um campo de monitoramento e estágio, além de trabalhar com as escolas, com as crianças que serão os principais agentes para modificação e perpetuação de uma nova percepção das belezas naturais de Santa Teresa.

A parceria da ESESFA com a PMST vem modificar uma realidade até então detectada: o estranhamento de grande parte da comunidade quanto aos trabalhos desenvolvidos pela faculdade. Rogério Lima, tece as seguintes considerações sobre essa situação:

A nossa convivência é muito dentro da ESESFA, mas o comum é que as pessoas daqui, como são as pessoas de cidade interiorana, eles não enxergam muito bem a atividade universitária, e isso dificulta a interação, para surgir novos frutos. Nossa participação na SMA veio buscar uma mudança de postura dessa população. Isto é, mostrar que nossos conhecimentos podem ser úteis aos filhos deles. Nesse aspecto acredito eu que esses programas de excursões com atividades de educação ambiental tiveram muito a contribuir, à medida que sensibilizaram, fazendo surgir interações, estudo do meio ambiente, da cultura local e estimulando-a a ver seus potenciais, como cidade, cultura e também de suas parcerias.

Quando questionado se essa atividade de excursão poderia ser intitulada ecoturismo, Rogério Nora afirmou:

Eu entendo como sendo uma atividade de ecoturismo, pois vistamos áreas naturais, tentamos buscar a sensibilização de nosso público [...]. Como eu disse antes, cometemos muitos erros que precisam ser sanados nas próximas versões, mas para nós essa parceria do meio ambiente com a educação ambiental estava muito clara. Agora para as pessoas da cidade eu creio que não viram como sendo ecoturismo, embora seus filhos tenham participado. Existe uma grande lacuna entre o que Santa Teresa tem e sua utilização, a maioria das pessoas que fazem isso são de fora e estão começando.

A percepção do potencial ecoturístico da região, segundo ele:

... é ainda limitada; existe uma percepção por parte das pessoas do comércio, pousadas, que há um potencial econômico nessa atividade. Mas muitas das iniciativas não são ambientalmente corretas até onde eu sei. Primeiro pois é desorganizado, não há um conjunto de pessoas organizadas para promover essa prática, são desvinculados e desorientados, pois é uma exploração dos recursos naturais que está em voga nesse momento, mas uma preocupação imediatista, onde o cara não está preocupado de forma alguma em manter a qualidade ambiental, que é o diferencial dessa região, e de forma nenhuma ele tem a percepção de que tem que preservar que é para continuar mantendo sua galinha dos ovos de ouro.

Nesse sentido, Rogério acredita na iniciativa de eventos como a SMA para a mudança desse quadro:

Embora nós tenhamos trabalhado principalmente com crianças, acredito no efeito multiplicador causado, pois elas passarão para os pais. E não tem nada mais forte para um pai do que a puxada de orelha do filho. Nas próximas versões, como aconteceu nessa, pretendemos ampliar nossas oficinas para discutir sobre o tema de ecoturismo, sobre sua importância na região. Pois um dos principais causadores de danos ambientais é a desinformação, daí a possibilidade de a educação ambiental entrar como meio de passar essa informação de forma adequada, dentro de sua metodologia, causando mudanças nesses impactos [...]. Porém, sei que isso é processual e levará ainda um tempinho e várias outras SMAs para ser mudado.

Patrícia Rangel, professora da ESESFA, nesse aspecto acredita no papel das pesquisas como formas desencadeadoras de mudanças na percepção e apropriação do meio ambiente:

...você só defende aquilo que conhece. Você não pode defender uma causa que não conhece, então, sem dívida, toda pesquisa científica pode ajudar no trabalho da educação ambiental, porque ela vai desenvolver informações, mostrar realidades, auxiliando a traçar uma meta para, por exemplo, trabalhar na comunidade a idéia de preservação.

Porém a utilização das pesquisas finalizadas em práticas concretas pela comunidade alvo, muitas vezes é dificultada. Segundo Patrícia: *“A gente também sofre de um mal muito grande, o fato de a pesquisa ser feita para ser publicada para uma comunidade seletiva, enquanto a comunidade estudada quase não tem acesso aos resultados obtidos. Nesse sentido, o saber não é popularizado continua a ser restrito a um número seletivo de pessoas, por quem é também manipulado”*.

Embora essa visão seja pertinente, devemos atentar para a necessidade de melhorar as condições de vida, em especial as de educação, dessas populações. Dessa maneira, estaríamos garantindo o acesso à educação, o qual poderia propiciar um maior entendimento do saber erudito produzido nos meios acadêmicos. A popularização do saber portanto, passa igualmente pela necessidade de aumentar o cabedal de informações e criticidade dessas comunidades através de sistemas de ensino de qualidade e comprometidos com a transformação social.

Diante desse quadro, a ESESFA, por meio de seus monitores e professores, buscou traçar parâmetros para as excursões a reservas, de modo a levar à comunidade seus conhecimentos sobre as questões ambientais. A sistematização das visitas obedeceu a um cronograma

estabelecido: levar diariamente três colégios diferentes para as três UCs da região, de forma que, ao final da semana, as escolas tivessem vivenciado todas as áreas.

As trilhas educacionais realizadas em ambientes naturais foi a metodologia utilizada para a passagem de informações e vivências. Para essas trilhas havia um itinerário estabelecido, no qual eram trabalhados os temas, de acordo com as orientações dos monitores e professores. Não foram abertas trilhas específicas para a SMA, sendo utilizadas as existentes no interior de cada UCs com finalidade de pesquisa. Devido a essa característica, foi realizada uma conversa com os alunos para de orientações referentes a como interagir nesse meio, com destaque para alguns pontos: a forma de caminhar, a questão do silêncio, o cuidado em não apanhar nada das matas e em não deixar lixo no local.

Com essa vivência, procurou-se, conforme relatos de Walter Có, professor da ESESFA:

...levar os alunos aos ambientes naturais, deixá-los à vontade e produzir interação através das informações, para que eles vivenciassem o ambiente natural saindo de lá com sensações, pois quando você entra em uma mata, caminha, toma um banho de cachoeira, você sai de uma certa maneira. Nada substitui esse contato, muitos desses alunos não vivenciam esse contato, pois têm medo de sapo, borboleta [...], mas, superando esse medo, eles ganham de presente todo o ambiente natural. Nesse caso, a importância dessas trilhas está na possibilidade da vivência, de observar e interagir.

Dentre as trilhas percorridas, podemos destacar primeiramente a da Reserva Augusto Ruschi. Essa trilha tinha como professor responsável Rosemberg Rodrigues, professor do curso de Biologia da ESESFA, além dos monitores Reinaldo Bolonha e Camila Mischiatti, ambos acadêmicos do curso de Biologia.

Chegando à reserva, o grupo de alunos da Escola Municipal José Pinto Coelho recebeu as informações iniciais referentes aos cuidados que deveriam ser adotados durante a caminhada na trilha. Posteriormente, foram divididos em três grupos, cada qual com um monitor responsável. Havia também uma professora da escola, que porém, não acompanhou os alunos na atividade, limitando-se a esperá-los na sede da Reserva. Quando questionada sobre o motivo de não ter participado, a professora confessou não ter interesse por tais atividades e não ser remunerada para

acompanhar seus alunos nessas atividades, as quais, segundo ela, não fazem parte da grade escolar.

Durante o trajeto, foram destacados os tipos de matas da região, o reflorestamento efetuado em algumas áreas, os tipos de insetos, as espécies de pequenos primatas. Os alunos foram ainda orientados quanto à verificação da qualidade do ambiente em virtude da presença do líquen vermelho. No fim da trilha, havia uma fonte de água. Na oportunidade, os alunos receberam informações quanto à importância das nascentes, da preservação das matas para a manutenção dos lençóis de água.

As informações eram fornecidas no decorrer da caminhada, contando-se com a interação dos alunos através de questionamentos. Nesse grupo específico, observamos que grande parte dos alunos já dominava conhecimentos sobre esses assuntos. Conhecimentos adquiridos pelo fato de muitos deles viverem próximos a áreas naturais. Soma-se a isso o fato de seus pais trabalharem diretamente na agricultura e lhes passarem essas informações.

Rosenberg analisa esse fato, salientando:

Para muitos desses alunos, não é novidade o que passamos aqui, porque eles têm muita vivência nesse meio. O que é diferente é a forma que eles estão vivenciando, isto é, a gente procura através das informações, observações e participações, refletir e sentir esses assuntos. Um exemplo disso seria a caça, que para muitos é uma atividade normal, uma vez que os pais fazem isso. Daí você fala que caçar é errado e mostra toda a importância daquele animal para a manutenção do ecossistema. Eu sei que essa mudança de entendimento não acontece de uma hora para outra, mas é passado da hora de começar. A escola pode e deve, a partir dessas vivências, ampliar o assunto e tentar desencadear um processo de mudanças nos hábitos desses alunos.

Visando desencadear esse processo de percepção e sensibilização, Rosenberg, ao final da caminhada, convidou os alunos a sentarem no chão e fecharem os olhos. Observamos nessa hora a resistência de alguns alunos, pois, segundo eles, iriam sujar as roupas. Realizada a acomodação, os alunos foram estimulados a tentar detectar os sons que ouviam e, após um tempo, expor ao grupo o que tinham percebido. Em seguida, foram solicitados a buscar no chão sementes e restos de frutas. Feita a coleta desses materiais, sentiram seu cheiro e sua forma, trocando os materiais posteriormente com seus colegas. Sobre as sementes explicou todo o processo de geração de

novas árvores através do ciclo alimentar, isto é, os pássaros comem a semente e as transportam para outros locais, as que caem no chão germinam, dando origem a uma nova árvore.

Rosenberg posteriormente pediu-lhes que novamente fechassem os olhos e inseriu novo componente em suas mãos, incentivando-os a adivinhar o que era. Finalizando, todos se deitaram no chão com a única preocupação de “sentir” o ambiente. Para o professor, essa interação *“desperta sensações e percepções que palavras não podem alcançar. Mas é preciso antes ambientá-los ao local [os alunos], fazer com que derrubem suas barreiras e sintam a natureza como parceira”*. Avaliando essa prática, Rosenberg a considera como uma das melhores ferramentas da educação ambiental, pelo fato de proporcionar *“a vivência corporal na natureza, seu cheiro, seus sons e suas peculiaridades”*.

Tuan (1980, p. 8), destacando a importância da utilização dos sentidos humanos para a percepção do meio ambiente, ressalta o papel do tato nessa decodificação. Segundo ele:

A natureza fundamental do sentido do tato nos é demonstrada quando refletimos que uma pessoa sem a visão pode ainda atuar no mundo, com bastante eficiência, mas sem o sentido do tato é duvidoso que possa sobreviver.[...] O tato é a experiência direta da resistência, a experiência direta do mundo como um sistema de resistências e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação.

A audição e o olfato utilizados nessas atividades também são discutidos pelo autor. Em relação à audição, afirma que sua importância para a apreensão da realidade pelos seres humanos está pautada no fato de nossa experiência de espaço ser aumentada grandemente por esse sentido, o qual fornece informações captadas de muito além do campo visual (TUAN, 1980, p. 11). Em relação ao olfato, destaca sua possibilidade de evocar lembranças vividas, trazendo à memória todo um complexo de sensações.

Diante das possibilidades do conhecimento do meio ambiente através desses sentidos, o autor ressalta: “[...] a informação potencialmente disponível é imensa [nesses ambientes]. No entanto, no dia-a-dia do homem, é utilizada somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar” (TUAN, 1980, p. 12). Nesse sentido acrescenta:

Como resultado, não somente as atitudes para o meio ambiente diferem, mas difere também a capacidade real dos sentidos. Assim as propostas de educação ambiental devem buscar estimular ao máximo a capacidade dos sentidos de seu público, tendo em vista a possibilidade de utilização dos mesmos para a concretização de atitudes comprometidas com o meio ambiente (TUAN, 1980, p.12).

A participação dos alunos, com alguma exceção, fez-se de forma interessada e tranqüila. Ao final da atividade, questionamos sobre de que mais haviam gostado. A resposta obtida, em sua maioria, relacionou-se ao fato de deitarem no chão e ficarem *curtindo* o lugar. Em seguida, perguntamos quais as sensações e percepções experimentadas com a atividade. Parte dos alunos destacou a possibilidade de poder entender os assuntos tratados em aula de forma prática, como a importância das espécies para a manutenção das florestas, a importância das nascentes de água. A outra parcela salientou a percepção da natureza como algo importante, uma vez que estaria diretamente ligada à manutenção da vida de todos os seres vivos, inclusive dos homens. Obtivemos também respostas relacionadas à cadeia alimentar, aos hábitos perante a natureza, como o de caçar e o de retirar espécies, em especial orquídeas e bromélias.

Quando questionamos o grupo de alunos não participantes da atividade sobre o motivo de sua abstenção, obtivemos o seguinte relato de Gustavo Formigoni, aluno da 7.^a série: *“Eu não gosto de andar no meio de mato. Prefiro ficar aqui; até a professora ficou! [...] não sou obrigado a ir. Deve ser até legal, mas eu não acho que tenha a ver com nada. Ficar olhando árvore, eu olho em casa”*. Outros alegaram indisposição, falta de roupa adequada, entre outros motivos.

Vale, nesse contexto, tecer considerações sobre a atitude da professora e seu reflexo no comportamento de seus alunos. Quando o próprio educador não apóia as propostas educacionais da escola, isso irá refletir no interesse desses alunos em tais vivências. Além do fator financeiro e atípico da forma como o conhecimento é passado, o que talvez possa ser considerado é o desconforto da professora perante o novo, as novas possibilidades, as quais talvez ela mesma não tenha tido possibilidade de vivenciar. Assim, o fato de não entender a atividade, o cansaço e a falta de expectativa diante da realidade do ensino brasileiro transformaram-se em entraves para sua participação.

Analisando essas reações, fica difícil detectar se essa vivência influenciará na mudança de hábitos e relações desses alunos com a natureza, isso diante da impossibilidade em acompanhá-los em seu cotidiano e da própria continuidade das atividades. Podemos, porém, destacar dessas observações a diferença de comportamento antes e depois de percorrida a trilha, como no ato de jogar lixo no chão na hora do lanche e nas próprias conversas entre os alunos, que destacavam a aventura pela qual tinham passado, como deitarem perto de formigas e de besouros. Salientamos, portanto, o impacto inicial causado por essa atividade nesses alunos, enfatizando ainda o caráter processual que apresenta, isto é, a necessidade da continuidade de trabalhos e vivências.

Voltando nossas atenções para os monitores, questionamos as razões que os levaram a participar da trilha. Ambos responderam que seria *“pela oportunidade de estarem tendo uma vivência prática das informações obtidas em aulas”*, além de se interessarem por esse tipo de atividade. Segundo Reinaldo:

...é uma coisa muito interessante você ver como dá certo essa proposta de trilhas na natureza: os alunos entram com uma leitura e saem com outra. Você conversa, sente, brinca [...] cansa, mas é muito melhor do que aquelas aulas de ciências que a gente tinha nas escolas, porque você vê e vivencia as informações. Para mim, que pretendo fazer licenciatura, essa é uma prática que vou levar comigo para minhas aulas.

Camila Mischiatti reforça essa fala afirmando:

... é preciso ultrapassar aquele tipo de educação certinha, é preciso colocar os meninos em contato com o que queremos passar para eles. Não é fácil, porque uma coisa é a teoria, a outra é a prática, mas acho que só assim aprendemos. Eu mesma senti dificuldade em passar as atividades, e olha que eu gosto do que faço! Mas acho que tem mais a ver com o fato de ser a primeira vez. Mas é muito bom ver que podemos mudar concepções e ações desses alunos. Pena ser uma atividade esporádica [...].

Outra trilha merecedora de análise foi a realizada na Reserva Florestal de São Lourenço. As turmas participantes foram a 5.^a e 6.^a séries do ESFA, escola particular da cidade, e tiveram como responsáveis o professor Rogério Lima e os monitores Roberta Pretti e Micheli Angeli, ambas acadêmicas do curso de Biologia da ESESFA.

Seguindo a mesma sequência de divisão de turmas, essa trilha teve como peculiaridade sua maior extensão⁵⁴ e seu término em uma antiga fazenda chamada Cariri. Durante o trajeto, foram observados componentes da fauna e da flora da região, casas de tatus, informações sobre as marcas⁵⁵ nas árvores. Também foram dadas orientações meteorológicas, dicas de sobrevivência e orientações sobre como caminhar na mata.

De acordo com as observações realizadas, esse grupo de alunos mostrou-se extremamente envolvido na atividade, fato que pode ser explicado pela faixa-etária do grupo, entre 10 e 12 anos e igualmente por não terem tido muitas vivências desse tipo. O destaque desse grupo foi relacionado à oportunidade de poderem andar pela mata, conhecendo-a. Referiram-se, ainda, quando questionados sobre os conhecimentos adquiridos, principalmente *à casa e à vida* do tatu que encontraram. Tal identificação deveu-se ao fato de, durante a trilha, eles terem avistado o tatu e terem podido observar seus hábitos.

A observação prática do assunto proporcionou, portanto, uma maior identificação com o conhecimento passado, sendo ampliado ainda para questões de caça do animal. Rogério destaca nesse acontecimento:

... a possibilidade de trabalhar a percepção dessas crianças em relação a esse ambiente [...] É interessante você ver como algumas acham que mata é capim, têm medo, e outras acham que a mata é importante. Com essa trilha de hoje, por exemplo, pudemos vivenciar de perto alguns assuntos que elas só vêem em sala e isso facilita o aprendizado, o qual modifica a forma como elas vão perceber agora o meio natural.

Torna-se necessário ampliar essas práticas, agregando a idéia de uma abordagem que surgiria a degradação da natureza, como, por exemplo, a exploração do homem pelo homem. Caso contrário, só a educação, quer tenha o adjetivo ambiental ou não, não será suficiente para dar conta dos complexos problemas que nos desafiam neste século.

⁵⁴ O percurso da trilha realizada na Reserva Augusto Ruschi foi feito em 1 hora e o da Reserva Florestal de São Lourenço, em 2 horas.

⁵⁵ Essas marcas foram realizadas pelas medições e estudos dos alunos de biologia da ESEF para a estipulação do

Em relação a esses problemas de conjuntura socioambientais, Roberta Pretti analisa a participação em atividades de educação ambiental em ambientes naturais como sendo um artefato primordial para essa passagem de informações, uma vez que não é suficiente:

...mostrar um árvore [...] uma árvore que tenha 100 anos, o fundamental é que o aluno saiba que aquela árvore é importante, pois faz parte de um ecossistema,⁵⁶ o que é ecossistema e qual o papel do ser humano como membro desse ecossistema. E como os homens vêm através dos tempos destruindo esse ecossistema, como podemos mudar esse quadro, acompanhando assim a construção do conhecimento que está sendo passado.

Realizando uma avaliação da visita das escolas às UCs, Zélia Lóss afirmou que deseja:

...torná-las uma vivência obrigatória nas outras SMA. Eu gostaria, inclusive, de ver com a ESESFA como manter esse programa ao longo do ano, buscando a sensibilização dessas crianças, sua educação, aprendendo a respeitar a natureza, conhecendo e agindo como nossos futuros sujeitos que irão reger essas questões que hoje estamos tentando articular.

Diante disso, é fundamental nesse processo, associarmos formas de educação formal às atividades sociais e às demais atividades sociais de luta pelas questões ambientais. Nesse aspecto, Loureiro (2002b, p. 93) enfatiza:

São prioritários projetos que articulem o trabalho escolar ao trabalho comunitário, buscando-se o conhecimento, a reflexão e a ação concreta sobre o ambiente em que se vive. A educação ambiental, por seus princípios integradores e de promoção de qualidade de vida, pode construir o elo entre o entendimento do ambiente escolar como totalidade que inclui a comunidade em que a escola se insere e a luta dos profissionais do ensino pela democratização das relações de poder na instituição educativa.

Reportando-nos à fala de Rogério, sua ponderação sobre essa vivência foi: “[...] extremamente positiva. Atingimos cerca de 300 alunos. Com seu efeito multiplicador, nós esperamos que eles tenham tido acesso a algum conhecimento e alguma semente tenha ficado neles com essa atividade, propagando-a sobre a conservação e melhoria da qualidade de vida”.

Fazendo uma análise quanto às limitações e problemas detectados, relata:

⁵⁶ Segundo Soffiati (2002, p. 26) o conceito de ecossistema adquire atualmente importância fundamental na construção da ecocidadania, pois esta não será mais construída tomando-se o ser humano isolado, a sociedade e a cultura como referenciais, mas o ecossistema como gerador e/ou gerado pela atividade coletiva dos seres.

Os professores da ESESFA foram orientados de forma um pouco corrida, já que nosso objetivo era uma experiência inicial. Alguns erros que detectamos serão corrigidos, como uma melhor preparação de nossos professores e monitores, um planejamento, uma estipulação de tempo de trilha, aspectos que podem ser explorados, dinâmicas e o principal, que é o feedback que podemos ter desses alunos, isto é, como nós vamos coletar o aprendizado desses alunos? Houve alguma mudança? Foi efetivo ou apenas foi um dia e nada mais? Temos que saber disso para as próximas versões.

Nesse sentido, o papel das escolas na continuidade dos assuntos tratados nas trilhas faz-se imprescindível para o processo de sensibilização desencadeado. Segundo Brügger (1999b, p. 104), torna-se preciso compreender que as escolas perpetuam muitas vezes, ideologias contra a visão integrada do meio ambiente.

Diante isso, é necessário buscar algo mais do que simplesmente o conhecimento para a preservação, é preciso romper com antigas amarras, as quais limitam a visão dessas crianças. Para tal, torna-se preciso um processo de reestruturação intrínseco dentro de cada professor, que deve assumir verdadeiramente a educação ambiental, indo a campo e buscando algo mais do que as técnicas e metodologias possam passar, em uma constante interação com os alunos.

Corroborando com a autora acima, Patrícia Rangel, professora do Curso de Biologia da ESESFA, soma a seguinte contribuição:

A escola em si seria um ótimo espaço para disseminar esse conhecimento, mas de que escola estamos falando? É preciso não esquecer a realidade que estamos vivendo, inclusive os professores. Com a política educacional, muita gente não se sente motivado a dar continuidade a essas práticas, pois não ganha para isso, ao contrário é uma coisa cansativa. Além disso, a direção da escola deve atuar como forma de facilitar essa vivência, porque não adianta o professor querer levar seus alunos a uma trilha ou outra coisa do tipo e a escola não apoiar e ficar dizendo que é só passeio. As pessoas têm que repensar a educação e assumi-la querendo uma nova educação para o meio ambiente do qual fazem parte.

A educação ambiental, trabalhada nas trilhas e nas escolas, tem em seu interior dificuldades dignas de análise, como a de mudar velhos hábitos instituídos. Esses velhos hábitos são para Walter Cór, professor do curso de Biologia da ESESFA, de acordo com sua experiência:

... adquiridos, em primeiro lugar, pela ação dos nossos pais. A gente aprende a jogar lixo no chão pelo pai e pela mãe. É aquela criança que pega um papel e vai colocar na mão e a mãe diz: Menino joga isso fora! Você aprende que uma coisa de que não gosta, que não tem mais utilidade, o chão é o lugar! Outra coisa é quando na frente o pai não limpa atrás, então você cresce com a percepção de

que você suja e sempre tem alguém que vai limpar. Então o adulto, quando abre o vidro do carro e joga uma lata fora é porque ele acha que tem sempre alguém que vai limpar. Eu acho que mudar esses hábitos depende de um processo longo, pois todo mundo que joga lixo no chão sabe que é errado. Mas saber que é errado não é o suficiente para que ele deixe de jogar o lixo no chão. Então mudar esses condicionamentos é o maior desafio na educação ambiental. Falar que é errado, como disse, eles sabem, mas para eles pararem [...] faz parte de uma outra vertente que é a da sensibilização.

Conhecer o meio ambiente, conseqüentemente, não resulta diretamente no fator desencadeador de sua defesa e maiores abordagens. Retomando Brügger (1999b, p.80), podemos acrescentar a essa questão a ocorrência de que muitos dos programas de Educação Ambiental podem ser entendidos “como programas de adestramento, isto é, um tipo de instrução onde as pessoas são levadas a executar determinadas funções, identificando um padrão utilitarista[...]”.

Os programas referidos pela autora apresentariam portanto, uma tendência conservatória/comportamental, na qual as prioridades são direcionadas para a formação de comportamentos pertinentes à temática ambiental, por eles defendida sem maiores reflexões. Em última instância, esse tipo de abordagem utiliza o sujeito, não o privilegiando como autor no processo, mas vendo-o, sim, como um simples observador que deve adaptar-se moldes estabelecidos. Tal enfoque não auxilia em novas percepções do meio ambiente, não gera identificação e, conseqüentemente, não desencadeia a criação de novas atitudes.

Vale a pena frisar novamente que essas propostas de educação ambiental podem incluir concepções ecologicamente disfarçadas, tendo na verdade, em seu âmago, a questão da continuidade de lógicas de dicotomia entre homem/natureza. Em outras palavras, o fato de proteger plantas e animais, por exemplo, pode estar contaminado pela concepção de que se tem poder de decidir sobre o futuro e a dinâmica da natureza. A existência do ser humano e a forma como ele concebe o uso dos recursos naturais hoje faz parte dessa dinâmica (MENDONÇA e NEIMAN, 2002, p. 162).

O reducionismo observado nas propostas e produções da educação ambiental é apontado por Loureiro (2002b, p. 71) como sendo:

[...] decorrente da íntima associação realizada entre a dimensão técnico-gerencial dos recursos naturais e a comportamental, a qual se expressa no processo de institucionalização da área do meio ambiente do país, pouco articulada com os setores voltados para a questão social, particularmente com as instâncias formais da Educação.

Assim, os programas devem atentar para informações qualitativas. Isso seria conseguido dando-se uma maior ênfase aos aspectos políticos⁵⁷ e éticos da questão ambiental na região, apontando com isso para formação de novas posturas diante da natureza e das relações humanas, de novos comportamentos e conceitos (LOUREIRO, 2002b, p. 87).

A sensibilização derivada de programas de educação ambiental mostrou-se, apesar das limitações detectadas na SMA, como uma possibilidade de ação com o público estudantil. Essa fase talvez seja a mais importante nesse processo, pois a sensibilização em relação à vida é o fruto mais precioso da educação. Assim, se houver a intenção de cultivar uma atividade de reverência para com a vida, em primeiro lugar precisamos desenvolver a percepção, que, por sua vez, pode transformar-se em amor e empatia (CORNEL, apud NEIMAN e RABINOVICI, 2002, p.148).

Neiman e Rabinovici (2002, p. 148-149) destacam, em um dos seus estudos realizados no Cerrado Brasileiro, a necessidade de desencadear procedimentos contendo impactos emocionais, positivos ou negativos, mas que despertem inicialmente um sentimento de vínculo com o espaço, uma percepção subjetiva de sua beleza. Só assim, segundo as autoras:

[...] gerar-se-ão preocupações que alertem para comportamentos agressivos e motivações para o envolvimento e a participação das pessoas no sentido de busca de soluções. Esse envolvimento estará, dessa forma, unindo a situação ou situações problemáticas aos valores mais elevados e sutis da existência humana.

Quem já teve a experiência de, por exemplo, caminhar por uma mesma trilha diversas vezes pode compreender isso: a cada vez mais há coisas diferentes que podem ser vistas ou em que se pode pensar. A situação nunca se repete, o que leva a refletir sobre a constante

⁵⁷ A dimensão política da educação ambiental, segundo Loureiro (2002, p. 71-72), só é legitimada na modernidade, a partir do momento em que se pressupõe que a história das sociedades humanas não é previamente determinada, mas resultante de processos dinâmicos estabelecidos, construídos e transformados por sujeitos históricos: os cidadãos, em suas ações individuais ou coletivas.

transformação do ambiente. Ao percebemos isso, tomamos consciência de nós mesmos. O contato com a natureza, desse modo, oferece uma nova oportunidade de enfrentar essas emoções, as diferenças e os mistérios. Esse contato promove o resgate de sentimentos pessoais muitas vezes esquecidos no processo de desenvolvimento da sociedade.

Nessa conjuntura, vale frisar, novamente, conforme reflexões de Loureiro (2002b., p. 92) que:

[...] a educação ambiental é inserida em uma conjuntura maior, a qual produz e reproduz as relações da sociedade que para serem transformadas, dependem de uma educação crítica e de uma série de outras modificações no plano político, social, econômico e cultural. A educação, portanto, ambiental ou não, é um dos mais nobres veículos de mudança na história, a conquista de um direito inalienável do ser humano, mas que não age isoladamente.

Dessa forma, o entendimento da existência de situações problemáticas na educação e não apenas na educação ambiental em específico, e um exercício necessário a todos os profissionais envolvidos nessa temática. Visando traçar ponderações sobre essa realidade, trazemos Edgar Morin (2000), que em seu livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro” reflete sobre a realidade da educação atual, apontando fatores fundamentais para superar as limitações que apresenta.

Dentre suas principais idéias podemos destacar a necessidade de promover conhecimento capaz de apreender problemas globais; a necessidade de superar o conhecimento fragmentado; a necessidade de refletir sobre as incertezas; a compreensão de que o homem é ao mesmo tempo indivíduo, parte da sociedade e parte da espécie humana, assim, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.

Sabemos a dificuldade de transformar tais ponderações em situações reais no contexto educacional. No entanto, se a educação e, em específico, a educação ambiental tem o ideal de auxiliarem na mudança de atitudes e possibilitar a formação de cidadãos conscientes da questão

ambiental, devem buscar processualmente esses saberes dentro de seu contexto. O conflito⁵⁸, de acordo com Brügger (1999b, 96-99), é parte inerente a esse processo, uma vez que atua como força propulsora, como essência das mutações pelas quais passam diferentes sociedades. Sua existência proporciona o questionamento de pensamentos hegemônicos dentro da educação, sendo inerente às relações sociais e naturais

3.2 V PASSEIO CICLÍSTICO À ESTAÇÃO BIOLÓGICA DE SANTA LÚCIA

A realização do V Passeio Ciclístico à Estação Santa Lúcia ficou a cargo do MBML. Conforme relatos de Hélio Fernandes, diretor do MBML:

Tratou-se de um evento que já possui uma certa tradição em Santa Teresa, mas que para este ano teve como ponto diferencial a parceria com os alunos do curso de Educação Física e Biologia da ESESFA. Os alunos trabalharam no monitoramento do passeio até a reserva e lá foram fornecidas algumas informações relacionadas e uma caminhada até o túmulo de Augusto Ruschi.

Essa parceria é vista como uma forma de “estarmos fazendo a ligação, o link, de duas áreas diferentes, que são atividades na natureza, saúde e causa ambiental, por ser um ambiente propício para reflexões devido às codificações proporcionadas pela prática”.

⁵⁸ O conflito, segundo a autora, faz parte da própria essência do pensamento e, assim, quaisquer perspectivas de mundo ficariam incompletas sem ele. No caso da educação, a negação de tal dimensão vem novamente reafirmar a educação como uma prática essencialmente social e cultural, por ele intitulada como educação adestradora.

O objetivo do evento seria além de unir as duas áreas supracitadas, o de divulgar a causa ambiental na condição local e global, chamando a atenção para a necessidade de preservação de áreas naturais. Com isso, pretendemos desencadear um processo de idéias em torno do meio ambiente, as quais poderiam culminar, com eventos posteriores, em mudanças de valores da comunidade.

Para o alcance de mudança de valores é necessário uma revisão nas idéias sobre a relação homem/natureza, conforme o enfoque de Wearing e Neil (2001, p. 16):

De fato, muitos argumentam que o remédio para nossa situação ambiental reside precisamente na mudança de valores. Porém, é de pouca importância identificar determinado conjunto de valores e afirmar que precisamos mudá-los. Somente compreendendo a complexidade das relações e as idéias históricas que contribuíram para nossa atual posição é que podemos começar a entender a ética ou os comportamentos que esses valores sustentam.

Atividades como a do Passeio Ciclístico seriam instrumentos para abordar essas questões, devido à possibilidade oferecida na essência de suas ações: vivência no ambiente natural, possibilidade de sua decodificação pela percepção pessoal e assimilação das mesmas de forma lúdica e prazerosa.

Tentando implementar elementos transformadores, o Passeio Ciclístico teve sua organização pautada em dois pontos fundamentais. O primeiro referiu-se ao papel dos acadêmicos de Educação Física nas orientações iniciais da atividade. Foi realizado um breve histórico da apropriação dessas atividades pela indústria de turismo, bem como a cuidados técnicos sobre o passeio (estrada, utilização de marchas) e as orientações quanto à importância do alongamento muscular. O segundo ponto referiu-se ao papel dos acadêmicos de Biologia na transmissão de informações e utilização de metodologias de educação ambiental durante o passeio na reserva. A metodologia utilizada, segundo Cristiane Vargas, acadêmica do 4.º período de Ciências Biológicas, foi a interpretação ambiental.

Buscamos novamente as contribuições de Wearing e Neil (2001, p. 90), podemos enfatizar os seguintes pontos de debate para a utilização dessa metodologia:

O benefício mais direto da interpretação é servir de ferramenta de administração para gerenciar o comportamento dos visitantes e reduzir seus impactos. Uma das principais críticas ao ecoturismo é que ele ameaça destruir o meio ambiente que está tentando proteger. A interpretação é um meio eficiente pelo qual a administração pode estimular o comportamento adequado, diminuindo os comportamentos potencialmente prejudiciais dos ecoturistas.

As informações propiciadas pela interpretação ambiental podem vir a estimular a adoção de um comportamento adequado, pois este constitui-se num conjunto de técnicas que ampliam as possibilidades do turista, além de uma incursão não apenas de lazer, recreação ou aventura particular, mas também de integração com os assuntos de interesse coletivo, os quais requerem o envolvimento e a preocupação de todos os membros da sociedade (DELGADO, 2000, p. 161).

É interessante observar que nessas considerações está implícita uma tendência comportamental, pois se parte da idéia de se formar comportamentos adequados ao trato da questão ambiental. Entretanto, mais do que uma simples transmissão de técnicas que visem à formação desses comportamentos, a interpretação ambiental deve constituir-se num recurso para propiciar uma construção mútua de conhecimentos disseminadores de novas posturas, como ressaltamos anteriormente no capítulo dois, com base na visão de Paulo Freire.

Essas considerações são fundamentais para que a interpretação ambiental passe a ser uma forma estimulante de fazer as pessoas entenderem o seu entorno ecológico, transformando-se em uma tradução da linguagem da natureza para a linguagem comum das pessoas, fazendo com que percebam o mundo que nunca tinham visto antes como um processo mútuo entre os sujeitos envolvidos nessa metodologia.

A forma como essa tradução é feita, ou seja, a abordagem interpretativa é que diferencia a interpretação ambiental da simples comunicação de informações. Além disso, é uma atividade educativa que pretende revelar os significados e as relações existentes no ambiente, por meio de objetos originais e curiosidades sobre as adaptações dos seres vivos ao meio ambiente em que vivem, através de experimentos de primeira mão e meios ilustrativos, em vez de simplesmente a comunicação da informação literal (NEIMAN e RABINOVICI, 2002, p. 151).

Iniciando uma breve análise quanto à estruturação do passeio nesses dois pontos, podemos destacar primeiramente a separação das áreas que tentávamos unir: Educação Física e Biologia. É importante frisar que conhecimentos do meio ambiente, ou à utilização de metodologias de educação ambiental não são exclusivos dos biólogos, ecólogos ou geólogos, assim como a abordagem da atividade física na natureza não deve limitar-se à mera prática em si, mas utilizar informações cabíveis quanto ao objetivo da atividade em estreita ligação com a educação ambiental.

Verificamos que a separação dessas áreas poderia vir a desencadear o insucesso da atividade, ante o fato de estabelecer parcerias de forma desconexa, não promovendo uma real integração das partes envolvidas e, conseqüentemente, dificultando a união necessária para sua real efetivação. Alunos de Educação Física como de Ciências Biológicas devem ultrapassar essa visão fragmentada de suas áreas de atuação, buscando, mediante a troca de conhecimentos, elaborar uma atividade que venha a representar realmente o papel ao qual se destinou: a educação integral do indivíduo nas questões ambientais.

Não podemos deixar de destacar o mérito da intenção do organizador do passeio, o qual, no entanto, embora visasse à integração das áreas, acabou incorrendo em uma visão estagnada, proveniente talvez de sua formação de biólogo.

O passeio teve seu início às 8 horas, saindo do MBML. Embora o dia estivesse chuvoso houve grande participação de pessoas,⁵⁹ as quais eram, em sua maioria, provenientes de Santa Teresa; as demais eram oriundas da cidade de Vitória-ES e de Santa Leopoldina-ES.

Iniciaram-se as atividades com uma breve retrospectiva dos passeios anteriores, enfatizando-se a dessa atividade para fins educacionais e apontando os objetivos do evento e das parcerias realizadas. Em seguida, os participantes foram convidados para uma atividade de alongamento, seguindo as orientações dos monitores de Educação Física.

⁵⁹ De acordo com dados provenientes da direção do MBML, o passeio ciclistico contou com a participação de cerca de 80 pessoas, variando entre a faixa-etária dos 12 aos 50 anos.

A avaliação da participação dos acadêmicos de Educação Física no evento foi feita por Éder Zanotti, aluno do 6.º período:

Eu gostei da nossa participação. Particularmente, gostei de participar porque acho legal essas coisas ligadas ao meio ambiente. Mas na hora que chegou na Reserva a gente ficou meio sem saber o que fazer, pois era a vez dos meninos da Biologia [...]. eu acho que poderíamos ter intercalado mais as tarefas, trocado mais informações, mas isso é difícil, pois aquele povo é muito cheio de si[...].

A dificuldade a que Éder se referiu está ligada aos problemas de relacionamento envolvidos na área profissional. Isto é, os acadêmicos da Biologia julgam-se superiores aos acadêmicos de Educação Física e vice-versa; esse sentido de superioridade estaria embutido no papel de importância desempenhado por suas futuras profissões no mercado de trabalho e na melhoria da qualidade de vida das populações. Souza (2000, p. 20) observa esse quadro, afirmando:

Não se percebe o valor da complementaridade de conhecimentos. Muitos profissionais, sentindo-se responsáveis pela condução dos estudos técnicos corretivos e pela pesquisa e análise relativas às características de cada espécie ao equilíbrio dos ecossistemas e de suas características dialéticas, não consideram a intromissão de outras áreas afins, as quais podem vir a contribuir positivamente em seus estudos e ações.

Dessa forma, defender um pensamento global, holista ou integrador entre profissionais de diversas áreas não implica, necessariamente, transcender antigos paradigmas científicos que construíram nossa lógica de pensar o mundo e a natureza (CASTRO, 1997, p. 146).

Chegando à Estação Biológica de Santa Lúcia, foram passadas aos alunos informações quanto à forma de entrar e andar na trilha, solicitações de não retirar plantas, observações quanto à importância do silêncio, entre outras. Considerando o número de pessoas participantes, dividiu-se o grupo em três subgrupos, dando-se um tempo de 15 minutos de partida de um para o outro. Nesse aspecto, podemos abordar um critério relacionado à capacidade de carga da área.

A idéia central desse conceito, conforme aportes de Stankey trazidos por Wearing e Neil (2001, p. 78) é que “[...] os fatores ambientais impõem limites sobre a população que uma área

pode acomodar. Quando esses limites são ultrapassados, a qualidade do meio ambiente sofre e, no final das contas, diminui sua capacidade de acomodar essa população”.

Questionado sobre a realidade referente ao impacto⁶⁰ desse público na área, André Moreira Assis, chefe técnico da área de educação ambiental do MBML, explica:

Temos consciência de que com essa quantidade de pessoas estamos ponto em risco a própria biodiversidade da região e até os objetivos dessa visita, mas temos que pensar no que é melhor: manter a Reserva restrita à pesquisa ou abri-la para o público em eventos como esse para poder tratar de assuntos ambientais? [...] eu acredito que, embora não seja o recomendado, podemos sensibilizar essas pessoas para ajudarem na preservação da área, buscar a identificação, porque aqui muita gente não faz nem idéia da riqueza e importância dessa região.

Barros e Dines (2000, p. 57) discutem esse paradoxo, afirmando:

No Brasil, as instituições que administram unidades de conservação também começam a reconhecer que os impactos causados pela atividade humana são praticamente inevitáveis. Para contornar esses problemas e resolver o paradoxo, os responsáveis por essas áreas procuram identificar quais são os limites aceitáveis para esses impactos e começam a implantar modelos de avaliação, manejo e monitoramento de impactos.

Diante disso, a equação entre o impacto desejável e o mínimo impacto possível tem variáveis que passam pela necessidade de atender a essas demandas e proporcionar condições adequadas para diversas atividades. A diferença é sutil: o impacto desejável aproxima-se do impacto nulo, enquanto o mínimo impacto possível é resultante da complexa equação que compatibiliza os interesses da conservação e a necessidade de atender às demandas da visita (BARROS e DINES, 2000, p. 53).

Em estudos realizados no Parque Nacional de Itatiaia-RJ, Serrano (2000, p. 122) polemiza a questão dos impactos em UCs, convidando-nos à seguinte análise: Seriam os impactos resultantes do turismo, ou da má administração? Nesse sentido, mais do que procurar formas de manejo e monitoramento, não seria necessária a uma obtenção de um corpo técnico adequado para o gerenciamento dessas áreas? Da mesma forma, não seria essa má administração um dos

entraves para outros projetos e parcerias? Essa má administração não estaria pautada em uma visão romântica da natureza ou a uma simples acomodação?

Tais questões mereceriam um estudo à parte para sua verificação, não sendo possível na presente pesquisa. Mesmo assim esses questionamentos ficam aqui explícitos, oferecendo, quem sabe, contribuições para outros estudos.

Durante o trajeto pela trilha, foram passadas informações sobre a diversidade da fauna e da flora da região, sobre as peculiaridades do local, e solicitou-se aos participantes observarem os insetos, os tipos de aves e os pequenos primatas. Chegando ao túmulo de Augusto Ruschi, os monitores de Biologia relataram alguns aspectos da vida de Ruschi, sua importância para o Brasil e para Santa Teresa. Nesse momento, foram feitas algumas perguntas relacionadas aos trabalhos e à vida do cientista. Também foram levantadas questões sobre alguns assuntos referentes à Estação de Santa Lúcia.

As perguntas foram respondidas pelos monitores de Biologia da ESESFA, por Hélio Fernandes e André Assis do MBML, os quais procuraram polemizar alguns aspectos levantados, sugerindo ao final a seguinte dinâmica: cada um dos participantes, conforme sua vontade, deveria descrever para o grupo a sensação que tinham experimentado ao estarem naquele local e o que levariam do passeio.

Dentre as falas, pudemos destacar a de Welder Crauer, engenheiro, 47 anos, residente em Vitória-ES:

A primeira sensação que tenho é de cansaço [risos], estou totalmente fora de forma para pedalar esse tanto e depois andar pela mata [risos]. Mas, falando sério, a sensação que levo é a de leveza, eu fico correndo o dia todo em Vitória e quando tenho possibilidade de estar em um lugar como esse é como se todas as preocupações passassem [...] é até difícil precisar em palavras. A gente esquece na cidade da importância de locais como esse, de como fazem bem para nós [...]. Eu levo do passeio, além da dor nas pernas [...] o compromisso de prestar mais atenção na natureza e tentar melhorar um pouco mais minhas ações com o lixo, com a água, orientando meu filho [...].

⁶⁰ Barros e Dines (2000, p. 58) destacam dois tipos de impactos: os ecológicos, quando provocam alterações no ambiente, degradando o solo, a vegetação, os recursos hídricos e a fauna; e os sociais, quando causam uma diminuição na qualidade da experiência dos visitantes.

A orientação dos pais aos filhos referente à questão ambiental, de acordo com Mergulhão (2000, p. 37), faz-se indispensável, uma vez que a influência dos adultos poderá direcionar os atos das crianças e atuar como fator estimulador, tanto positiva como negativamente. A autora realça essa importância afirmando ainda: “professores e pais são ídolos em várias fases de nossas vidas. O exemplo deles é imprescindível na continuidade da educação ambiental no dia-a-dia”. A participação de pais junto com os filhos em atividades ligadas ao meio ambiental seria uma outra forma de se conseguir reforços para dar continuidade aos conhecimentos adquiridos nessas vivências.

Inserindo-nos agora, no mundo das sensações e das ações, é importante repetir que informações, conhecimento, ainda que absolutamente necessários, são insuficientes para engendrar processos de efetiva transformação na organização social e formas de relacionamento com o mundo e suas questões ambientais. Um equilíbrio, portanto, entre a razão e o sentimento é fundamental para um entendimento mais amplo da natureza e para a real efetivação das mudanças necessárias às áreas naturais (MENDONÇA, 2000, p. 137).

Após o retorno do passeio, atendendo a um pedido nosso, Welder explicou motivo da escolha de Santa Teresa para sua visita:

Os pais de minha esposa são daqui, então eu sempre venho para cá. Fiquei sabendo do passeio e decidi vir porque meu filho foi no do ano passado e adorou, então resolvi experimentar. Mas adoro esse lugar, essas matas [...] no dia-a-dia da cidade a gente não vive isso, é uma calma, uma tranquilidade! Ficar o dia todo no escritório e depois viver isso de passear em uma reserva, me faz repensar muitas coisas, inclusive em onde morar [...] fico pensando, será que vale a pena essa correria? Mas eu tenho compromissos, então fica difícil jogar tudo pro alto.

Perguntamos também sobre o que mais chamou a sua atenção, durante o passeio:

...a beleza do lugar: é lindo! Estar em contato com a natureza é muito bom, descansa, alivia. O túmulo de Ruschi no meio da Reserva também me chamou a atenção. Imagina um homem que viveu no meio do mato e quis ser enterrado no mato? Eu sempre escutei falar muito dele porque a minha esposa que morou aqui. Daí você poder conhecer um pouco da história dele faz você entender sua importância [...].

Analisando ainda como os conhecimentos foram passados no decorrer da atividade, Welder realçou:

O próprio passeio em si já é um aprendizado. Eu adquiri conhecimentos que só costumava ouvir pela mídia [...] coisas do tipo de conservar a natureza, a importância de recursos naturais. Então, com essa vivência, eu vi na prática esses assuntos. Eu gostei muito, a trilha ficou meio cheia de gente, mas foi bom. Queria poder participar de mais eventos como esse, poder continuar passeando e aprendendo. Vamos ver se depois desse eu animo mais em vir para cá para fazer essas atividades.

Reportando-nos a essas falas, podemos ponderar, juntamente com Carvalho (2001, p. 45), primeiramente sobre a necessidade dos homens. Marcados pelas inóspitas condições ambientais, impulsionaram o surgimento de um sentimento estético e moral de valorização da natureza, de retornar aos ambientes naturais. Essa necessidade estaria ainda pautada na sua busca para descanso, para auto-conhecimento e pela necessidade da conservação dessas áreas polemizada na atualidade.

Uma reflexão pode ser acrescida a esse assunto: estariam os homens retornando verdadeiramente à natureza ou apenas ao espaço, vendo-o como mero meio de produção? Nesse último caso, a atitude preservacionista assume uma característica utilitarista, como analisam Bruhns e Serrano (1998, p. 398), “ligada a uma lógica ambiental que pode ter em sua base medidas destinadas apenas a tornar mais duradoura uma relação perversa e esgotada de subordinação e manipulação”.

Mendonça (2000, p. 136), em seus estudos sobre as metodologias e atividades do professor Joseph Cornell⁶¹, analisa esse retorno como um grande caminho para a compreensão da natureza e a interação com ela: “[...] se a ela estamos voltando, com o crescente interesse pelo ecoturismo em todo o mundo, devemos olhar para nós mesmos, para nossa história e observarmos o que nos liga a ela e o que dela nos separa [...]”.

A autora afirma que as áreas naturais podem ajudar na percepção dos homens em relação a nós mesmos, permitindo o desenvolvimento da consciência de que fazemos parte daquele

conjunto, mesmo estando esquecidos disso em nossos ambientes e afazeres urbanos. Com isso, “muito além dos conhecimentos que queremos ter sobre a natureza e seus mecanismos, muito além do simples contato, estão nossas formas de compreender, perceber e sentir esse universo” (MENDONÇA, 2000, p. 137).

A busca pela natureza, vem também norteadada pela necessidade de sua preservação. Nesse sentido, ela possuiria, conforme contribuições de Mendonça e Neiman (2002, p. 162), aspectos relacionados à ética e à estética. De acordo com as autoras, só sobreviveremos em função do afeto que temos pelo outro; esse afeto origina a preocupação com os filhos, com os descendentes e outros. O gostar do outro, o afeto, produz um efeito colateral: o de apreciar coisas em geral, inclusive as relacionadas à natureza. Essa idéia faz com busquemos comportamentos mais adequados nos ambientes naturais, visando fornecer melhores condições de vida para nossos descendentes, assegurando-lhes, por exemplo, a possibilidade de água potável.

Por outro lado, a busca e a preservação da natureza podem estar influenciadas pela beleza estética do local. Um exemplo seria o ato de não jogar lixo numa trilha. Em primeira instância, poderíamos analisar esse hábito como sendo derivado do caráter de condutas corretas nesse ambiente, porém pode ser compreendido igualmente pela apreciação estética da paisagem, ou seja, as pessoas não jogam lixo em uma trilha por achá-la bela. No caso específico de Welder, um dos fatores destacados em sua fala anterior seria a beleza (estética) do local para estimulá-lo a participar do Passeio, além da influência do filho⁶² e das necessidades intrínsecas de descanso e divertimento.

O papel da mídia na disseminação de temas sobre a questão ambiental é um dos pontos a serem analisados nesse contexto, pois muitas das abordagens sobre o tema apresentavam um caráter reducionista, uma vez que consideram as relações homem-natureza do ponto de vista instrumental, reafirmando o meio ambiente como algo desprovido de suas dimensões éticas e

⁶¹ Cf. MENDONÇA, R. A experiência na natureza segundo Joseph Cornell. In: SERRANO, C.(Org.) **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000.

⁶² Pádua, et al. (2000, p. 42) através de estudos realizados na cidade de Lençóis Paulistas/SP, alertam que a transferência de ideologias ambientais criança-adulto é pequena, e não pode substituir programas dirigidos especificamente a adultos.

históricas. Um exemplo seria a propaganda de uma região meramente por suas belezas, não levando em consideração sua realidade e cultura. O que acontece nesse caso, de acordo com Meadows, citado em Brügger (1999a, p. 20) é que “apesar de os meios de comunicação poderem ser instrumentos de mudança social, eles raramente o são, pois a mídia ocidental se caracteriza por uma habilidosa propaganda e tem como propósito o de entreter, embalar e vender, não informar e menos ainda levantar questões sobre paradigmas”.

Como observa Lima (2002, p. 129), é importante perceber as diferenças entre as coisas aparentemente iguais, assim como semelhanças entre coisas aparentemente diferentes. Portanto, a necessidade do exercício da diferenciação, da comparação e do discernimento entre os fenômenos da realidade tratados pela mídia é imprescindível, não para negar a diversidade, mas para orientar o arbítrio individual, a formação da consciência humana, o processo de tomada de decisões e a construção da ação social dos indivíduos e grupos.

Voltando nossos olhares para uma reflexão sobre a SMA, destacamos que, apesar das limitações relativas à preparação das pessoas atuantes nas atividades, da verdadeira efetivação das propostas, além das dificuldades de vinculação teoria e prática, sua afirmação como evento educacional deve ser realçada.

O realce é devido à essência da proposta, a qual teve no processo de sensibilização dos participantes seu eixo-norteador. Propor um evento como a SMA e tentar dar-lhe uma nova direção é um desafio, pois as outras versões foram restritas a atividades isoladas e de pouca abrangência.

A abrangência refere-se à participação da própria comunidade e também à natureza das próprias atividades. Essa participação da comunidade ficou evidenciada nas excursões às Reservas e no Passeio Ciclístico em maior número, porém não podemos deixar de destacar o trabalho desenvolvido nas oficinas, as palestras e outras atividades. Embora talvez se esperasse uma participação mais maciça da comunidade teresense, devemos levar em conta que qualquer proposta educacional é processual, levando tempo para sua consolidação.

Quanto à natureza das próprias atividades, seus principais méritos foram as parcerias que buscaram a troca de conhecimentos. Através dessa união, proporcionaram-se possibilidades de vivências articulando a teoria e a prática em torno da questão ambiental, assim como a exposição das necessidades da comunidade. Tais necessidades estariam implícitas em uma maior aproximação dos indivíduos da cidade com esses meios, fazendo-os sentir-se como parte integrante do processo e direcionando apropriações adequadas em futuros projetos de ecoturismo que pudessem surgir.

Nesse processo de parcerias, destaca-se a construção da interdisciplinaridade como uma meta a ser alcançada, pois, por meio dela, segundo Serrano (2000, p. 11):

Emerge a percepção de que os problemas relacionados aos recursos naturais e sua apropriação e conservação derivam da cultura e não exclusivamente da natureza, e coloca-se a necessidade de se trabalhar também com os sujeitos que dão sustentação a tal cultura e estilo de vida, passando-se assim pela reflexão sobre as necessidades humanas e pelos valores socialmente construídos, através da Educação Ambiental formal e informal [...].

A abertura das Reservas realizada pelo MBML promoveu uma possível reaproximação dos membros da comunidade com essa entidade, uma vez que proporcionou a seus filhos a experiência com o meio natural. A importância dessa atividade pode ser analisada partindo-se das contribuições de Barros e Dines (2000, p. 70) que alertam:

É sempre necessário buscar o consenso para evitar o conflito. Mesmo porque a cidadania espera que o cidadão seja envolvido ao invés de meramente informado de alguma decisão. O gestor de áreas naturais e unidades de conservação não deve medir esforços em adotar uma prática inclusiva e colaborativa no sentido de buscar o entendimento entre todas as partes afetadas/interessadas.

Buscando analisar o distanciamento da população em relação ao MBML, trazemos a fala de André Assis, o qual avalia o quadro da seguinte forma:

...acabou criando-se uma distância. Dizem que o Museu não ajuda a cidade, mas a função do Museu não é ajudar a cidade. Isso é uma consequência. A função do Museu é apoiar pesquisas, fazer educação ambiental[...]Falta articulação e entendimento de ambas as partes. Se as pessoas da cidade nos apoiassem, nós também aproveitaríamos melhor o turismo. O nosso potencial seria muito maior se todos

trabalhassem juntos, como marketing [...] tinha tudo para ser mais presente no turismo capixaba. Tomara que com essas atividades da SMA isso possa ser mudado [...].

O assunto é abordado por Hélio Fernandes direto do MBML, o qual afirma:

Algumas pessoas da cidade têm restrições ao Museu em função de uma razão histórica, Ruschi criava muita confusão de acordo com seu ideal preservacionista e o pessoal queria abrir frentes para ampliar a utilização das propriedades. Ruschi era justamente um antagonista, pois brigou para preservar as matas. Muitas pessoas que tinham aversão ao Ruschi hoje entendem seu ideal

Em relação à importância da criação de um binômio comunidade/MBML, acrescenta:

Eu entendo que a comunidade é sensível ao Museu e à sua importância. Mas eles ainda não estão sensibilizados o suficiente para entender ou para dizer que acham o Museu importante, que é legal trabalhar junto, de alguma forma, para consolidarem-se projetos e ganhos para ambas as partes. Seguramente o Museu tem um papel fundamental na economia de Santa Teresa. Se não fosse o Museu, uma série de negócios não ocorreria em função do baixo nível de visitantes que a cidade teria, caso não tivesse o Museu como atração essencial para a vida da cidade, Santa Teresa não seria um município de referência em termos de preservação das matas.

Discutindo a importância desse binômio, trazemos Wearing e Neil em suas reflexões, podemos destacar que nenhum recurso natural pode ser administrado com eficiência sem apoio e auxílio da comunidade local e de usuários. Dessa forma, o insucesso em alavancar a identificação da comunidade com esses ambientes cria uma situação grave, já que, sem apoio público, é improvável que esses locais obtenham notoriedade mediante o fato de seu destino ser amplamente determinado por pressões sociais e políticas. Por essa razão “é fundamental que a administração de áreas naturais forneça informações e vivências que, além de aumentarem a consciência do público, busquem mudar seu comportamento” (WEARING e NEIL, 2001, p. 89).

As propostas trazidas pela SMA, a apropriação dos ambientais naturais, juntamente com propostas de educação ambiental pareceram positivas, porém devemos destacar a necessidade de um processo de continuidade para não se perderem as conquistas alcançadas. Diante disso, seria fundamental a sistematização de outras atividades da mesma natureza, por meio de agendamento, atividades que fizessem parte de um calendário maior, o qual seria conseguido com a

implementação de políticas públicas pertinentes à real efetivação dessas propostas. Sorrentino (2002, p. 19-20) afirma que essas políticas públicas necessitam:

[...] voltar-se para a inclusão e participação da população. É necessário um rigoroso exercício de decodificação desses conceitos, de forma que as iniciativas locais/pontuais obtenham das políticas públicas o necessário apoio para sua efetivação, para consolidação e ampliação local e sua ressonância, multiplicação e intercâmbio com outros setores da sociedade.

Nesse processo, é necessário ampliar o entendimento dos órgãos públicos a respeito da avaliação dos problemas ambientais como decorrentes de um campo educativo deficitário, e não somente do não-cumprimento de leis. Lafleur e Nogueira (1992, p. 17) reforçam essa discussão dizendo:

Para que se crie uma política de conservação ambiental é preciso inseri-la dentro de uma política/programas de mudanças sociais mais geral. Isso pois, pessoas deterioram o ambiente não porque sejam ignorantes ou membros de sub-raça, mas sim porque sofrem ou se beneficiam de forças econômicas, políticas e sociais que parecem garantir esse direito. As pessoas somente mudarão a maneira de usar os recursos quando revirem as relações que mantêm entre elas mesmas.

A participação dos vários segmentos na promoção e na implementação de diretrizes para o desenvolvimento desses eventos é analisada por Luchiari (2000, p. 127) como:

[...] a melhor forma de mapear, prevenir e solucionar problemas de organização territorial, evitando a necessidade de criar, no futuro, uma infinidade de soluções paliativas. É a mobilização dos vários grupos de interesse para debater e adequar o planejamento local, a partir da implantação das políticas de turismo e preservação ambiental, que determina a força do lugar.

Assim, é necessário conhecer as opções disponíveis dentro de cada contexto, além de suas implicações para o presente e o para futuro. Trabalhar para conservar ou transformar a realidade da questão ambiental, seja através da apropriação de atividades de ecoturismo/ecovisitação e educação ambiental, seja através de pesquisas, de iniciativas públicas ou privadas e de outros tipos de intervenção; é um arbítrio e um direito que ainda nos é reservado, mas que, no entanto, precisa ser assumido dentro do seu real significado: o entendimento da natureza como parte integrante do homem e como portadora de valor próprio (LIMA, 2002, p. 139).

CAPÍTULO IV: A COMUNIDADE TERESENSE E OS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: BUSCANDO COMPREENSÕES.

Ante as explanações e reflexões sobre os eventos analisados, uma questão ainda persiste: as razões de uma participação restrita da própria comunidade nesses eventos. Quais seriam os motivos que impedem essa não-participação? Quais as questões que permeiam a não-utilização da própria cultura italiana nesses eventos? Tentando encontrar respostas para esses questionamentos prosseguiremos, no presente capítulo com os relatos da própria comunidade sobre esse fato, procurando fornecer um panorama geral de sua atualidade e estabelecendo ligações, quando possíveis, com os eventos estudados.

4.1 CÍRCULO TRENTINO DE SANTA TERESA

A cidade de Santa Teresa, de cultura marcadamente italiana, tem no Círculo Trentino de Santa Teresa um dos principais órgãos de difusão de sua tradição. O presidente da entidade, Rodson Tótola Rúdio, fornece um breve histórico da entidade:

O Circulo Trentino de Santa Teresa foi criado em 1987. A idéia principal seria criar uma entidade que visasse à preservação cultural, principalmente dos nossos colonizadores, que vieram da região de Trento da Itália, preservando um pouco da cultura trazida por eles. O Circulo Trentino hoje possui em suas dependências uma banda de música, coral infantil e de adultos, todos voltados para a música italiana, e um grupo de danças folclóricas. Além dessas atividades dispomos de uma biblioteca setorial, basicamente com acervo sobre a cultura italiana e um curso de línguas, dando ênfase ao dialeto italiano.

Ângelo Zurlo, presidente fundador da entidade, acrescenta:

Existem muitos desses Circulos Trentinos espalhados pelo mundo. É como se fosse uma rede. Eles nos dão assessoria e nos auxiliam, por exemplo, a fornecer vistos para visitas à Itália. Mas além da cultura italiana buscamos também a disseminação de outras culturas, como a alemã, a africana, a russa e a pomerana que também auxiliaram na construção de nossa cidade. Mas aqui na sede, em sua maioria, temos a descendência italiana e ficou mais fácil estruturar uma entidade com essa cara. É claro que não desprezamos as outras etnias...

Segundo Zurlo a importância dessa entidade está pautada:

... na necessidade de manter e reviver essa cultura, nosso respeito às famílias que vieram para cá e começaram a construir nossa história e, principalmente, fortalecer o turismo local. Não adianta a gente querer colocar trios elétricos [...] não é nossa cultura. Quem vem a Santa Teresa quer ver coisa diferente, notabilizando o aspecto italiano. Então, o Circulo Trentino age como um ente polarizador, competindo a ele estudar a história, representar, verificar o que é que existe e aplicar essas coisas à nossa realidade, misturadas com aquilo que foi trazido pelos imigrantes.

Essa entidade visa portanto, ao resgate da cultura de nossos antepassados com o fim de preservá-la. Segundo Rodson:

Só podemos nos posicionar quanto a nossa cidade e melhorá-la, se soubermos um pouco de nosso passado, de nossa história. Só assim poderemos criar identificação com essas novas gerações. Se o povo criar essa identificação, fica muito mais fácil dar uma cara à cidade, não apenas no papel e nas fachadas mas no interior de cada morador. Eu falo mesmo de amor, amor pelo local onde nascemos, o orgulho de sermos daqui. Querendo ou não, nossos fundadores estão velhos, e as novas gerações acham isso ultrapassado. É um desafio para nós tentar envolver um pouco mais a juventude nesses trabalhos culturais e sensibilizá-la para o fato de que a cultura é parte integrante de um cidadão, de uma pessoa que quer preservar suas origens.

As dificuldades observadas na participação da comunidade em eventos ou na divulgação de sua cultura é verificada igualmente no estudo realizado por Teresa Luchiari sobre a cultura Caiçara, nos distritos de Maresias, Camburi e Boiaçucanga. Segundo a autora, os jovens de Maresias não estão seguindo as atividades tradicionais da cultura caiçara. Através de seus relatos, detectamos que muitos desses jovens, influenciados pelos turistas, têm vergonha de sua condição.

Os mais velhos, acostumados às atividades tradicionais, dificilmente se adaptam às novas atividades oferecidas (LUCHIARI, 1997, p. 78).

Fato semelhante pode ser observado em Santa Teresa, onde muitos jovens, por sentirem-se pertencentes à “cidade do interior” envergonharam-se das tradições e costumes, considerando-os coisa ultrapassados, ou da “roça”. Preferem adequar-se muitas vezes aos modismos impostos pelos turistas ou pela própria mídia. Assim, não sentem sentido em preservar sua cultura, uma vez que essa não está de acordo com as suas atuais necessidades, como conhecer locais novos, possuir outros valores, outras formas de viver.

O Círculo Trentino, mesmo diante dessas dificuldades, atua como atrativo turístico, mostrando suas danças, cantorias e culinárias em festas e eventos da região. No entanto, a entidade passa por dificuldades para o desenvolvimento de suas atividades. Tais dificuldades, segundo Geórgia Bolonha Moura, diretora do grupo de dança Círculo Trentino, estariam baseadas na falta de apoio:

Falta ultimamente apoio para nosso grupo. Não temos dinheiro para sair e mostrar nossa dança. A Prefeitura não dá sequer um tostão. Aliás, ela até tirou nossa sede no antigo Colégio Municipal e nos mandou para cá. Para ensaiar, a gente pede o espaço da Escola Pessanha Pova; o povo da banda ensaia aqui, no salão paroquial. Eu acho uma tremenda falta de respeito, porque quando tem a festa da Padroeira eles nos chamam para dançar e, sinceramente eu acho que é ser usado, porque o prefeito não está nem aí, mas como a festa dá turista e é sobre a cultura italiana, daí ele nos chama e a gente acaba indo, porque senão vamos resgatar o que e para quem? Só para quem participa do grupo? A idéia não é essa, é gerar identificação, é dar orgulho.

Acompanhando os trabalhos realizados pelo Círculo Trentino na festa do Imigrante Italiano em junho de 2002, pudemos observar essa dificuldade. O grupo de dança, que conta basicamente com jovens da comunidade, por vezes ficou sem local para ensaiar e no dia de sua apresentação teve de buscar com seus próprios recursos carro de som para tocar suas músicas. No entanto, sua apresentação, contou com a presença de pessoas da comunidade e de turistas que apreciaram e participaram de suas danças. Foram acompanhados posteriormente, pela banda do Círculo Trentino, em desfile pela rua até o coreto do jardim.

O maestro Rogério Salviato, em seu relato, analisou a participação da entidade na festa da seguinte forma:

Eu achei um sucesso, porque há um certo tempo não levávamos para a rua nosso trabalho, ficávamos sempre em recintos fechados. Ver o povo acompanhando a banda é engrandecedor e nos estimula, apesar da falta de apoio, a continuar. Quantas vezes a gente já pensou em parar porque parece que ninguém quer mais ver a banda tocar, o coral cantar. Muita gente acha que é viver no passado, de forma que até a renovação em nosso grupo está ficando dificultada. Mas até entendo isso, porque em um mundo em que cada vez mais essa tal de globalização sufoca culturas e fala o que está na moda e deve ser seguido, isso não é novidade, Santa Teresa não foge à regra.

Para o presidente da entidade, Rodson, a participação do Círculo Trentino nessa festa foi um passo decisivo, pois:

...reatamos parcerias importantes com a Prefeitura, no sentido de apoio e reconhecimento de nosso trabalho. Sabemos que a prefeitura está passando por uma questão de reestruturação e falta um planejamento mais adequado para verbas, mas também sabemos que não podemos depender só dela para dar continuidade ao nosso grupo. O mais importante é mostrar para o Teresense que estamos aqui e que somos parte de sua história. É mostrar nosso trabalho, não só em festas mas no dia-a-dia. Infelizmente as pessoas que participam do grupo têm suas obrigações, e não dá para ficar todo final de semana arranjando algo para fazer. Mas aos poucos chegaremos lá, como antigamente. Me lembro antigamente, quando era garoto, das festas aqui. Era tão diferente! As pessoas enfeitavam as ruas, iam para a praça fazer encontro de concertinas, tomar vinho, rir e conversar alto, tudo que um genuíno italiano faz. Nessa festa revi essa participação e cada vez mais tenho certeza de que é como um jardim, precisa cuidar sempre senão morre.

As relações sobre a atual situação do Círculo Trentino e sobre algumas das dificuldades enfrentadas pelo grupo forneceram um panorama dessa entidade diante da comunidade e de órgãos locais, no caso a Prefeitura. Tentando traçar um paralelo desse fato com o ocorrido nos eventos estudados, nos quais a participação da comunidade deixou a desejar, questionamos a Rodson sobre o por quê da não-participação da entidade na Semana do Meio Ambiente:

Não fomos convidados, simplesmente isso. A programação não achou que teria a ver a gente apresentar, acho que era tanta coisa para ver que eles até se esqueceram. Eu acho uma pena, porque foi um evento tão bonito! Contou com a participação de tantas escolas da região! E poderíamos estar ajudando, não só mostrando um pouco de nossa cultura, mas também tentando fazer uma ligação dela com as questões do meio ambiente. É uma questão de planejamento, entende? Se quem organizou a Semana do Meio Ambiente, não prioriza o que é importante para o evento, não dá para ficar implorando depois. Se eles acham que não tem nada a ver colocar um coral em uma estação, abrindo um evento, por exemplo, o melhor que podemos fazer é esperar para futuros eventos essa parceria. Mas é uma pena não termos participado.

A dicotomia entre cultura e meio ambiente não é novidade em nosso estudo. Organizadores de eventos como o da SMA priorizam atividades muitas vezes descontextualizadas da cultura local. Não estamos querendo entrar no mérito de sua importância e contribuições já discutidas, mas devemos questionar os principais objetivos, isto é, levar ao conhecimento da comunidade não só o que se produz na Faculdade mas também, as belezas naturais de sua própria região, por meio de passeios, palestras e intervenções. Posto isso, somos levados a refletir: será que os objetivos não seriam melhor entendidos trazendo um pouco da própria cultura italiana para esse evento? Zélia Lóss, nos responde a esse questionamento:

Realmente poderíamos ter contato com a participação do Círculo Trentino, mas a programação foi feita tão às pressas que confesso não ter tido tempo de pensar nisso. De qualquer forma, foi uma falha que devemos sanar no próximo evento porque acredito ser de fundamental importância trabalhar o aspecto cultural com o meio ambiente, até porque são coisas que se constroem juntas. A forma como tratamos nossas reservas tem a ver com nossa cultura, nossos valores. Não dá para colocar em pólos opostos. É uma questão também a ser tratada com a Secretaria de Cultura, que infelizmente, por estar em processo de reestruturação, não pode estar dando toda sua atenção a esse evento.

Manifestações culturais igualmente não foram verificadas no Passeio ao Entorno da Reserva Augusto Ruschi e às Trilhas Interpretativas da Estação Biológica de Santa Lúcia. Em se tratando do primeiro evento, destacamos no capítulo dois a resistência de Gilmar, que por questões de ordem política, não solicitou a participação do Círculo Trentino, apesar de saber da importância dessa participação.

Diante disso, somos levados a conjecturar sobre as diferenças políticas que podem gerar entraves no desenvolvimento global de eventos, os quais poderiam estar contando, dentro de suas características, com a participação cultural de entidades para sua melhor contextualização. Em outras palavras, realizar eventos em ambientes naturais e levar aos seus participantes um pouco da cultura local, atuaria como fator de parceria para intervenções futuras, auxiliando na identificação e na ligação da cultura local com temas relacionados à questão ambiental. Geórgia Bolonha analisa essa possibilidade em sua fala:

Eu fiquei sabendo desse passeio, assim como de tantos outros eventos que estão acontecendo. E acho muito interessante poder estar mostrando nossa cultura, principalmente para quem é de fora, mostrando que tudo aquilo que eles viram está dentro desse contexto maior que é nossa cultura italiana. Mas acho que nela própria atividade fica um pouco difícil você estruturar alguma coisa do tipo, uma apresentação

de dança, por exemplo, até porque o evento foi pouco divulgado, eu gostaria de ter participado, mas só fiquei sabendo depois. Então, se não tem propaganda como saber o que está acontecendo e como participar? Fica meio solto. Aliás, tudo que se faz aqui é meio solto, as pessoas fazem por conta própria, não sei se é por desinformação, não sei se por diferenças pessoais, essas ligações não acontecem.

As Trilhas Interpretativas da Estação Santa Lúcia, igualmente, não privilegiaram essas apresentações culturais. André Ruschi, seu organizador, explica da seguinte forma essa ausência:

Nossa programação é planejada dentro de um tempo limitado, fica meio complicado chamar, por exemplo, o Círculo Trentino do qual você falou. Não porque não seja importante, aliás, eu acho importante, mas o local não é propício e realmente não é minha prioridade, embora seja daqui e saiba como essa cultura está implícita nesse ambiente natural que visitamos. Mas uma coisa por vez, acho que, a partir do momento que você inicia um trabalho, você tem prioridades e a minha prioridade é sensibilizar primeiramente para assuntos referentes ao meio ambiente. Não dá para querer fazer tudo. A própria continuidade desse trabalho pode culminar nessa parceria, o que seria muito positivo, porque as pessoas da comunidade veriam o que estamos fazendo e as pessoas de fora veriam um pouco mais de perto a realidade do local que estão visitando. [...] Por ora, não almejo agilizar isso, até porque o povo dessa cidade é muito difícil de se trabalhar. Como te disse, eles têm muita resistência ao que é novo, só do que é institucionalizado eles participam, não dá para entender.

O aspecto institucional ao qual André Ruschi se refere é relacionado, por exemplo, à grande participação da comunidade em eventos fomentados pela Igreja. A importância da religião nessa cultura, conforme características destacadas no capítulo um e dois, atua como fator facilitador em sua participação, fato verificado em festas locais como na Festa da Comunidade de Nossa Senhora da Penha, na Festa do Imigrante Italiano, Festa do Vinho e Gastronomia. Esses eventos têm, como principais realizadores, as paróquias locais e a prefeitura, e, como eixo norteador, as características culturais mais fortemente destacadas: a religiosidade, seus costumes e a culinária.

Assim sendo, acrescenta André:

Não é novidade para eles irem a uma Festa do Vinho, porque sabem que vão encontrar coisas das quais fazem parte. O cara pode até não ter isso claro na cabeça, mas só de saber que a Igreja está fazendo, ele já vai, porque foi instituído como certo: esse papel da Igreja é muito forte aqui. Lá ele vai ver coisas do dia-a-dia dele, a comida, as músicas [...] pelo menos os mais velhos, porque a juventude só vai lá para beber. É um evento que naturalmente já gera identificação, entende? Agora, chamar a comunidade a participar de trilhas já é algo novo e, se eles não se importam com o que está acontecendo com a natureza ao redor deles, isto é, não se identificam, a gente tem que começar a pensar em como fazer isso.

As características dessas festas, embora tenham sofrido modificações em função das mudanças ocorridas no mundo e na própria cidade, levam grande parte da comunidade a frequentá-las. No entanto, por exemplo, a Festa do Imigrante Italiano perdeu grande parte de seu repertório cultural, para dar lugar a shows e outras apresentações, como grupos de Rock e Pagode, assim como sua culinária, que teve de se adequar, com outros tipos de bebidas, como cerveja, para atender aos anseios dos turistas e da própria comunidade. Vanessa Pizziolo, assistente da Secretaria de Cultura, explica essas modificações:

Quando realizamos uma festa, tentamos atrair turistas para nossa cidade e também trazer um pouco de diversão para nossa comunidade. E, atualmente, estamos tendo que reestruturar essas festas, porque, embora muito turista goste de nossa cultura, tem muito turista que quer vir aqui só para zoar. Depende da característica e nós não temos, por exemplo, o perfil do turista em uma dada festa para entender o que querem. De uma forma geral, foi o caminho que encontramos, trazer um pouco de tudo sem esquecer de nossa cultura italiana. E isso não é só para o turista [...] a própria juventude daqui não quer saber de grupos de forró e coral de música italiana. O povo do interior até gosta, mas o da sede é bem resistente, acha que é show para povão. Eu mesma já escutei muito disso. Então você tem que ter um jogo de cintura enorme, se adequar ao que está mudando sem perder suas raízes, porque senão a festa pode ser um fracasso.

A nova adequação das festas de Santa Teresa reflete-se diretamente em seu comércio e em seus produtos, cuja diversificação podemos observar atualmente. Esse fato é explicado no relato de Fernanda Vicente, 25 anos, comerciante da Feirinha de Artesanato de Santa Teresa:

As coisas mudaram muito aqui. Está tendo uma produção maior de produtos tentando agradar ao turista. Afinal eles são nossos principais compradores. Investimos em rótulos, novas massas, novos tipos de vinho e não apenas o de jabuticaba, porque antigamente o turista só vinha para cá para comprar vinho de jabuticaba [...]. Mas os tempos mudaram e a gente, que vive disso, tenta fazer o possível e o impossível. Falta apoio e muitas vezes a própria comunidade dificulta a criação de coisas novas. Por exemplo, meu esposo trabalha com mel e seus produtos, e eu vi o quanto foi difícil ele conseguir uma lojinha aqui para vender seu produto. O povo daqui falava que mel não era produto italiano.

A resistência a novos empreendimentos pode ser entendida, de acordo com Ângelo Zurlo:

É uma característica nossa, coisa de personalidade mesmo. Nossos antepassados vieram da Região de Trento na Itália e esses povos são frios, não quer dizer que não sejam alegres ou receptivos, mas são reservados, tratam bem, mas têm que te conhecer. Investem, mas você tem que provar para eles que vai dar certo. Coisa de cidade pequena, parece colônia, é até difícil de entender, só quem mora aqui ou veio morar aqui é que verifica isso. Eu já realizei algumas visitas a Trento e observei características iguais às deles nos Teresenses, principalmente se você for comparar com o pessoal mais velho. A juventude é mais

receptiva ao novo, até porque, no mundo, toda hora tem algo novo, mas mesmo assim leva muito dos valores de seus pais.

A fala de Zurlo pode ser exemplificada com dois fatos: O primeiro deles refere-se à chegada à cidade da Empresa Andrade Gutierrez para a construção do Radar Cindacta em 1987. Por ser uma obra de grande porte, parte de seus funcionários trouxe a família para fixar morada na cidade e eram evidentes as dificuldades em se aproximarem dos moradores locais. Até para começar a fazer parte das brincadeiras de rua foi algo longo e doloroso, mesmo para as crianças era como se a todo tempo o “povo que veio de fora” (forma como eram chamados), tentasse tirar a unidade estabelecida por eles e seus costumes.

Um outro exemplo foi a instituição da Escola de Ensino Superior do Educandário Seráfico São Francisco de Assis (ESESFA) na cidade em 1998. Embora a faculdade tenha sido implantada em um colégio tradicional da cidade, Educandário Seráfico São Francisco de Assis (ESFA), observou-se e observa-se grande resistência da comunidade local aos seus projetos e aos estudantes originários de outras cidades. Moacyr Ennes Amorin, diretor da ESESFA, 48 anos, comenta sobre essa realidade:

É de se esperar que uma comunidade receba de braços abertos uma faculdade e seus benefícios, mas o que observo aqui é uma resistência, um medo de que as coisas mudem. Tem muita gente que diz que não quer que Santa Teresa se transforme em Ouro Preto, tem muita gente que não vem a nossos eventos só porque são da faculdade, isso é uma loucura. Eu tento entender [...], mas acho que o principal caminho é tentar quebrar esse gelo, mostrar que não é porque estamos aqui que vamos destruir suas raízes. E olha que a Faculdade hoje é um dos principais pólos de emprego da cidade, mas tem muita gente grande aqui que não quer perder o poder, não quer dividir a atenção [...] e não dá para ficar brigando com esse tipo de gente, temos que trabalhar.

Na programação anual de eventos da Prefeitura de Santa Teresa do ano de 2003 não consta a realização da Semana do Meio Ambiente. Tal fato é atribuído à falta de verbas para o evento, porém existe uma intenção geral de buscar-se recursos para sua efetivação. Rogério Nora Lima, um dos organizadores da SMA de 2002, discute essa dificuldade:

Infelizmente estamos correndo o risco de não conseguir realizar a Semana do Meio Ambiente neste ano. Estão faltando recursos por parte da Prefeitura e a Faculdade está com outros eventos em termos de prioridade, como a Escola Viva. Mas mesmo assim, não estamos dizendo que não vai ocorrer, estamos

agendando reuniões para viabilizar discussões sobre o assunto. Mesmo que não aconteça, a Escola Viva⁶³ tem muitos dos projetos voltados ao meio ambiente de forma a fazermos nossa parte.

A elaboração, realização e continuidade de projetos como os da Semana do Meio Ambiente e da Escola Viva são fundamentais, uma vez que podem articular o trabalho escolar ao trabalho comunitário, buscando o conhecimento, a reflexão e a ação concreta sobre o ambiente em que se vive. A construção desse elo, por meio da educação ambiental, pode trazer o entendimento do ambiente escolar como totalidade que inclui a comunidade em que a escola se insere e, a luta dos profissionais do ensino pela democratização das relações de poder na instituição educativa (LOUREIRO, 2002b, p. 93).

Devemos destacar, porém, a necessidade da continuidade de eventos como o da Semana do Meio Ambiente, objetivando dar seqüência aos elos conquistados, caso contrário, torna-se mais um evento desconexo e estranho às metas estabelecidas. A regularidade na realização desses eventos pode gerar vínculos, estabelecendo novas atitudes e estimulando futuras intervenções. Essas intervenções poderiam incluir em sua programação, um aspecto cultural mais evidente, com participação de grupos, por exemplo, como o do Círculo Trentino, por meio de um trabalho conjunto com vários segmentos da comunidade, visando também a uma maior participação de todos.

4.2 AUGUSTO RUSCHI E SUAS RELAÇÕES COM A CULTURA LOCAL:

⁶³ A Escola Viva é um projeto elaborado pelo corpo docente e discente do ESFA/ESESFA, a ser realizado de 25 à 30/05/2003, buscando integrar a comunidade com a faculdade, possibilitando vivências, buscando novos conhecimentos. Dentre os projetos a serem desenvolvidos na área ambiental, destacamos a realização de trilhas no Parque do São Lourenço, Oficinas de Reflorestamento.

Analizados os relatos obtidos, verificamos uma trama de características locais, as quais vão desde diferenças políticas até valores pessoais. Essas características divergentes motivaram e motivam grande parte de desentendimentos, como por exemplo, o de André Ruschi e a comunidade local.

Pudemos conhecer o trabalho desenvolvido por André Ruschi, suas limitações e benefícios, questões ressaltadas no final do capítulo dois, porém, será que no caso específico da SMA a não-participação da comunidade deveu-se apenas às características culturais da população, muitas vezes ressaltadas e criticadas por ele? Para tentar responder a esse questionamento, devemos posicionar-nos primeiramente, em relação ao próprio autor das Trilhas Interpretativas da Estação Biológica de Santa Lúcia.

A defesa da necessidade de programas de educação ambiental na cidade, sua aplicação, suas limitações, foram amplamente debatidas por André Ruschi, porém, muitas vezes, observamos em sua fala uma postura extremista que reafirmava a dicotomia entre homem/natureza. Esse fato foi verificado quando André ressaltou a impossibilidade de utilizar determinados locais na Estação de Santa Lúcia para o desenvolvimento de programas de educação ambiental. Segundo André, *“o homem não tem educação para entrar nesse local sem causar danos, o que tem lá é insubstituível”*.

A natureza aparece cada vez mais como forma ideal de equilíbrio, uma espécie de paraíso para o qual os seres humanos representam uma grande ameaça, pois, não fazendo parte de sua dinâmica, suas ações são sempre responsáveis pelos desequilíbrios, pela decomposição da ordem (FARIA, 2002, p. 6-7). Ora, uma vez que a educação ambiental tem por objetivo, entre outros, atuar na desmistificação desse entendimento, fornecendo possibilidades de novas atitudes em um processo em que tanto educandos quanto educadores são sujeitos atuantes, portanto, parece-nos uma contradição apontar locais que não devam ser visitados e, mesmo assim, reafirmar e utilizar a educação ambiental.

O fato de proibir a entrada em um local não auxilia na preservação do mesmo, da mesma forma que agir com coerção não gera mudança de atitudes, mas sim, cria comportamentos com uma tendência totalmente utilitarista/conservadora. Ambas as situações atuam como perpetuadoras de uma lógica antropocêntrica, individualista e dicotomizada de um contexto maior, dificultando, por conseguinte, o papel da própria educação ambiental.

Diferenças de posturas em relação ao próprio MBML e à Prefeitura também foram verificadas nos relatos de Ruschi. Não é objetivo deste estudo tecer julgamentos quanto aos valores e atos de seus respondentes, ou verificar quem está certo em suas convicções, mas, sim, esclarecer a trama de relações na qual estão embutidos. Assim, a relação de Ruschi com o MBML e a Prefeitura é pautada não apenas em valores profissionais, mas principalmente em valores pessoais, em função dos quais, um tece considerações sobre o outro, em detrimento daquilo que não fazem. As críticas são contundentes por parte de André, oriundas de desafetos pautados em sua vaidade pessoal, uma vez que não é tratado como portador de um saber ambiental.

A dificuldade da relação de André Ruschi com a Prefeitura local pode ser exemplificada pela divergência que se criou em relação à Casa Augusto Ruschi. A Casa, embora aberta a visitação, necessitava de computadores para seu melhor funcionamento. A Prefeitura por sua vez, doou os computadores os quais foram recusados por André, devido ao fato de ele não querer criar vínculos políticos, ou, em suas palavras, “[...] *ficar devendo favor, não quero isso, não quero que a casa tenha um perfil político*”.

Seus atos são norteados ainda, por questões pessoais relacionadas a histórias oriundas de seu pai Augusto Ruschi. Em outras palavras, grande parte da resistência a seus projetos tiveram sua origem na época dos trabalhos de seu pai. Nesse sentido, torna-se necessário voltarmos nossos olhares a Augusto Ruschi, o qual, conforme descrito no capítulo um, foi um atuante ambientalista não apenas de Santa Teresa, mas também de todo o mundo. Sua postura, no entanto, gerou grande descontentamento em quem via na natureza uma forma de ganhar dinheiro sem maiores preocupações com preservação. Muita inimizade foi criada ao longo de sua vida, em especial na comunidade teresense. Ângelo Zurlo presenciou um desses fatos:

Me lembro claramente da noite em que a chácara onde Ruschi morava foi baleada. Foi uma grande confusão, mas ninguém disse nada, ninguém viu nada, ficou elas por elas. Mas todos sabiam que aquele acontecimento ocorreu para intimidar Ruschi e fazê-lo parar com seu trabalho, porque ia contra muito fazendeiro na época, quanto ao desmatamento e a caça. Foram brigas feias, famílias tradicionais juraram ele de morte, pregando inclusive um beija-flor morto no portão da sua chácara. Mesmo assim, ele não se intimidou e seguiu em frente. [...] Para você ter uma idéia, ele se candidatou a vereador local e não recebeu mais que vinte votos [...] realmente por aí você percebe que ele não era benquisto.

A personalidade de Augusto Ruschi é descrita por Zurlo:

Era um homem sério, de personalidade forte e transmitia muita seriedade naquilo que se propunha trabalhar. Era muito pouco maleável, o que dificultava seu tratamento com o povo daqui. Ele esquecia que basicamente o povo precisava da terra para viver e não tinha como gerar outro tipo de renda. Então, chegar proibindo sem considerar isso é pedir para ser isolado e jurado de morte, não só por quem precisa, mas pelos cafeicultores da época que ganhavam muito dinheiro com seus serviços. Ele brigou inclusive com o governador do Estado [...] era uma personalidade muito forte.

Patrícia Moraes, professora do curso de Biologia da ESESFA mostra outra faceta de Augusto Ruschi:

É como eu te falei, ele tem mérito por seu discurso e por seu trabalho, mas você há de convir comigo que é muito fácil ser tachado de santo depois que morre. Sinceramente, não consigo ver em suas obras o que ele e tantos outros falam que ele fez. Não sei e duvido que ele tenha estudado tantas coisas ao mesmo tempo, não sei se era tão nobre com a natureza. É muito fácil você usar um lugar, ditar o que é certo e isolar a população. E foi isso o que ele fez, desconsiderou o que para nós hoje é um fator fundamental: a participação da comunidade nas questões do meio ambiente. Mas ele é mártir e sua figura como mártir é interesse de todos hoje, porque gera turismo. Quem não quer vir ver a obra de Ruschi? Com certeza é um grande mérito, mas ele é totalmente questionável, de qualquer forma, não dá para desconsiderar seus feitos. Como todo mundo, temos um lado que ninguém conhece.

A identificação da comunidade local com as obras de Ruschi pode ser avaliada pelas palavras do diretor do MBML, Hélio Fernandes:

Eu entendo que a comunidade de Santa Teresa é sensível ao Museu e à sua importância, mas eles ainda não estão sensibilizados o suficiente para entender ou para dizer que acham o Museu importante e que é legal trabalhar junto, de alguma forma, para consolidarem-se projetos e ganhos para ambas as partes. Seguramente o Museu tem um papel fundamental na economia local. Se não fosse o Museu, uma série de negócios não teria ocorrido em função do baixo nível de visitantes que a cidade teria, caso não tivesse o Museu como atração essencial para a vida da cidade. Então se colocarmos dentro de uma perspectiva econômica seria muito interessante e desejável que tivéssemos um fluxo de parcerias entre comunidade, Museu [...] além do fato de manter o Museu aberto, nós teríamos espaço para fazermos eventos pequenos que poderiam ser utilizados em parcerias da melhor forma.

Nesse sentido, destaca:

Algumas pessoas de Santa Teresa têm restrições ao Museu, em função de uma razão histórica. O Augusto Ruschi criava muita confusão de acordo com seu ideal preservacionista e o pessoal queria abrir frentes para ampliar a utilização das propriedades. O Augusto Ruschi era justamente um antagonista, pois brigou para preservar as matas. Muitas pessoas que tinham aversão ao Ruschi hoje entendem seu ideal preservacionista, seu trabalho, que se não fosse isso, Santa Teresa não seria um município de referência em termos de preservação das matas.

Acrescentamos a essa fala o relato de André Assis, responsável técnico pelo MBML:

A comunidade tem certa aversão ao Museu, por motivos históricos que vêm de problemas com Ruschi, o pessoal tem aversão e nem liga. As escolas aqui não procuram. Quando tem trabalho é o museu que oferece, diferente das escolas de fora. A gente fez um trabalho com um curso de turismo da Universidade de Vila Velha em 1999 e os resultados que obtivemos foi que a maioria dos turistas vinha conhecer o trabalho do Ruschi, principalmente os beija flores e as orquídeas [...] Então Santa Teresa sempre será lembrada por ele, o que é até um paradoxo o pessoal não gostava muito dele, mas o principal motivo de Santa Teresa ser conhecida são os trabalhos dele. E ele sempre valorizou a cidade, ele morava aqui, tinha suas coleções aqui [...] foi um sujeito genial e, como todo gênio, era controvertido. É interessante você estar no museu para ver o valor que ele tem.[...] Isso tem que ser falado, o pessoal tem que engolir isso. Eu acho o pessoal daqui muito conservador por causa de sua origem, é muito preconceituoso.

Quando solicitado a falar mais de sua percepção quanto a essa origem preconceituosa, obtivemos o seguinte:

A função do Museu é apoiar pesquisas, fazer educação ambiental, mas é aquilo: falta articulação e entendimento de ambas as partes. Se as pessoas da cidade nos apoiassem, nós também aproveitaríamos melhor o turismo. O nosso potencial seria muito maior se todos trabalhassem juntos, como marketing. Seríamos tudo para ser mais presente no turismo capixaba [...] Acho que isso tem a ver com a formação da cidade no geral, como te disse, sua dificuldade em investir em coisas novas. É aquele tipo de coisa: você acaba se acomodando. Se o que você tem já é suficiente, por que mudar? Não que o que eles tenham seja suficiente, mas eles ficam fechados em seu mundinho. Pelo menos temos exceções e pessoas que enxergam a necessidade dessa parceria.

Renato Torezzani, educador ambiental do MBML e professor de Geografia do ESFA, contribui com a sua opinião sobre a relação da comunidade Teresense e o MBML:

Eu acho que tem dois aspectos: de um lado, eu vejo a instituição com dificuldades para fazer um trabalho em massa com a comunidade; não temos pessoas nem recurso, mas, em contrapartida, as crianças que vêm ao Museu, as pessoas que vêm, é uma pequena parcela, mas isso já está surtindo um efeito maior, as pessoas já estão percebendo a importância, os trabalhos, os significados [...] porque isso na verdade é

um processo de longo prazo. Você tem que criar uma nova cultura em cima de uma velha, você não pode aculturar o que já existe. Nós temos uma cultura que tem um povo com características que se podem aprimorar, para quem se podem criar propósitos para mudar, e trabalhar determinadas necessidades. As pessoas começam a adquirir as percepções, mudar valores. Eu vejo que a cidade tem mudado sim [...] Hoje eu já observo totalmente diferente. Na enchente, por exemplo, nós tivemos uma imensa ajuda de todos [...] as coisas estão fluindo, isso também é um trabalho constante, que não deve ser quebrado.

A ligação do MBML com a comunidade local, suas diferenças e possibilidades de parceria são debatidas por Adriana Bausen, 29 anos, comerciante há 10 anos na cidade:

Eu nasci e cresci em Santa Teresa e nunca vi muitos trabalhos feitos em conjunto com o Museu. O que existe são eventos isolados ou esporádicos. De uma forma geral, acho que é normal para o povo daqui ter o Museu, entende? Não é novidade, é como a mata ao nosso redor, quem vem de fora acha lindo, mas para a gente, que está todo dia vendo, é coisa normal. Então, se não é feito algo para despertar esse encantamento, essa parceria, a tendência é afastar-se cada vez mais.

Adriana lembra-se de Augusto Ruschi, embora fosse jovem na época de seu falecimento:

Eu me recordo dele, era um cara meio estranho e não tinha muitas amizades aqui. O povo criticava o trabalho dele. Lembro-me de meu pai dizendo isso, que ele dificultava a agricultura. Quando faleceu a cidade ficou empolvorosa. Curioso isso, porque, se não gostavam dele, por que teve aquela multidão acompanhando seu velório? Então, se você for tentar entender vai ver que um pouco dessa aversão ao Museu e a seus projetos, talvez seja por isso. Mas é difícil você deduzir se isso existe até hoje, quer dizer existe, mas acho que está misturado com a própria direção do Museu, da Prefeitura e da própria Faculdade de não fazer nada para mudar o quadro, que todo mundo sabe que é importante mudar.

Renato também tece considerações em seu relato sobre a questão da preservação das áreas naturais e o trabalho de Augusto Ruschi, destacando suas contribuições e controvérsias:

Se fizermos um “tour” em Santa Teresa, duas situações nós vamos detectar: o difícil acesso, pela topografia da região, o que gera uma dificuldade em plantios, e o outro foi a luta de Ruschi, pela preservação, uma pessoa comum como nós [...]. Com o passar do tempo e por ter uma cultura européia, essa descendência tem em seu sangue aquela zeladoria, aquela braveza, e ele não fugiu à regra, por ver os problemas ambientais e por prever que no futuro não muito distante iriam ocorrer áreas degradadas. Ele lutou pela preservação dessas áreas. Então na época, por não haver a legislação e a consciência que tem hoje, ele era considerado como inimigo. Hoje nós vemos ao contrário, as pessoas vêm ao Museu para conhecer o trabalho de Ruschi, o que gera retorno para o turismo, porque o museu hoje é referência para o município de Santa Teresa.

Podemos perceber, após esse breve histórico, o desentendimento de Augusto Ruschi com a comunidade, à medida que, seus ideais iam muitas vezes contra aos anseios dos Teresenses.

Arelada a isso, sua postura autoritária dificultou o estabelecimento de relações e parcerias. Embora fosse morador da cidade, Augusto Ruschi não dava importância à participação da população nas decisões relacionadas ao meio ambiente, firmando-se como detentor de conhecimento que simplesmente passa o seu saber sem proporcionar diálogo. Tal diálogo, no entanto, foi e é dificultado pelas características dos moradores, os quais, embora vejam nas questões relacionadas ao meio ambiente fatores a serem debatidos, preferem manter distância por não se identificarem com eles.

Trazemos no próximo tópico alguns relatos de moradores da comunidade, sobre o entendimento dos eventos analisados nesta dissertação e sua não participação nos mesmos.

4.3 OUTROS PERSONAGENS

Por meio de entrevistas realizadas com membros da comunidade, pudemos detectar em suas falas a falta de motivação para a participação em eventos como o da Semana do Meio Ambiente. Dentre as falas obtidas destacamos a de Ema Rondelli:

Eu não participo desses eventos porque não aprecio ficar no meio de matas, escutando palestras de reciclagem, não tenho identificação. Acho interessante e importante, principalmente o trabalho feito nas escolas, mas eu mesma não participo. Além disso, esses eventos são pouco divulgados e, quando a gente sabe deles, já aconteceram. Deviam buscar mais ouvir a comunidade e saber o que eles precisam e o que querem. Por exemplo, a questão do rio, depois da enchente, é uma coisa a ser tratada. Ninguém quer ter outra enchente como a de 2000. Então, eu não participo porque não gosto, mas muita gente é porque não ficou sabendo e porque não foi estimulado a participar devido à falta de identificação com o que é realizado.

A falta de identificação da comunidade com os eventos propostos não é um fato específico de Santa Teresa. Diariamente verificamos iniciativas, em todo o mundo, que não têm prosseguimento, devido à falta de adesão da comunidade, por questão muitas vezes de identificação. Nesse sentido, sensibilizar para questões ambientais deveria estar presente nas intenções dos projetos desses eventos, pela realização de pesquisas, reuniões, nas quais fosse

verificado o anseio da comunidade e estimulada a sua participação conjunta no evento. Nesse processo, a comunidade atuaria como agente e não como mero receptor do que é decidido por uma minoria. O que é construído junto gera maior identificação e tem uma maior possibilidade de dar certo, pois todos se sentem responsáveis pelo evento.

Um exemplo pertinente a essa afirmação foi a Campanha Timbuí Limpo, realizada pelos moradores do Bairro de Vila Nova em abril de 2003. Os líderes de bairro, cansados dos problemas advindos das chuvas em suas ruas, como desmoronamentos, entupimento de bueiros, buscaram juntamente com a Prefeitura a limpeza das margens do rio. Esse evento contou com a participação dos moradores e dos funcionários da Prefeitura os quais, em mutirão, realizaram o trabalho.

Cabe ressaltar, que a participação dos funcionários foi conseguida mediante o pagamento de horas extras, porém a participação da comunidade foi voluntária baseada na necessidade da realização desse trabalho para sua melhor qualidade de vida. Nair Zamprogno, 46 anos, funcionária pública e chefe do 9 ° Grupo de Escoteiros Augusto Ruschi, esteve presente no evento e relata:

O povo de Santa Teresa quando precisa faz A gente cansou de ver o estado em que a Vila Nova ficava quando chovi: o rio enchia porque as casas são construídas em suas margens e ele não tem para onde correr. Além disso, o povo é bem porco e joga lixo, joga esgoto, o que piora ainda mais quando cai chuva forte. Então a Associação dos Moradores de Vila Nova buscou em parceria com a Prefeitura realizar esse trabalho. Para a Prefeitura é importante, porque desafoga um pouco ela, além de não ter que ficar mandando máquina para tirar o barro. Para nós, é importante porque melhora nossas vidas. É aquele negócio: quando a coisa aperta que a gente vai correr atrás.

Limpar as margens do rio Timbuí, embora fosse necessário, não mostra-se suficiente para gerar mudanças de posturas em longo prazo, como, por exemplo, a conscientização de não jogar lixo no rio, modificar o sistema de esgotos que caem livremente, entre outras necessidades. Observamos, no entanto, a grande adesão dos moradores ao evento. Os que não participavam, olhavam atentos para os trabalhadores e as máquinas tirando o lixo do rio. Analisando a necessidade da continuidade do evento e a participação local, Nair ressalta:

Nem todo mundo participa mesmo, mas só de ficar olhando já é uma forma de chamar a atenção de quem trata nosso rio como esgoto. Claro que gostaríamos que todos participassem, mas isso não acontece, de qualquer forma acho que vale essa idéia e não queremos que ela pare por aqui não. Vamos propor para os membros da comunidade a coleta seletiva de lixo, o desvio do esgoto das casas para a rede de esgoto⁶⁴ que está sendo construída pela CESAN e muito mais coisas. O importante é não parar por aqui, senão daqui a um mês está tudo igual. E isso é responsabilidade nossa, é nosso dever cuidar do que é nosso.

Diegues (1994) analisa a participação de organizações representativas da sociedade na implantação e gestão de iniciativas relacionadas à questão ambiental, como sendo primordial. Tal participação é uma forte aliada na busca de alternativas técnicas e econômicas para o êxito das experiências que almejam a proteção simultânea da biodiversidade e da diversidade cultural.

Outro relato obtido pertinente à nossa questão foi o de Jucinéia Zotelli Corte, 27 anos, contadora e praticante de trekking. Apesar de Jucinéia ser acostumada a práticas relacionadas aos ambientes naturais, sua não participação a nesses eventos deve-se à:

... falta de tempo mesmo. Eu trabalho o dia todo e quando tenho um tempo livre faço trilhas aqui na região. É um hobby particular, mas muitas vezes não dá para participar de eventos tipo esse passeio na Reserva Augusto Ruschi, primeiro porque precisava de carro, segundo que não vi divulgação [...]. Da Semana do Meio Ambiente também não participei porque grande parte da programação era direcionada a colégios e em horário em que eu trabalhava. Do passeio de bicicleta eu já participei outras vezes e é sempre a mesma coisa. [...] essas trilhas de Santa Lúcia eu já fiz com meus amigos. Nem conheço esse André Ruschi, e também não vou pagar para alguém me mostrar o que já sei fazer sozinha.

Jucinéia prossegue fornecendo sugestões para esses eventos:

Eu sugeriria que fosse repensada a propaganda, o horário e a própria programação desses eventos. Não é novidade andar pelas matas, conhecer suas particularidades, para pessoas como eu; são atos que fazemos por conta própria. É preciso colocar coisa nova, por exemplo: se você me levar para fazer uma caminhada e eu puder fazer uma prática de rapel, daí eu vou me animar a ir. É isso que falta, ver algum atrativo que facilite essa participação pelo menos de nós, que somos mais jovens. Já o pessoal mais velho, eu não sei [...] Vejo pelo meu pai, ele desde criança anda por essas matas e é o tipo de gente que você tem que saber chegar para conquistar. Não adianta falar que é importante preservar, que tem que conhecer se não souber como trabalhar isso nele, se não conhecer, um pouco do público.

⁶⁴ A rede de esgoto é realizada em parceria da CESAN com a Prefeitura local. Suas obras tiveram início em 2001 com estimativa de término em 2007. A parte da rede de esgoto no centro da cidade está pronta. Estão sendo realizadas atualmente as obras referentes ao Bairro Vila Nova

Nessa fala podemos destacar dois pontos interessantes: o primeiro está relacionado à utilização de esportes de aventura nas práticas em ambientes naturais. Sabemos atualmente, a crescente apropriação desses esportes no mundo, para fins de lazer ou de competição. Por suas características, tornam-se atrativos principalmente pelo grau de risco controlado que propiciam, gerando a vivência de novas sensações, as quais poderão culminar em novas relações com o meio ambiente.

Caminhadas por espaços selvagens, por exemplo, trazem a oportunidade de enfrentar dificuldades, de superar limitações. Nesses enfrentamentos, sujeitos podem desenvolver um auto-conhecimento inclusive de seus corpos, de suas emoções. A percepção da interdependência e da complementaridade que se tem uns com os outros relembra aos participantes que eles são membros de uma grande teia, enorme e complexa em suas relações, desfazendo as hierarquias a que estavam acostumados. Pode ainda haver um questionamento de valores, um aprendizado com a experiência, geradores de reformulações do participante com seu cotidiano, com seus semelhantes e com a natureza (MENDONÇA e NEIMAN, 2002, 169).

Um segundo ponto seria novamente a necessidade de se conhecer primeiramente o público a ser atingido por esses eventos. Dessa forma, não adianta realizar uma super-programação que não tenha o mínimo de identificação com a comunidade, que não esteja atendendo a seus anseios. Nesse sentido, para que os educadores ambientais possam fazer uso de seus programas atrelados a vivências em ambientes naturais, é preciso primeiramente dar voz à comunidade, de forma a possibilitar-lhe a participação em sua construção, bem como perceber esses eventos como estando inseridos num contexto cultural mais amplo.

Sorrentino (2002, p. 17) vem ao nosso encontro propondo sugestões para a participação conjunta da comunidade, dos órgãos públicos e dos organizadores desses eventos. Dentre elas destacamos: o fornecimento de informações, a criação de espaços de locução, troca efetiva e afetiva de olhares e saberes que possibilitem a formação de opinião sobre os diversos temas e políticas específicas para seu enfrentamento, e definição de mecanismos claros e transparentes de tomada de decisão, as condições objetivas de participação efetiva (horário, facilidade de deslocamento, entre outros).

A tarefa não é fácil. Achar um ponto norteador de motivação para uma maioria é algo processual requerendo a sensibilidade dos agentes envolvidos. Levar em consideração as características da comunidade sem julgamento de valores e, principalmente, estabelecer um processo de diálogo de modo que tanto os mentores dos eventos, como a população possam dar corpo a propostas é um dilema de muitos projetos. Nesse contexto, torna-se necessário despertar em cada indivíduo o sentido de pertencimento, de participação e de responsabilidade na busca das respostas locais e globais que cada contexto possui (SORRENTINO, 2002, p. 19).

O profissional envolvido nesse processo deve ouvir sua intuição pessoal, sua experiência, e experimentar, trocar com a comunidade resultados positivos e negativos. Não se limitar a executar a atividade, mas investigar, pesquisar, construir em parcerias os saberes, não buscando somente a capacidade técnica, mas também, seu aprofundamento, levando em consideração aspectos relacionados à Ecologia, à Psicologia e à Sociologia entre outros (MENDONÇA e NEIMAN, 2002, p. 174).

Deve buscar, desse modo, uma pedagogia crítica relacionada aos elementos sócio-históricos e políticos, ligados aos conceitos transmitidos e construídos na relação educador-educando nesses eventos, de modo que evite um trabalho educativo abstrato, pouco relacionado com o cotidiano dos sujeitos sociais e com a prática cidadã (LOUREIRO, 2002b, p. 80).

A educação ambiental, portanto, aparece nesse processo de forma a atuar como meio facilitador dessas relações. A comunidade local e os organizadores de eventos devem buscar em parcerias uma melhor estruturação para participação de todos. Além disso, é necessário tomar a realidade cotidiana para se alcançar uma percepção totalizante dos problemas ambientais da região (LOUREIRO, 2002b, p. 82).

No caso de Santa Teresa, uma melhor estruturação abrangeria a presença de manifestações culturais da região, melhor divulgação, novas atividades, reuniões com a comunidade, entre outros. Não basta achar que o fato de estarmos utilizando metodologias de educação ambiental em ambientes naturais seja por si só suficiente para gerar mudanças.

É preciso refletir sobre a dinâmica local, aproximar as pessoas, familiarizando-as com o que precisa ser debatido em um processo mútuo, no qual a comunidade também atue com seus conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre ecoturismo/ecovisitações e educação ambiental constitui-se um desafio, uma vez que são elementos permeados por diversos aspectos. Esses aspectos tomam toda uma particularidade, conforme o contexto no qual estão inseridos. Porém, essa particularidade não tira a importância de suas contribuições para contextos mais amplos. Nesse sentido, iniciaremos aqui algumas reflexões sobre os pontos principais identificados no decorrer da pesquisa, visando com isso colaborar na realização de outros estudos da mesma natureza e, ainda, estabelecer considerações no sentido de polemizar a realidade pesquisada.

Tentamos demonstrar como a questão da relação entre ecoturismo/ecovisitação e educação ambiental apontou para uma realidade onde elementos políticos, econômicos, religiosos, sócio-culturais imbricaram-se na formação de uma totalidade complexa. Essa complexidade revela a existência de uma tensão: de um lado a cultura italiana, a qual atrai um público visitante para conhecer seus produtos, danças e arquiteturas e, do outro lado, a forte identificação do local pelo trabalho ambientalista desenvolvido por Augusto Ruschi, que pode ser visualizado através das Reservas existentes, MBML e outros projetos.

Nosso foco de estudo foi a inter-relação entre programas de lazer na natureza, ecoturismo/ecovisitação, com programas de educação ambiental. A apropriação desses dois elementos de análise pode começar a ser debatida didaticamente, primeiramente no que concerne à natureza das atividades de ecoturismo/ecovisitação.

Os programas de ecoturismo/ecovisitação enfocados têm dois aspectos evidentes: o mercadológico e o educacional. Ambos os elementos estão presentes nessas atividades, de forma que se torna muitas vezes difícil distingui-los. Em outras palavras, programas de ecoturismo/ecovisitação necessitam de verba para sua própria manutenção.

O caráter educacional também se faz presente, por uma questão de necessidade de manutenção de forma consciente do local visitado, de busca de novas relações e do despertar de novas sensibilidades. Essa interação da educação ambiental com atividades de ecoturismo, no entanto, pode vir disfarçada de ideologias ecologicamente corretas⁶⁵, desvinculadas de qualquer prática educativa consciente sobre a questão ambiental.

A sistematização dos programas estudados baseou-se na realização de trilhas. No caso do Passeio ao Entorno da Reserva Augusto Ruschi, essas trilhas tiveram por objetivo mostrar ao público participante a riqueza natural do local, além de tentar, mediante algumas vivências educacionais, sensibilizar para questões referentes à natureza, buscando reaproximar homem e natureza, com vistas a fazer o primeiro novamente entender-se como parte integrante do segundo e vive-versa.

A reaproximação ocorre, com o despertar da idéia de pertencimento e da responsabilidade em relação à natureza. Assim, cada sujeito é parte integrante e responsável da questão ambiental, sendo de seu encargo os danos causados, as más apropriações verificadas, principalmente de cunho utilitarista. Esse aspecto utilitarista é reafirmado principalmente quando ele se limita à vivência em áreas naturais apenas com um objetivo mercadológico.

Diante dessa realidade, a educação ambiental possui elementos que quando bem trabalhados possibilitam vivências na natureza de forma consciente, relacionadas com a cultura local. No caso do Passeio ao Entorno da Reserva, a ligação entre o aspecto mercadológico e os preceitos educacionais foram verificados, necessitando, porém, de uma melhor sistematização para futuras vivências. A participação da comunidade de Nova Lombardia na atividade, as práticas de reflorestamento, entre outras, buscaram mostrar tanto ao visitante, como à comunidade a riqueza da região e a possibilidade de se desenvolver trabalhos sustentáveis, de forma a manter o local sem degradação, nem da natureza, nem da cultura local

⁶⁵ Carvalho (2001, p. 32-33) alerta que essas ideologias disfarçadas de ecologicamente corretas são oriundas de um discurso ambiental desacoplado das injunções sócio-históricas em que estão inseridos.

A educação ambiental, porém, não deve ser encarada como detentora de todas as soluções. Suas apropriações, limitações e dificuldades devem ser entendidas dentro de um contexto maior, onde está implícita a própria educação. Entendemos, no decorrer da pesquisa, que a educação ambiental faz parte desse contexto, de forma que falar nela nos remete primeiramente a falar da educação e de algumas de suas questões, como relação teoria e prática, tendências educacionais, posturas de educadores e formas de encarar o processo educacional.

As atividades investigadas mostraram a possível relação entre as atividades de ecoturismo/ecovisitação e educação ambiental, nas quais o espaço de uma pode vir a ser base não só para o desenvolvimento de preceitos básicos necessários à própria continuidade, mas também para o auxílio na configuração de novas posturas ambientais. Entre as limitações detectadas nessas apropriações, a existência da consciência da necessidade dessas atividades tanto como meio educacional, quanto como forma de produto apontou principalmente para a falta de uma maior interligação entre o saber técnico e sua utilização prática.

Discutindo sobre a relação teoria/prática, verificamos a dificuldade de se estabelecer uma relação entre esses dois pólos numa evidência de que os conteúdos estudados são desvinculados de sua aplicação prática dentro de uma conjuntura global. Esse dilema está baseado no vácuo entre o saber teórico e sua utilização prática. Hargrove (1994, p. 210) observa essa lacuna como sendo “originada de uma literatura que tende a ser orientada para a teoria, e a maneira como se funde com as questões práticas é algo que nem os teóricos, nem os ambientalistas profissionais conseguiram resolver até agora”.

A forma como a educação é desenvolvida, mostra, em muitos casos, preocupação com a simples transmissão mais do que com a construção de conhecimentos. Educadores e educandos vêem-se em um sistema no qual os primeiros são os detentores do saber e, os segundos, simples espectadores ou, utilizando a expressão de Paulo Freire, “bancos” nos quais se deposita esse saber.

A desvinculação da teoria da prática, acrescentada dessa visão passiva do educando, institui-se em um desafio para a própria educação ambiental. Esclarecemos neste instante que a

educação ambiental, no nosso entendimento, é uma educação como qualquer outra, e, como tal, possui objetivos e particularidades a serem trabalhados. O adjetivo ambiental não implica, portanto, uma dissociação da conjuntura educacional na qual estamos envolvidos. Nesse sentido, educadores ambientais, educadores do sistema formal e outros devem refletir sobre as dificuldades na sistematização de suas propostas a partir da reflexão inicial sobre o entendimento da educação na qual pretendem trabalhar.

O conteúdo teórico/prático tem, dentro da educação ambiental, por meio de vivências em trilhas, um meio promissor para a superação de dicotomias, como verificado nas propostas estudadas na Estação Biológica de Santa Lúcia e nas atividades da Semana do Meio Ambiente. Nessas vivências, a possibilidade de promover a integração entre a teoria estudada em aula e sua prática é algo viável, dependendo, para seu sucesso da postura do educador.

A postura do educador em entender a teoria/prática como elementos unitários no caráter educacional da questão ambiental faz-se imprescindível. Da mesma forma, o entendimento sobre a construção dessa união juntamente com os educandos é um fator igualmente desencadeador de superações.

Acreditamos, portanto, na construção do conhecimento de forma conjunta, na qual tanto educadores como educandos participam de forma dinâmica do processo. Não estamos querendo dizer, no entanto, que não existe necessidade de sistematização em vivências nas trilhas, por exemplo, mas essa sistematização deve privilegiar o espaço livre de troca de conhecimento de forma a propiciar ao participante o sentido de pertencimento e de responsabilidade em relação ao que está vivenciando.

Tal tarefa não é fácil, mas faz-se extremamente necessária se quisermos superar dicotomias estabelecidas no seio da questão ambiental. O ato de querer estabelecer novas formas de intervenção, refletir sobre formação, fazer uma auto-crítica são pontos fundamentais para o educador, que dentro de cada particularidade deve buscar ultrapassar tendências meramente formativas e comportamentais.

As tendências educacionais são verificadas, conforme analisamos no capítulo dois, na própria educação ambiental. Dentre elas destacamos a tendência emancipatória como a mais adequada para a criação de novas atitudes em relação ao meio ambiente. Essa escolha faz-se baseada na natureza de sua proposta em possibilitar a criticidade e a ética como elementos primordiais para a questão ambiental.

Observamos nos eventos estudados uma grande tendência, inclusive de autores, em estabelecer comportamentos apropriados. Reafirmamos que essa tendência tem influências de uma prática educacional maior, para a qual educar significa formar comportamentos, inclusive do próprio educador. É notória, no dia-a-dia, a grande dificuldade em estabelecer novas formas de intervenção: o bom professor é aquele que passa o conteúdo; no outro extremo, aquele que abre espaço para debate é considerado como professor descompromissado. A própria mentalidade dos educandos é cobrar uma postura tradicional que, embora gere protestos, é considerada a mais pertinente, pois prepara para o vestibular.

Dessa forma, apresenta-se um duplo desafio: trabalhar para o estabelecimento de novas posturas de educadores e, principalmente, mostrar aos educandos que se pode aprender muito mais em um dia na mata do que estudando biologia em sala de aula. Não se trata, no entanto, de afirmar o que é melhor ou pior para cada tendência dentro da educação ambiental; devemos, sim, atentar para o fato de que as tendências têm suas limitações, e para serem apropriadas de forma a gerar frutos dependerão essencialmente de seus mentores, no caso, os educadores ambientais.

Os educadores ambientais devem procurar também, pelo estabelecimento de parcerias, a continuidade de seus trabalhos. Os conhecimentos adquiridos em trilhas como a da SMA só poderão ser disseminadas, à medida que os colégios, instituírem sistematicamente essa vivência no dia-a-dia de sua sala de aula. Tal instituição estaria baseada não apenas em passeios como do *Day Camp*, mas também na postura dos educandos na própria sala de aula no sentido de entender o processo e trabalhar para a sua continuidade.

Devemos atentar igualmente não apenas para a participação das escolas; nesse processo educacional, mas também para a participação da própria comunidade. Verificamos nos eventos

estudados a participação limitada da comunidade teresense nessas vivências, em razão de tramas políticas e histórias estabelecidas através dos tempos, os quais, enfocamos no capítulo quatro.

Fatores limitantes dessa participação decorrem das diferenças políticas de seus mentores, todavia, a necessidade de um melhor planejamento pode ser levantada para sua superação. O planejamento estaria baseado na formulação de uma programação que privilegiasse uma prévia análise da realidade a ser trabalhada, através de conversas com os líderes comunitários e com os órgãos competentes envolvidos. Esse processo poderia alavancar esforços não apenas na organização de eventos como o da Semana do Meio Ambiente, mas também na participação efetiva de segmentos comunitários envolvidos no desenvolvimento desses eventos.

Santa Teresa, por suas características naturais, mostra-se propícia para a associação de práticas de ecoturismo/ecovisitação e educação ambiental em áreas naturais. Essas áreas configuraram-se como uma das formas de possibilitar aos participantes a decodificação desses ambientes, através da percepção e posterior interpretação. Sobre a associação da percepção na geração de novas percepções, Carvalho (2001, p. 31) ressalta que o ato de interpretar propiciado por esses locais não seria “um ato póstumo e complementar à compreensão, agir não corresponderia à consequência – como desdobramento, ato segundo ou posterior à reflexão, mas a ação estaria implicada no ato mesmo de compreender e interpretar”.

Em outras palavras, embora didaticamente tenhamos uma tendência em separar esses elementos, ambos estão implícitos em um complexo processo de aprendizado, no qual um está justaposto ao outro. Torna-se necessário esse entendimento com vistas a não formar mais dicotomias na questão ambiental, ou privilegiar o conhecimento técnico e biológico em detrimento do aspecto cultural, histórico-social dos participantes nessas vivências. O educador ambiental deve estar ciente desse processo, com vistas a atrelar sua vivência a uma visão holística do sujeito.

Voltando nossos olhares para os locais onde foram desenvolvidos esses eventos, encontramos as Unidades de Conservação de Santa Teresa. Essas UCs dispõem de um potencial educacional riquíssimo, cuja exploração necessitaria de uma maior sistematização, assim como

de recursos humanos especializados (no sentido holístico), adotando-se procedimentos que conscientizassem para a importância da não-deterioração desses locais e oferecessem uma vivência enriquecedora para seus participantes. Os recursos humanos utilizados poderiam ser da própria comunidade. Em decorrência, uma identificação da população com esse ambiente seria facilitada, tornando possível desmistificá-lo e promovendo uma reaproximação entre eles, que resultaria numa preocupação maior com a preservação da natureza ao mesmo tempo que contribuiria para a melhoria da qualidade de vida da cidade.

Caso a sociedade se identifique com esse processo, ficará facilitado o entendimento da necessidade de preservação desses locais e, principalmente, de melhoria das condições dessas UCs, cuja manutenção é muitas vezes dificultada, não apenas pela falta de verbas, mas também pela falta de apoio da comunidade na qual está inserida.

É necessário, portanto, levantar formas para aglutinar esforços da comunidade em torno do local a ser preservado, tendo como base a identificação da natureza como algo inerente ao ser humano e vice versa. Os programas de educação ambiental surgem nesse quadro, com objetivos de preparar o visitante e a cultura local para compreender e respeitar o meio ambiente, fazendo-os sentir-se como agentes do processo de conservação, por meio de um conjunto de atividades que tenham nos princípios éticos e de sustentabilidade seus carros-chefe (FERREIRA e COUTINHO, 2000, p. 187).

Esses programas, como um ponto em comum, permitem uma profunda reflexão e conhecimento sobre as possibilidades humanas de interação com a natureza, revelando que as essas possibilidades podem ser infinitas. Ajudam ainda a perceber quem somos e para que estamos aqui, permitindo o desenvolvimento da consciência de que fazemos parte de um conjunto, embora nos esqueçamos disso em nosso ambiente urbano (MENDONÇA, 2000, p.137).

Dentre as limitações detectadas anteriormente, destacam-se as questões de poder estabelecidas na região, muitas vezes desencadeadoras de impasses e desarticulação de parcerias. Citamos como exemplo, o saber técnico/prático de André Ruschi, que não é disseminado para outros eventos da região, devido a impasses entre seus ideários e os dos órgãos públicos do local.

Inserem-se nesse contexto também, as diferenças entre Gilmar Santos e a Prefeitura local, em decorrência das atividades promovidas por um são embargadas pelo outro, devido a pendências de ordem política.

Referindo-nos agora às contradições levantadas, poderíamos voltar ao parágrafo anterior e realizar a seguinte reflexão: a cidade que vê com bons olhos a apropriação da natureza não necessariamente tem conhecimentos adequados para sua utilização. Nesse contexto, por que não utilizar parcerias com pessoas já atuantes na área?

Em relação a essas questões Soulé (1997, p. 593), reforça que “[...] existem muitas formas de se ver o meio ambiente. Cada pessoa é uma lente exclusiva, fundamentada e polida por temperamento e educação. As respostas obtidas frente ao meio ambiente são, portanto, tão diversas quanto as personalidades de cada indivíduo”. Nesse sentido, o entendimento limitado deve-se também a influências históricas, religiosas, cartesianas e antropocêntricas, atrelado ainda ao modelo capitalista transmissor de condutas e valores. Esses fatores determinam a representação dos indivíduos e sua forma de atuação no meio artificial e natural. Nesse ponto, devemos atentar para o fato de que entre esses dois termos, educação ambiental e ecoturismo/ecovisitação, existem fatores determinantes de sua apropriação como verdadeiros elementos transformadores da realidade, ou como meros perpetuadores da lógica estabelecida.

No entanto, não podemos deixar de considerar que a existência de um pólo induz diretamente à existência de seu oposto. Assim, o fato de esses programas poderem servir para a continuidade de uma lógica já estabelecida não ofusca a sua possibilidade de elemento transformador. Um exemplo disso são os inúmeros trabalhos realizados pelo Fundo Mundial para a Natureza, WWF, como o SOS Amazônia (Rio Branco/Acre), o IPAM (Santarém/Pará), o Projeto Mamirauá (Tefé/Amazonas), entre outros⁶⁶.

A abertura do Parque Municipal pode ser avaliada com outra contradição do local, diante do fato de sua própria estruturação, isto é, embora a sua criação tenha tido o objetivo de

⁶⁶ Cf. TAMAIO, I. e CARREIRA, D. **Caminhos & aprendizagens: educação ambiental, conservação e desenvolvimento**. Brasília: WWF Brasil, c2000. 92 p.

desenvolver o ecoturismo como produto na região, verificamos a falta de atrelamento dessa proposta às opiniões locais e, novamente, a pessoas que poderiam vir a contribuir para sua efetivação. Realçamos ainda o forte apelo comercial envolvendo a essa criação, podendo pôr em risco a própria manutenção da área.

Essas preocupações vêm tendo um enfoque mundial, já que muitos dos investimentos na área do meio ambiente se tornam meios para gerar rendas. Nesse caso, Brügger (1999b, p.29) afirma que, embora muitas instituições possuam técnicos efetivamente preocupados com as questões ambientais, prevalece ainda a política global de atração de investimentos e não a consciência do valor intrínseco da problemática em si.

Essa realidade poderia ser sanada mediante o estabelecimento de parcerias, e atuação de um corpo técnico especializado-se, identificando os possíveis locais de utilização incentivando a participação da comunidade no processo. A comunidade, nesse caso, participaria de forma a não estranhar o desencadeamento da atividade.

Os avanços detectados corresponderam à viabilidade dos programas iniciais de ecoturismo/ecovisitação e educação ambiental realizados. Embora alguns não tivessem seus objetivos entendidos de modo claro conseguiram inicialmente proporcionar vivências merecedoras de destaque para os participantes e resultados positivos para o quadro ambiental da região.

Assim, acreditar em uma proposta e colocá-la em prática usando-se as experiências anteriores já avaliadas seria o primeiro passo para a configuração de uma outra realidade ambiental. O saber técnico apenas não é suficiente. É preciso uma reavaliação dessas experiências, inclusive do próprio indivíduo que as propôs. Nossa produção teórica na área tanto de ecoturismo como de educação ambiental é merecedora de destaque por sua qualidade, porém, precisamos colocá-la em prática.

Cada realidade estudada é singular e, portanto, única em relação às questões levantadas. Santa Teresa, nesse contexto, vem trazer-nos uma possível apropriação das atividades analisadas, levando-nos a concluir que, mais do que o saber técnico e o uso de atividades em ambientes naturais, é preciso levar em consideração todo um quadro de origem social, política e econômica da área estudada.

Os teresenses devem, nesse sentido, responder efetivamente aos novos investimentos e questões ambientais, porém, deve fazê-lo não como meros consumidores, mas como cidadãos informados sobre os aspectos ambientais. Tais cidadãos, conforme analisa Hargrove (1994, p. 214), “não existirão se não buscar a sensibilização de questões referentes a valores dos quais necessitam para serem ao mesmo tempo cidadãos e consumidores. Tal educação não precisa ser controvertida. Muito do que é passado sobre o meio ambiente pode continuar a ser passado, apenas precisa ser melhor organizado e abordado”.

Mesmo valorizando a criatividade no universo competitivo de hoje, informações e conhecimentos, ainda que absolutamente necessários, são insuficientes para engendrar processos de efetiva transformação na organização social e formas de se relacionar com o mundo. Um equilíbrio entre a razão e o sentimento é fundamental para o entendimento mais amplo da natureza (MENDONÇA, 2000, p. 137).

Apenas quando for completada essa tarefa, quando houver ainda pessoas que queiram verdadeiramente estabelecer novos parâmetros e posturas diante do meio ambiente, ocorrerá a uma requalificação do ecoturismo e da educação ambiental para a construção de uma realidade social mais justa e transparente. Diante disso, apropriamo-nos das palavras de Cascino (2000, p. 205):

Não podemos permitir, que a mediocridade mercadológica [...] possa suplantiar a vontade e a necessidade de transformar. Permitir o funcionamento de tal mecanismo é ser conivente, aceitar o preço, ser cooptado. Denunciarmos a mediocridade, não lhe darmos trégua, lutarmos constantemente, não nos tornarmos medíocres: eis nossa única alternativa.

REFERÊNCIAS

- 1 ALMEIDA, A. C. P. C. Recreação e lazer e a educação ambiental. **Sprint Magazine**, São Paulo, p. 44–47, 1996.
- 2 ATIBAIA (2003) **Atibaia camping**. Disponível em: <<http://atibaiacamping.com.br>> Acesso em 17 mar 2003.
- 3 ARY, D.; JACOBS, L. C. e RAZAVIEH, A. **Introduction to research in education**. Florida: Hacourt Brace & Company, 1996.
- 4 AUGUSTO, 2002. **Augusto Ruschi**: vida e obra. Disponível em: <<http://www.ruschicolibri.com.br>>. Acesso em: 12 out.de 2002.
- 5 BARROS, M. I. A. e DINES, M. Mínimo impacto em áreas naturais: uma mudança de atitude. In: SERRANNO, C. (Org.). **A educação pelas pedras**: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000. p. 47–84.
- 6 BARROS, M. I. A. Outdoor education: uma alternativa para a educação ambiental. In: SERRANNO, C. (Org.). **A educação pelas pedras**: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000, p.85-110.
- 7 BIASUTTI, L. C. **No coração capixaba**. Belo Horizonte: Barvalle, 1994.
- 8 _____. **Augusto Ruschi**: patrono da ecologia do Brasil. Belo Horizonte: Inédita, 1999.
- 9 BRAGA, V. **Possibilidades de impacto do ecoturismo**. Rio de Janeiro: Viva Terra, 2000. Disponível em: < <http://www.ecoevolunteer.org>>. Acesso em: 15 jun.de 2002.
- 10 BRÜGGER, P. A mídia da natureza e a natureza na mídia. In. MATTA, S. F. (Org.). **Educação ambiental**: compromisso com a sociedade. Rio de Janeiro: MZ, 1999a. p. 19–23.

11 _____. **Educação ou adestramento ambiental?** 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999b.

12 _____. Os novos meios de comunicação: uma antítese da educação ambiental? In: SORRENTINO, M. (Org.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania.** São Paulo: Cortez, 2002. p. 143–178.

13 BRUHNS, H. T. e SERRANO, C. Refletindo sobre ecoturismo. In: BARBOSA, S.C. S. (Org.). **A Temática ambiental e a pluralidade do ciclo de seminários do NEPAM.** Campinas: NEPAM, 1998. p. 387 – 400.

14 BRUHNS, H. T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo autêntico. In: SERRANO, C. e BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente.** Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 125–140.

15 _____. Visitando a natureza, experimentando intensidades. In: VASCONCELOS, F. P. (Org.). **Turismo e meio ambiente.** Fortaleza:UECE, 1998.

16 _____. Lazer, cidadania e meio ambiente: buscando compreensões. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11., 1999, Cascavel. **Anais...** Cascavel: Assoesste, 1999a. p. 500-506.

17 _____. Lazer e Meio Ambiente: a natureza como espaço de experiência. **Revista Conexões**, Campinas, n. 3, p. 07–25, 1999b.

_____. Lazer e Meio Ambiente: reflexões sobre turismo na natureza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11, 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBCE, 1999c. v. 21, p.727-731

18 _____. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, C. (Org.). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental.** São Paulo: Chronos, 2000. p. 25-46.

19 BRUYNE, P. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais.** 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

20 CAMARGO, L. O. L. O mercado de trabalho do lazer. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 09., 1997, Cascavel. **Anais...** Belo Horizonte: EEF/CELAR, 1997. p. 675-685.

21 CARVALHO, I. C. M. **A Invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2001.

22 _____. A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político-pedagógica. In: LOUREIRO, C. F. B. (Org.). **Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 53–66.

23 CARVALHO, V. S. A ética na educação ambiental e a ética da educação ambiental: reflexões e contribuições possíveis. In: MATTA, S. F. et al. (Org.) **Educação ambiental desafio do século: um apelo ético**. Rio de Janeiro: 3 ° milênio, 1998. p. 52–60.

24 CASCINO, F. Pensando a relação entre educação ambiental e ecoturismo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T. e LUCHIARI, M. T. D. P. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000. p. 189-206.

25 CASTRO, R. S. Epistemologia da biologia e educação ambiental. In: GUSMÃO, A. (Org.). **Educação ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

26 CASTRO, R. S. e BAETA, A. M. B. Autonomia intelectual: condição necessária para o exercício da cidadania. . In: SORRENTINO, M. (Org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 99–108.

27 CHAO, C. H. N. e BRAMANTE, A. B. Gerenciando o lazer em áreas de alto potencial ecoturístico. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11., 1999, Cascavel. **Anais...** Cascavel: Assoesste, 1999a. p. 423-433.

28 COOB JUNIOR, J. B. Uma visão cristã da biodiversidade. In: WILSON, E. O. (Org.). **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.613-618.

29 COSTA, P. C. **Ecoturismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

30 DEAN, W. **A ferro e fogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

31 DELGADO, J. A interpretação ambiental como instrumento. In: SERRANNO, C. (Org.). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p. 155-170.

32 DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB, 1994.

33 _____. As áreas naturais protegidas, o turismo e as populações tradicionais. In: SERRANO, C. e BRUHNS, H. T. (org.). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas, SP: Papirus, 1997. p.85-102.

34 EHRLIC, P. R. A perda da diversidade – causas e conseqüências. In: WILSON, E. O. (Org.). **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 27–34.

35 ESTADO DO Espírito Santo ganha título de biodiversidade. **A Gazeta**, Vitória, p. 24, 22 agost. 1999.

36 FAGGIONATO, S. **Percepção ambiental**. Disponível em:
<<http://www.educar.sc.usp.br/biologia/textos> > Acesso em 16 mar 2003.

37 FARIA, M. O. O mundo globalizado e a questão ambiental. In: NEIMAN, Z. (Org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. Barueri, SP: Manole, 2002.

38 FENNELL, D. A. **Ecoturismo: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.

39 FERREIRA, A. L. **Ecoturismo - Caminhadas e escaladas**. São Paulo, 2000. Disponível em:
<<http://www.ecoesportes.com.br> >. Acesso em: 19 dez. 2001.

40 FERREIRA, L. F. e COUTINHO, M. C. B. Educação ambiental em estudos de meio: a experiência do Bioma Educação Ambiental. In: SERRANO, C. (Org.) **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p.171-188.

41 FIGUEIREDO, S. L. O ecoturismo e desenvolvimento sustentável: alternativa para o desenvolvimento da Amazônia?. In: FIGUEIREDO, S. L. (Org.). **O ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia**. Belém: UFPA/NAEA, 1999. p. 51-74.

42 FRANCO, R. M. Lazer, Cultura e Saúde: uma visão ambiental. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 09, 1997, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: EEF/CELAR, 1997, p.171-174.

43 FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

44 _____. **Pedagogia do oprimido**. 31 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

45 _____. **Educação e mudança**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- 46 GATOTTI, M. et Al. (Org.). **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- 47 GONÇALVES, C. W. P. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- 48 GONZÁLES, J. A. L. **Metodología de la investigación pedagógica**. 1998.
- 49 GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- 50 GRÜN, M. Uma discussão sobre valores éticos em educação ambiental. **Revista Educação e Realidade**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 171 – 193, jul/dez. 1994.
- 51 HARGROVE, E. ética ambiental e educação ambiental. **Revista Educação e Realidade**, Campinas, v. 19, n. 2, p.209 - 214, jul/dez. 1994.
- 52 KADE, G. A teoria econômica da poluição e a aplicação do método interdisciplinar à regulação do ambiente In: MIRANDA NETTO, G. G.(Org.). **O homem e seu ambiente**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975. p. 3-24.
- 53 IRVING, M. A. Educação ambiental como premissa ao desenvolvimento do ecoturismo. In: MATTA, S. F. et Al. (Org.). **Educação ambiental desafio do século: um apelo ético**. Rio de Janeiro: 3 ° Milênio, 1998. p. 277–281.
- 54 JONIS, M. e MELO, W. Educação ambiental, conhecimento científico e diversidade cultural: uma perspectiva em debate. In: MATTA, S. F. (Org.). **Educação ambiental: compromisso com a sociedade**. Rio de Janeiro: MZ editora, 1999. p. 44–49.
- 55 LADISLAU, C. R. Lazer na natureza: um diálogo de espelhos. **Revista Conexões**, Campinas: Unicamp, p. 27 – 32, 1999.
- 56 _____. **Lazer e Meio ambiente: possibilidades de um diálogo autêntico**. 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos de Lazer) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- 57 LAFLEUR, J. R. e NOGUEIRA, J. M. Desenvolvimento e Educação Ambiental. In: GUSSO, D. A. (Org.). **Seminário de desenvolvimento e educação ambiental**. Brasília: INEP, 1992. p. 17–42.

- 58 LAYRARGUES, P. P. Educação para a gestão ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B. (Org.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002a. p. 87–156.
- 59 _____. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: SORRENTINO, M. (Org.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002b. p. 179–220.
- 60 LAGO, A. e PÁDUA, J. A. **O que é ecologia..** São Paulo: Brasiliense, 1989. Coleção Primeiros Passos
- 61 LEISS, W. Utopia e tecnologia: reflexões sobre a conquista da natureza. In: MIRANDA NETTO, G. G. (Org.). **O homem e seu ambiente**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975. p. 27–50.
- 62 LIMA, G. F. C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: SORRENTINO, M. (Org.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 109–142.
- 63 LOHN, J. I. **A educação ambiental e os temas transversais**. Viçosa: Projeto Educar, 2000.
- 64 LOUREIRO, C. F. B. (Org.). Teoria social e questão ambiental. In: **Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002a. p. 13–52.
- 65 _____. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: SORRENTINO, M. (Org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002b. p. 69–98.
- 66 LUCHIARI, M. T. D. P Turismo, natureza e cultura Caiçara: um novo colonialismo? In: SERRANO, C. e BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- 67 _____. Urbanização turística: um novo nexos entre lugar e o mundo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T. e LUCHIARI, M. T. D. P. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000. p. 105–130.
- 68 MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

- 69 MAROTI, P. S. **Percepção ambiental**. Disponível em:
<<http://www.lapa.ufscar.br/portugues/perc.>> Acesso em: 16 mar 2003.
- 70 MAZZOTI, A. J. A. e GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- 71 MEDEIROS, R. Integralismo foi a opção política dos imigrantes. **A Tribuna**, Vitória, p. 7-10, 31 jul., 1994.
- 72 MEDEIROS, R. Ruschi, o agitador ecológico. **Século Diário**, Vitória, 1985. Disponível em
<<http://www.seculodiario.com.br>>. Acesso em 24 jul. 2002.
- 73 MENEGAZZI, C.; LUTTERBACH, A. A.; RAMOS, E.; XAVIER, G.; FONSECA, M. B. Lazer e Educação Ambiental: vivências na fundação zoo-botânica de BH. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11., 1999, Cascavel. **Anais...** Cascavel: Assoesste, 1999a. p. 507 – 513.
- 74 MENDONÇA, R. A experiência na natureza segundo Joseph Cornell. In: SERRANNO, C. (Org.). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p. 135–154.
- 75 MENDONÇA, R. e NEIMAN, Z. Ecoturismo: discurso, desejo e realidade. In: NEIMAN, Z. (Org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. Barueri, SP: Manole, 2002.
- 76 MINAYO, M.C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- 77 MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- 78 MUNIZ, L. O dualismo do conceito de ambiente e suas conseqüências para a educação ambiental. In: In: MATTA, S. F. (Org.). **Educação ambiental: compromisso com a sociedade**. Rio de Janeiro: MZ editora, 1999. p.157-161.
- 79 NATIONS, J. D. A ecologia profunda encontra o mundo em desenvolvimento. In: WILSON, E. O. (Org.). **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.101-106.

80 NEIMAN, Z. e RABINOVICI, A. o Cerrado como instrumento para educação ambiental em atividades de ecoturismo. In: NEIMAN, Z. (Org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. Barueri, SP: Manole, 2002.

81 OLIVEIRA, E. M. **Educação ambiental: uma possível abordagem**. 2.ed. Brasília: IBAMA, 2000.

82 PAULINO, A. G. L. **Educação ambiental em novos sentidos**. Viçosa: Projeto Educar: 2000.

83 PIAGET, J. **O juízo moral da criança**. São Paulo: Summs, 1994.

84 PIMENTEL, G. G. A. **"É de laço e de pó": A festa do laço no vale do Itabapoana - representações e vivências**. 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos de Lazer) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

85 EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO **Plano nacional de municipalização do turismo: diretrizes básicas**. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br/conheca/programs>>. Acesso em: 12 out. 2002.

86 REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1998a. Coleção Primeiros Passos.

87 _____. **Meio ambiente e representação social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998b.

88 RIGAL, R. **Motricidad humana: fundamentos e aplicaciones pedagógicas**. Madrid: Pila Teleña, 1987.

89 RODRIGUES, I. A. A dimensão sócio-ambiental e o manejo de áreas naturais sob proteção In: BARBOSA, S. R. C.(Org.). **A temática ambiental e a pluralidade do ciclo de seminários do NEPAM**. Campinas: NEPAM, 1998. p. 153-178.

90 RUSCHI (2002) **Vida e realizações de Augusto Ruschi**. Disponível em <<http://www.terravista.pt/portosanto>>. Acesso em: 12 out. 2002.

91 SANTOS, R. I. C. **A terra prometida: emigração italiana**. Itajaí: Ed. da Univali, 1998.

92 SATO, M. **Educação ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.

- 93 SERRANO, C. A (Org.). A educação pelas pedras: uma introdução. In: **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p.7-24.
- 94 SILVA, A. C. S. Experiência de pesquisa em educação ambiental: visão da comunidade de Salvaterra/PA sobre os problemas ambientais. In: FIGUEIREDO, S. L. **O ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia**. Belém: UFPA/NAEA, 1999. p. 153-174.
- 95 SIQUEIRA, J. C. de **Ética e meio ambiental**. São Paulo: Loyola, 1998.
- 96 SOFFIATI, A. fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação. In: SORRENTINO, M. (Org.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p.23-68.
- 97 SORRENTINO, M. A Educação ambiental e a Universidade. In: BARBOSA, S. R. C. (Org.). **A Temática ambiental e a pluralidade do ciclo de seminários do NEPAM**. Campinas: NEPAM, 1998. p. 271-327.
- 98 _____. (Org.). Desenvolvimento sustentável e participação: algumas reflexões em voz alta. In: **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-22.
- 99 SOULÉ, M. E. Mente na biosfera; mente da biosfera. In: WILSON, E. O. (Org.). **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 593-597.
- 100 SOUZA, N. M. **Educação ambiental: dilemas da prática contemporânea**. Rio de Janeiro: Thex Ed. 2000.
- 101 TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- 102 UNB (2003) **O que é psicologia ambiental**. Disponível em: <<http://www.unb/ipa/introdução.htm>> Acesso em: 16 mar 2003.
- 103 VASCONCELLOS, J. M. Trilhas interpretativas como instrumento de educação. In: PADOVAN, M. P. et. Al. (Org.). **Planejamento de unidades de conservação**. Santa Teresa: Ministério da cultura, 1999. p. 70-89.

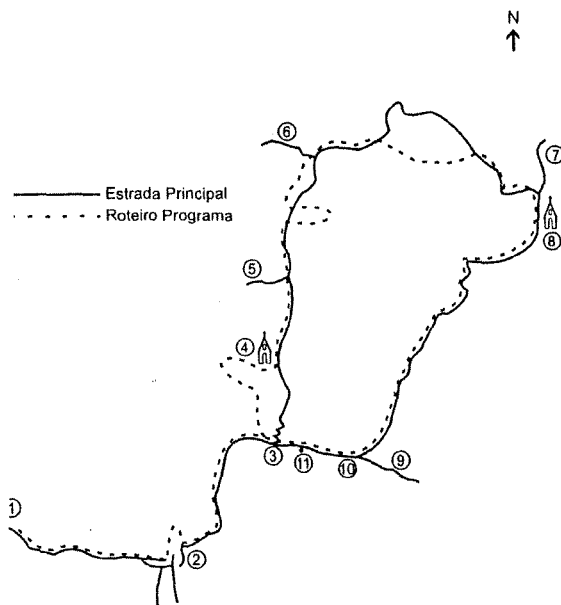
104 VIEIRA, A. P.; JÚNIOR, E. F.; QUEIRÓZ, K. K.; SILVEIRA, N. M.; MARAVILHA, P. H. M. e LOREDO, R. R. Turismo ecológico: essa possibilidade é "quente". In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11., 1999, Cascavel. **Anais...** Cascável: Assoesste, 1999a.

105 WEARING, S. e NEIL, J. **Ecoturismo**: impactos, potencialidades e possibilidades. Barueri, SP: Manole, 2001.

106 WERNECK, H. Educação Ambiental e cidadania. **Revista Ação Ambiental**, Viçosa, Imprensa Universitária, 1999.

107 WILSON, E. O. (Org.). a situação atual da diversidade biológica. In: _____. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 03-24.

ANEXO A



- Country Club
- Coopeavi
- Encruzilhada A. S. Antônio x Lombardia
- Capela da Comunidade de Alto Santo Antônio (São Sebastião)
- Entrada para Córrego São José
- Entrada para Santo Anselmo (Cabeceira do 25 de Julho)
- Encruzilhada Lombardia x João Neiva
- Igreja de Nova Lombardia Velha (São Francisco de Assis)
- Estrada para Guaipabaçu
- Sede Reserva Augusto Ruschi - IBAMA
- Casa da Guarda Florestal - IBAMA

Colaboração: INCAPER
Fonte: Carta IBGE

APOIO

Assembléia Legislativa
IDAF
INCAPER
Sindicato Rural Patronal de Santa Teresa
Sindicato dos Agricultores Familiares e Assalariados Rurais de Santa Teresa
IBAMA
Banco do Brasil
Museu de Biologia Professor Mello Leitão
Sociedade Civil dos Bombeiros Voluntários de Santa Teresa
Jeep Club do ES
Jeep Club de Venda Nova do Imigrante
SEAMA
COOPE-AVI
Lion's Clube de Santa Teresa - Colibri
Secretaria do Estado de Turismo - SETUR

PATROCINADORES

Posto Canaã
Posto Jardim da Montanha
Farmácia Regina
Deputado Estadual Gilson Amaro
Lojas Dandi
Merkal Supermercado
Kurumá Veículos
Pousada Canaã
Restaurante Antonio's
Distribuidora de Bebidas Carretta
Agroquímica Teresense
Ferrari Material de Construção
Delfim e Delfim
Top Rede Supermercados
Hotel Pierazzo
J & A Motos
Comercial Gonzales
Pesque - Pague do Dudu
Smidt Jeans
Reisen Com. de Gás Ltda.
Casa do Adubo
Sicoob

1.º PASSEIO ECOLÓGICO DO ENTORNO DA RESERVA BIOLÓGICA AUGUSTO RUSCHI



Realização: Associação de Produtores e Moradores da Área de Influência da Reserva Biológica "Augusto Ruschi"

PROGRAMAÇÃO

Dia 06 de Abril

- 15:00 h - Carreata percorrendo as ruas da cidade passando pelos pontos turísticos com chegada ao Vale do Caravagio.
- 21:00 h - Baile no Pesque-Pague do Dudu com a Banda Babilônia e Musical Estrelas do Forró.

Dia 07 de Abril

- 08:00 h - Saída do Passeio Ecológico do Country Club percorrendo o entorno da Reserva Biológica Augusto Ruschi.
- 13:00 h - Chegada do Passeio no Country Club.
- 14:00 h - Baile no Pesque-Pague do Dudu com Musical Resistência.

INFORMAÇÕES

INSCRIÇÕES GRATUITAS

Local: Sindicato Rural Patronal de Santa Teresa

Endereço: Ladeira Virgílio Lambert, 144 - Centro
Santa Teresa - ES

Telefone: (27) 3259-1095

Horário: 8:00 às 16:00 h

Participantes Carros 4x4 e Motos

MUNICÍPIO DE SANTA TERESA - ES

DECRETO DE CRIAÇÃO: N.º 87.689 de 20/09/82

Área: 3.600 ha

Perímetro: 60 km

Fauna: Província Zoogeográfica Tupi

Vegetação: Floresta Ombrófila Densa - Floresta Atlântica. Vegetação Secundária

Esta Unidade de Conservação foi originalmente criada sob a denominação de Reserva Biológica de Nova Lombardia. No dia mundial do meio ambiente, 05/06/86, passou a homenagear o pesquisador capixaba, Augusto Ruschi, o qual empresta-lhe o nome.

A cobertura vegetal é caracterizada como sendo do tipo Ombrófila Densa, dominada por espécies de grande porte como o jequitibá, cedro, o angico e é exuberantemente rica em espécies ornamentais. A diversidade de epífitas é muito grande, destacando-se as orquídeas *Laelia xantina*, *Cattleya labiata*, *Ornithocephalus vasburghii* e *Phymatidium lopesii*, sendo as duas últimas endêmicas da região.

Pode-se considerar como relativamente pequena em relação à sua área, com o terreno acidentado e o solo pobre, mas representa uma das últimas reservas florestais regionais, pois a maior parte das áreas circunvizinhas encontra-se bastante alterada.

Além deste fato, também ocorrem espécies ameaçadas de extinção, como o bicudo, o beija-flor-de-rabo-redondo, o piquito rei, o macuco que, apesar de ser encontrado em regiões abertas, também pode ser observado em áreas acidentadas, como as que ocorrem na Serra do Mar; a jacutinga que habita a mata com alta densidade de palmeiras, principalmente o palmito (*Euterpe edulis*), cujas frutificações são incluídas em sua dieta alimentar.

Dentre os mamíferos, o miqui (*Mono carvoeiro*), maior primata americano, e o sagüi-da-serra, outro raro e pequeno símio, encontram-se protegidos nos limites da sua área.

DESCONHECIDA E MUITO FAMOSA

Eis um título sugestivo que poderá aguçar a curiosidade e levar você, talvez, a sonhar ou mesmo idealizar algumas fantasias.

Para você ter uma idéia dessa ilustre personalidade, algumas referências são importantes para você tentar descobrir ou identificar a ilustre personalidade

1 - *Ela se localiza não muito longe de você; e você nem se toca;*

2 - *Pela sua beleza e exuberância, atrai admiradores de outras cidades, inclusive, do exterior que vêm para vê-la, admirá-la e estudá-la;*

3 - *Além de muito bela é poderosa; serve de abrigo aos que são perseguidos, principalmente, os que correm o risco de extermínio;*

4 - *Além de sua imensa bondade e de seus recursos imensos, é uma espécie de "mãe", por garantir a sobrevivência de milhares de seres;*

5 - *Sua beleza é incomparavelmente sedutora, por esses atributos foi eleita uma das mais importantes e completas do mundo;*

6 - *Sua idade: apenas 53 anos; jovem ainda, por mantém todo o seu verdor, encanto e sedução;*

7 - *Com tantos predicados, muitos gostariam de viver próximos a ela, a fim de admirá-la; conviver com ela; amá-la e preservá-la.*

Com todas essas referências, será que você não descobriu quem é essa vizinha "misteriosa e quase desconhecida"?

Estamos falando da **RESERVA BIOLÓGICA "AUGUSTO RUSCHI"**, um recanto aprazível deste município. E, com muito orgulho, podemos afirmar que estamos bem próximos dessa "**vizinha famosa**".

Este é um tributo da ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES E MORADORES DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA RESERVA BIOLÓGICA "AUGUSTO RUSCHI".

ANEXO B

AGENDA DE TURMAS

- Informe-se sobre os custos;
- Faça levantamento dos interessados e solicite a aprovação dos pais;
- Consulte sobre a agenda e marque somente após a certeza da realização da visita.

Duração do programa:

- CASA AUGUSTO RUSCHI : 1:30 h.
- FLORESTA SANTA LÚCIA : 3:00 h. (caminhada em trilha)

Material para caminhada: tênis velho, calça comprida, camisa de manga comprida, boné ou chapéu,
Opcionais: máquina fotográfica e binóculos.

Número máximo de alunos: Casa Augusto Ruschi 90
Floresta Santa Lúcia 50

HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO: De 2ª feira a Domingo

9:00 às 11:00 h

13:00 às 16:00 h

CASA AUGUSTO RUSCHI

Cel. Avancini, 51

Centro

Santa Teresa, ES - BRASIL

CEP: 29.650-000

TELEFONE: (27) 9822835

2506057 (sed

Agradecemos as contribuições e doações.

EXCURSÕES DIDÁTICAS

LIVROS

PESQUISAS / ASSESSORIA

CURSOS / ESTÁGIOS

Patrocínio:



Aracruz
Celulose



Companhia
Vale do Rio



3259-3388

**AUGUSTO
RUSCHI
CASA**

AUGUSTO RUSCHI

A memória do patrono da ecologia brasileira, e o mais ilustre personagem da ciência e cultura capixaba de todos os tempos, é assunto para inspiração, educação e formação dos jovens de qualquer época.

Sua obra científica mais conhecida são os trabalhos com os beija-flores.

Mas tem muito mais:
saúde pública, agricultura, florestas,
estudos aprofundados sobre morcegos,
macacos e orquídeas,
denúncias de políticos corruptos,
planos de desenvolvimento,
profecias ambientais, mas
acima de tudo proteção
às florestas.

Sua sabedoria e conhecimento assombraram os maiores especialistas do mundo. Tornou-se mundialmente famoso com contribuições importantíssimas já nas décadas de 30, 40 e 50. Mas no Brasil e no Espírito Santo isto demorou um pouco mais. O povo de sua terra e até alguns familiares não o compreendiam, e na sua maioria o consideravam como um louco ou excêntrico, de manias estranhas. Foi-se o homem, porém sua obra, sua filosofia, seus ensinamentos, aí estão, vivos e atuais.



Foi declarado como Patrono Nacional da Ecologia por decreto lei federal, em virtude de seus inúmeros trabalhos dedicados à pátria e a

É de se destacar o seu pioneirismo mundial na proteção da biodiversidade e definição de impacto ambiental. politicamente a Assis Chateaubriand e juntamente com auxiliou a escrever algumas páginas da história política do Brasil. Contribuiu com o aperfeiçoamento da tecnologia de fotografia em precisão, o que é hoje usado nos serviços de

Enfim, são tantos os feitos e histórias, que somente um museu podem guardar a história deste sábio Capixaba, que assinala-se como um dos 1000 pensadores da humanidade modeladores do pensamento para o século XXI.

.

ANEXO C

REALIZAÇÃO

Escola Agrotécnica Federal
de Santa Teresa - EAFST

Escola de Ensino Superior do
Educandário Saráfico

São Francisco de Assis - ESESFA

Museu de Biologia

Professor Mello Leão - MBML

Prefeitura Municipal de
Santa Teresa - PMST



Santa Teresa - ES

Período: 27 de maio a
31 de junho de 2002

XIV SEMANA DO MEIO AMBIENTE

XIV SEMANA DE MEIO AMBIENTE - 2002

Objetivo: Envolver os diferentes atores sociais da região de Santa Teresa em atividades que sensibilizem para a causa do Meio Ambiente.

PROGRAMA

Evento: Oficina de Meio Ambiente

Público Alvo: Centro de Treinamento de Menores "Os Colibris"

Data: 27 a 29/5

Horário: 8:00 às 10:00 e 13:00 às 15:00 horas

Local: MBML

Evento: Visita Domiciliar "Conversando sobre o lixo"

Público Alvo: Donas de casa.

Data: 3 a 7/6

Horário: livre.

Executor: Grupo da 3ª Idade "Viver e Reviver"

Evento: Apresentação do Projeto de Criação do Parque Natural Municipal de São Lourenço

Público Alvo: Aberto à população em geral.

Data: 4/6

Horário: 17:30 horas.

Local: Câmara Municipal de Santa Teresa

Evento: Palestra sobre o tema "Uso do Plástico em Embalagens".

Palestrante: Zélia Judith Lóss - Secretária Municipal de Meio Ambiente.

Público Alvo: Comércio em Geral.

Data: 5/6

Horário: 19:00 às 21:00 horas.

Local: Auditório da Casa da Cultura

Evento: Teatro de Bonecos com a peça "No encanto e na magia, há lugar para Ecologia"

Público Alvo: Alunos da pré-escola e séries iniciais do Ensino Fundamental.

Data: 6/6

Sessões: 8:00, 10:00, 13:00 e 15:00 horas

Evento: Caminhada na Natureza: visita às Unidades de Conservação (reservas) locais.

Público Alvo: Alunos das séries finais de Ensino Fundamental das Escolas: Alto Caldeirão,

Sebastião José Pivetta, Frederico Pretti, Antônio Valesini, Santa Catarina, José Pinto Coelho e ESFA.

Data: 10 a 14/6

Horário: 7:00 às 11:00 horas

Local de início das atividades: ESESFA

Monitoramento: professores e alunos do curso de Ciências Biológicas da ESESFA.

Evento: Mostra de Terrários Vegetais: Alunos do Pós-Técnico em Olericultura e Jardinagem da EAFST.

Público Alvo: Aberto à população em geral.

Data: 10 a 15/6

Horário: 7:00 às 22:00 horas

Local: ESFA/ESESFA

Evento: Palestra: "A Profissão do Biólogo"

Palestrante: Representante CRBio - RJ/ES

Público Alvo: Acadêmicos de Ciências Biológicas e interessados.

Data: 14/6

Horário: 13:00 e 18:30 horas

Local: Auditório do ESFA/ESESFA

Evento: Mutirão de Recuperação da Mata Ciliar do Rio Santa Maria do Rio Doce

Responsável: Jacimar Berti Botti

Público Alvo: Alunos do Ensino Médio do Município.

Data: 5/6

Horário: 8:00 horas

Local: EAFST

Evento: Oficinas

Público Alvo: Estudantes dos diversos níveis e interessados.

Data: 14 e 15/6

Horário: 15:00 às 17:30 e 20:00 às 22:30 horas (Sexta-feira)

8:00 às 12:00 e 13:00 às 17:00 horas (Sábado)

Local: ESESFA

Inscrições: Secretaria da ESESFA

Oficinas ofertadas:

1) Fotografia ambiental: 20 vagas - Dia 15/6

Instrutor: Walter Luiz de Oliveira Có

2) Bioinformática: 20 vagas - Dias 14 e 15/6

Instrutor: Phellippe Arthur Santos Marbacl

3) EIA/RIMA: 20 vagas - 14 e 15/6

Instrutor: Jacques Augusto Passamani

4) Montagem de aquários: 30 vagas - Dia 15,

Instrutor: Rosemberg Ferreira Martins

5) Paisagismo: 30 vagas - 14 e 15/6

Instrutor: José Manoel Lúcio Gomes

6) Técnicas de jardinagem: 30 vagas - 14 e 15/6

Instrutor: Márcio Vinícius Ferreira de Souza

Evento: V Passeio Ciclístico à Estação Bio de Santa Lúcia

Público Alvo: Aberto à população em geral.

Data: 16/6

Horário: 7:30 horas.

Local de saída: MBML

Inscrições: MBML

Apoio:

Academia Movimento

Câmara Municipal de Santa Teresa

Cesan

Comercial Cladilmo Ltda.

Divijô

Fiori

Hospital Madre Regina Protmann

Luigi

Museu Nacional/UFRJ

O Boticário

Padaria Laelia

Polícia Militar - ES

REBIO Augusto Ruschi/IBAMA

Sancio Pissaiia & Cia. Ltda

Sociedade dos Amigos do Museu Nacional